

7
DM
SILV/CS.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

TESE DE MESTRADO

Capital Social Comunitário e Participação dos Jovens como
Factores Preponderantes na Construção de Comunidades
Saudáveis

Carina Simões da Silveira; Nº 14108

ORIENTADOR: Prof. Doutor José Ornelas

2008



ISPA
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
C
Número: 17937
Data: 9/2/08
TEL: 21 861 17 50 • info@ispa.pt

Índice

Resumo	1
Introdução	4
A Psicologia Comunitária e as Dimensões do Capital Social	6
O Capital Social, Um Atributo das Comunidades	16
As Relações Sociais Geradoras de Capital Social – Perspectivas de Bourdieu e Coleman 22	
A Importância do Capital Social dos Jovens na Construção de Comunidades Saudáveis	29
O Capital Social dos Jovens e as Outras Formas de Capital	36
A Proximidade e o Capital Social dos Jovens	41
O Capital Social dos Jovens nos Diferentes Grupos	44
Capital Social e Actividade Física dos Jovens	51
Participação Comunitária dos Jovens	55
Envolvimento dos Jovens na Governança	60
Método	77
Participantes	77
Instrumento	79

Design Experimental e Questões de Investigação	80
Procedimento	83
Consistências Internas do Questionário de Capital Social Comunitário	84
Resultados	86
Discussão	107
Referências Bibliográficas	120

ANEXOS

ANEXO A – Consistências Internas das várias Dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário

ANEXO B – Estatística Descritiva das Variáveis Independentes

ANEXO C – Frequências Relativas das Variáveis Independentes

ANEXO D – Análise de Variâncias das várias Dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário

ANEXO E – Correlações entre as várias Dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário

ANEXO F – Comparação Múltipla de Médias

ANEXO G – Análise de Variâncias das Variáveis “Votar”; “Confiança nos Políticos”; “Interesse pela Política”; “Felicidade”; “Televisão” – tendo em conta o factor Género

ANEXO H – Análise de Variâncias das Variáveis “Votar”; “Confiança nos Políticos”; “Interesse pela Política”; “Felicidade”; “Televisão” – tendo em conta o factor Exercício Físico

ANEXO I – Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000)

Índice de Tabelas

Tabela 1. Consistências internas do Questionário de Capital Social Comunitário	84
Tabela 2. Médias e desvio padrão das várias dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário	86
Tabela 3. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Votar nas Eleições da Escola”	88
Tabela 4. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Votar”	89
Tabela 5. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Confiança nos Políticos”	91
Tabela 6. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Confiança nos Políticos”	92
Tabela 7. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável “Interesse pela Política”	93
Tabela 8. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Interesse pela Política”	94

Tabela 9. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Felicidade”	95
Tabela 10. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Felicidade”	96
Tabela 11. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Televisão”	97
Tabela 12. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Televisão”	98
Tabela 13. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Género”	100
Tabela 14. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Género”	101
Tabela 15. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Exercício Físico”	101
Tabela 16. Valores de significância (<i>p-value</i>) das dimensões do questionário em relação ao factor “Exercício Físico”	102
Tabela 17. Variações das médias das variáveis dependentes “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” com a variável independente “Género”	103
Tabela 18. Valores de significância (<i>p-value</i>) das variáveis “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” em relação ao factor “Género”	104

Tabela 19. Variações das médias das variáveis dependentes “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” com a variável independente “Exercício Físico” 105

Tabela 20. Valores de significância (p-value) das variáveis “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” em relação ao factor “Exercício Físico” 106

Resumo

Este estudo pretendeu analisar o capital social comunitário dos jovens de 12º Ano da cidade de Lisboa, no momento anterior ao da entrada na idade adulta, utilizando o Questionário de Capital Social Comunitário, nas suas oito dimensões – confiança; pro-actividade; participação; ligações com a família e amigos; valor da vida; tolerância para com a diversidade; ligações com a vizinhança; ligações com a escola.

Muitos dos estudos sobre o capital social dos jovens são uni-dimensionais, apresentando sérias limitações na compreensão e na análise (Bassani, 2007). Este estudo, debruça-se sobre o capital social juvenil numa perspectiva multi-dimensional e comunitária, abordando vários grupos em que os jovens estão inseridos: a escola, a família e os amigos, e a vizinhança.

Trata-se de um trabalho enquadrado na recente investigação sobre o capital social, que reformula a Teoria da Proximidade (Coleman, 1990), e encara os jovens como tendo um papel activo na produção de capital social e não como meros receptores do capital social gerado pelos adultos (Holland, Reynolds & Weller, 2007; Offer, 2007; Bassani, 2007; Morrow, 2005). O envolvimento dos jovens nos assuntos da vida comunitária tem sido avançado como uma política prioritária no desenvolvimento dos jovens e na construção de comunidades mais saudáveis (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

Utilizando um *design* que apela ao método correlacional e ao método comparativo, foi possível por um lado, uma compreensão aprofundada sobre as correlações existentes entre as várias dimensões do questionário, isto é, os vários elementos que compõem o capital social comunitário, e por outro lado, uma análise comparativa, tendo em conta a relação entre as várias dimensões do capital social comunitário e algumas variáveis

sócio-demográficas – género; idade; votar nas eleições da escola; confiança nos políticos; interesse pela política; felicidade; exercício físico.

As principais conclusões do estudo mostram que existe uma forte correlação entre a participação e a pró-actividade. A análise realizada teve em conta o conceito de participação juvenil a dois níveis (Boyden & Ennew, 1997) – um menos efectivo, relacionado com o fazer parte e estar presente e outro mais efectivo, relacionado com a pró-actividade.

Foi notório também que os jovens com mais interesse pela política e com mais confiança nos políticos possuíam níveis mais altos de pró-actividade, ligações na família e amigos, ligações na escola e ligações na vizinhança e que os indivíduos que mais votam nas eleições da escola, têm também níveis mais altos de ligações na vizinhança e na escola.

Registaram-se correlações significativas entre a pró-actividade e outras dimensões – ligações na família e amigos, as ligações na escola e valor da vida. Por outro lado, foi também evidente uma correlação forte entre as ligações na família e amigos e as ligações na escola.

Verificou-se ainda, que os jovens com níveis mais altos de felicidade possuíam também níveis mais altos em quase todas as dimensões do questionário de Capital Social Comunitário – confiança, pró-actividade, participação, ligações na família e amigos, ligações na escola e valor da vida. Tal facto, faz-nos pensar na íntima relação do capital social comunitário com o sentimento de bem-estar.

Observaram-se diferenças significativas no que respeita à confiança, consoante o género. Constatou-se que os rapazes possuíam níveis mais elevados de confiança do que as raparigas. Dado que a confiança assenta sobretudo na ideia de previsibilidade coloca-

se a hipótese de tal diferença estar relacionada com um ambiente desigual em matéria de direitos.

Foi possível perceber que os jovens que praticam exercício físico têm níveis mais elevados de pró-actividade, ligações na família e amigos, ligações na escola, tolerância para com a diversidade e valor da vida.

Para além da relação existente entre o exercício físico e o valor da vida, também se constatou que a prática de desporto está relacionada com níveis mais elevados de felicidade.

Este estudo dá conta da importância do capital social dos jovens, e da relevância da participação e do envolvimento dos jovens na governança, como factores de desenvolvimento incontornáveis na construção de comunidades mais ricas e mais saudáveis.

Introdução

Este estudo pretende analisar o capital social comunitário dos jovens na cidade de Lisboa. Pretendeu-se analisar esta questão numa idade anterior ao início da vida adulta, daí a escolha da população do estudo – os jovens de 12º Ano.

Trata-se de um trabalho que parte de uma concepção recente de Capital Social Comunitário, que dá relevo ao papel activo que os jovens podem ter na construção capital social e na construção de comunidades mais saudáveis, abordando deste modo o tema segundo uma perspectiva comunitária.

Pensou-se que seria interessante analisar de que forma as várias dimensões do capital social se correlacionam entre si. Falamos da confiança, da participação, da pro-actividade, das ligações na família e amigos, das ligações na vizinhança, das ligações na escola, do valor da vida e da tolerância da diversidade.

Partindo da concepção de Boyden e Ennew (1997) que encara a participação a dois níveis, um mais efectivo, outro menos efectivo, analisou-se com maior profundidade esta questão. É também interessante analisar a participação, não apenas correlacionando esta dimensão com as demais dimensões do questionário, mas também pela inferência estatística, relacionando a participação com as variáveis sócio-demográficas – género, idade, votar, confiança nos políticos, interesse pela política, exercício físico e felicidade. Outra das questões fundamentais do estudo é analisar a importância do exercício físico nas várias dimensões do capital social comunitário dos jovens. Esta é uma questão fundamental nos estudos que analisam o capital social como factor promotor da saúde no geral, e pensou-se que seria interessante abordar esta questão num estudo sobre o capital social dos jovens da cidade de Lisboa.

O conceito de felicidade, que parte da operacionalização do conceito de bem-estar, e a sua relação com os elementos do capital social e com outras variáveis tais como, a felicidade, votar nas eleições da escola, a confiança nos políticos e o interesse pelos políticos, também merecem aqui uma atenção especial.

A Psicologia Comunitária e as Dimensões do Capital Social

Remontando às raízes da Psicologia Comunitária, importa referir que estas estão relacionadas com as mudanças sociais e políticas da comunidade, baseadas nos movimentos americanos anti-pobreza e desintitucionalização das décadas de 1950 e 1960 (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A Psicologia Comunitária tem como um dos seus valores fundamentais, o bem estar de todos os membros da comunidade. Esta disciplina relaciona o bem-estar individual com o contexto social e político mais abrangente, procurando conhecer os impactos das condições ambientais nos problemas de comportamento, facilitar os processos de ajustamento entre as pessoas e os seus ambientes e aumentar a qualidade de vida das comunidades, no sentido de prevenir os problemas sociais e de promover o bem-estar de toda a população (Ornelas, J., 2008).

A Psicologia Comunitária por se centrar nas potencialidades e não nos problemas e nas dificuldades (Kretzmann & McKnight, 1993; Perkins, Crim, Siberman & Brown, *in press*) enfatiza a importância da diversidade e tem na sua agenda de debate, temas como a prevenção, a participação, a pró-actividade, o *empowerment*, a construção de comunidades mais saudáveis (Christenson & Robinson, 1989; Dalton, Elias & Wandersman, 2001; Friedmann, 1992).

Não obstante o facto de o termo capital social ter sido avançado por sociólogos, este tem também merecido a atenção da Psicologia Comunitária e do Desenvolvimento Comunitário (Falk & Filpatrick, 2000; Flora, 1998).

O capital social é um termo que advém das iniciativas de construção comunitária e constitui-se como um ponto cada vez mais popular na retórica política, sendo uma base importante de conversação interdisciplinar (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

O tema do capital social tem sido amplamente discutido nos níveis interpessoal, comunitário, institucional e sociológico, tanto ao nível *bridging* como ao nível *bonding* (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A ideia segundo a qual o capital social diz apenas respeito às estruturas sociais e não aos indivíduos é muito redutora (Perkins, Hughes & Speer, 2002). Tendo em conta a definição de Coleman (1988) e de Putnam (1995), segundo a qual o capital social se refere às normas, redes sociais, confiança mútua que facilita a acção colectiva, é possível perceber que cada um destes termos tem sido amplamente discutido e estudado pela Psicologia Comunitária (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A Psicologia tardou em debruçar-se sobre este conceito, sobretudo numa perspectiva individual que contempla tanto as cognições informais com enfoque na comunidade (sentimento de comunidade), como os comportamentos informais (*neighbouring*), mas também as cognições formais (*empowerment*) e os comportamentos organizados de modo formal (participação) (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

O capital social opera tanto no nível individual (micro-social) como no nível colectivo (macro-social) e deste modo, a Psicologia Comunitária propõe-se a abordar estes dois níveis (Perkins, Hughes & Speer, 2002). Ao nível individual, compreendendo o valor das relações sociais individuais, as noções de suporte social, sentimento de comunidade, *empowerment* psicológico e os benefícios que resultam das relações e da participação cívica. Ao nível colectivo, entendendo o capital social como uma qualidade dos grupos, das redes sociais e das instituições, das comunidades e das sociedades. Enfatizando portanto, a natureza colectiva do fenómeno: as normas de reciprocidade e o grau de integração social (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Para além destes conceitos que têm sido estudados pela Psicologia Comunitária, existem ainda outros conceitos psicológicos relacionados com o capital social e de grande importância no desenvolvimento comunitário. Falamos de conceitos, tais como: o suporte social, o comunitarismo, a vinculação ao local, a satisfação comunitária, o orgulho, a confiança (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A Psicologia tem uma importância extrema no debate sobre o capital social, se tivermos em conta que os factores psicológicos estão na base da motivação dos indivíduos para participar, para manter essa participação e na base de como os comportamentos e as aspirações interagem no sentido de promover o efectivo capital social (Perkins, Hughes & Speer, 2002). Os factores psicológicos e comportamentais operam simultaneamente nos níveis de análise individual, organizacional e comunitária (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Perkins e os seus colaboradores (2000) partilham a opinião de que o capital social deve ser analisado através de uma estrutura multi-nívelar, tanto nas concepções individuais psicológicas e comportamentais, como nas concepções ao nível das redes comunitárias e institucionais. Por outro lado, estes autores chamam à atenção para o facto de o *bonding* interpessoal ser útil na catalisação da participação comunitária e do envolvimento, e no quanto o *bridging* pode aumentar o poder, o acesso e a aprendizagem.

Dois dos primeiros psicólogos que se focaram no capital social (Saegert & Winkel, 1998) mediram-no em termos comportamentais e individuais, focando-se informalmente nos comportamentos individuais de *neighbouring* e formalmente, na participação organizada e na actividade de liderança.

Esta distinção entre formal e informal é de extrema relevância e está relacionada com as funções *bridging* (formal) e *bonding* (informal) do capital social.

Perkins e Long (2002) propõem quatro dimensões do capital social. Primeiro, umas relacionadas com a cognição e a confiança e que podem ser tanto informais (sentimento de comunidade) como formalmente organizadas (eficácia colectiva e *empowerment*). As outras dimensões dizem respeito ao comportamento social e também podem ser informais (*neighboring*) ou formalmente organizadas (participação comunitária).

Esta estruturação resulta numa definição de capital social a um nível psicológico e individual, que engloba quatro dimensões. E embora cada uma destas dimensões seja diferente entre si, estão relacionadas umas com as outras.

Sentimento de Comunidade (cognição informal)

Trata-se do “*sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo sempre disponível e da qual podemos depender*” (Sarason, 1974:1). O autor acrescenta ainda que ter este sentimento previne que as pessoas experimentem sentimentos de solidão e que vivam estilos de vida emocionalmente disruptivos.

Muitos autores corroboram a definição de McMillan e Chavis (1986) de sentimento psicológico de comunidade que inclui quatro dimensões: a) a pertença; b) uma ligação emocional partilhada; c) a influência; d) a satisfação das necessidades. A pertença tem que ver com o fazer parte do grupo (McMillan & Chavis, 1986). O outro elemento da ligação emocional partilhada, é um sentimento de intimidade e proximidade, resultante do compromisso e crença de que os membros partilharam e irão partilhar uma história, lugares comuns, tempos juntos e experiências similares (McMillan & Chavis, 1986). A influência é definida pelos autores como “*um sentimento de importância, de fazer a diferença para o grupo e de o grupo ser importante para os seus membros*” (McMillan

& Chavis, 1986: 9). O quarto e último elemento que diz respeito à satisfação das necessidades trata-se do “*sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos recebidos pelo seu estatuto de membro no grupo*” (McMillan & Chavis, 1986:9)

O sentimento de comunidade é um indicador muito valioso da qualidade da vida comunitária e um consistente catalisador para ambas as dimensões comportamentais do capital social: a participação organizada e o *neighboring* informal (Chavis & Wandersman, 1990; Garcia, Giuliani & Wiesenfeld, 1999; Itzhaki & York, 2000; Perkins et al., 1990; Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001; Wandersman & Gianmartino, 1980).

A ligação à participação organizada, foi encontrada tanto num nível individual, como num nível comunitário (Brodsky *et al.*, 1999; Perkins, Brown & Taylor, 1996; Perkins & Long, 2002). A participação também pode reforçar o sentimento de comunidade (Hughley, Speer & Peterson, 1999). O sentimento de comunidade tem vindo a ser ligado tanto ao *empowerment*, como aos contextos organizacionais (Speer, Jackson & Peterson, 2001) e de *neighboring* informal (Chavis & Wandersman, 1990; Perkins & Long, 2002). Outras correlações incluem a satisfação comunitária e as amizades locais (Perkins, et al., 1990; Sampson, 1991), o clima residencial social e o bem-estar (Pretty, 1990), o comunitarismo, o controlo social informal, a diminuição do medo do crime e vandalismo (Perkins *et al.*, 1990), tipo de zona comum (Li, 1998), identidade comunitária minoritária (Sonn & Fisher, 1998), investimento na construção dos processos comunitários (Garcia *et al.*, 1999) e mais satisfação na vida e menos solidão (Prezza et al., 2001).

***Empowerment* (cognição formal)**

Em relação ao *empowerment* (cognição formal/*bridging*) este tem sido largamente estudado pela Psicologia Comunitária e tem sido definido como o processo pelo qual as pessoas ganham controlo sobre as suas vidas, e sobre as suas comunidades (Rappaport, 1987).

Para a Psicologia Comunitária o *empowerment* tem vindo a tornar-se numa área de intervenção crucial e um dos seus principais objectos de estudo, pois permite o entendimento da especificidade e da qualidade das relações entre os indivíduos e a comunidade, entre as várias organizações nas comunidades e destas últimas com o sistema social e político (Ornelas, 1997).

O *empowerment* é um processo intencional e contínuo na sociedade local e envolvendo respeito mútuo. Usa uma linguagem *empowered*, ou seja, realça as qualidades em vez dos défices.

A perspectiva de *empowerment* num contexto comunitário segundo Rappaport (1992), consiste em identificar, facilitar ou criar contextos em que as pessoas isoladas ou silenciadas possam ser compreendidas, ter uma voz e influência sobre as decisões que lhes dizem directamente respeito ou que de algum modo, afectem a sua vida

Ao nível local, o *empowerment* é um instrumento que se liga com o capital social por se focar na eficácia individual, na confiança, nas competências e na reflexão crítica. Tudo isto está relacionado com o nível *bridging* (formal), grupal e organizacional (respeito mútuo, participação, troca e aquisição de recursos) e também ao nível comunitário (mudança social) (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Devemos entender o *empowerment* enquanto facilitador da qualidade de vida e da participação, mas não devemos esquecer que estes factores são também indicadores de

empowerment (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Assim, seguindo Perkins e Long (2002) importa acrescentar a ideia de confiança comunitária formal e informal – ou os processos cognitivos com foco comunitário (perceptuais e de significação) dos indivíduos – para os comportamentos formais e informais pró-comunidade.

Fisher e Sonn (2002) possuem uma perspectiva mais dinâmica que capta as mudanças comunitárias em termos da história partilhada, dos símbolos comuns e do desenvolvimento.

Neighboring (comportamento informal)

No que respeita ao *neighboring*, trata-se da ajuda instrumental que nós fornecemos ou retiramos dos outros membros. O *neighboring* está relacionado com a participação e com as variáveis *bonding* – sentimento de comunidade (Perkins, Hughes & Speer, 2002). De salientar que *neighboring*, segundo Perkins e os seus colaboradores (2002) é o mais forte indicador da participação nas organizações comunitárias.

A proximidade dos vizinhos permite a promoção de oportunidades para os membros das redes sociais (Chavis & Wandersman, 1990).

Será pertinente clarificar a distinção entre *neighboring* e sentimento de comunidade. Enquanto que o primeiro está relacionado com a totalidade de interações sociais entre os vizinhos pertencentes a uma dada vizinhança reflectindo deste modo, a quantidade dos laços, o segundo refere-se aos aspectos qualitativos como o sentimento de pertença, a influência mútua, o ser importante para os outros, enfatizando as crenças e as expectativas sobre a vizinhança (Skjaeveland, Gärling & Maeland, 1996).

Unger e Wandersman (1985) definem *neighboring* como a interacção social, a interacção simbólica, e a vinculação dos indivíduos com as pessoas que vivem à sua volta no mesmo local. Os autores complementam esta ideia referindo que a interacção social se refere às actividades de envolvimento dos vizinhos, tais como colaborar numa causa comum, pedir auxílio e prestar auxílio e as visitas ou encontros informais.

Perkins e seus colaboradores (1990) adiantam que os comportamentos *neighboring* permitem um melhor conhecimento dos problemas partilhados muito útil na acção colectiva. As interacções entre os vizinhos são indicadores de sucesso das vizinhanças e conduzem a níveis mais altos de participação (Perkins *et al.*, 1990; Unger & Wandersman, 1985).

Participação (comportamento formal)

A participação dos cidadãos (dimensão comportamental formal) tem sido aprofundada pela Psicologia Comunitária, estando associada a comunidades mais fortes em termos de *empowerment*, sentimento de comunidade, *neighboring* e com uma variedade de vinculações comunitárias positivas (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A participação tem sido definida como o processo através do qual os indivíduos fazem parte das decisões dentro das instituições, dos programas e dos ambientes que os afectam (Florin & Wandersman, 1990). A participação dos cidadãos refere-se portanto, ao processos colaborativos de tomada de decisão que permitem o envolvimento de todos os membros da comunidade (Dalton, Elias & Wandersman, 2001). Deste modo, referimo-nos à capacidade de uma dada comunidade participar na identificação dos problemas que a afecta, de se organizar de forma mais eficaz no sentido de uma melhor adequação das respostas face às suas necessidades (Ornelas, J., 2008).

A participação pode ter variadíssimas formas, entre as quais, é possível destacar a participação nos comités, a participação na vizinhança, influenciando as políticas locais, a participação em organizações comunitárias locais, a participação em movimentos cívicos que influenciam a política social (Florin & Wandersman, 1990).

A participação por sua vez, também possui uma variedade de benefícios a vários níveis – nacional, comunitário, interpessoal e individual (Florin & Wandersman, 1990). A investigação sugere que a participação dos cidadãos está relacionada com o desenvolvimento das vizinhanças e das comunidades, com laços interpessoais mais fortes, com sentimentos de eficácia pessoais e políticos (Florin & Wandersman, 1990).

Confiança

A confiança comunitária sendo um antecedente potencialmente importante do capital social, merece também aqui a nossa atenção. A falta de confiança pode fazer prever um desinvestimento económico e residencial (Perkins, Hughes & Speer, 2002). A confiança está significativamente relacionada com a eficácia colectiva, com o *neighboring*, com a participação, com o sentimento de comunidade e com a vontade de mudança (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

“A existência de confiança não só cria um ambiente de credibilidade, conseqüentemente, de legitimidade, como fortalece o contrato social (...). A credibilidade de um sistema político e seu eficiente desempenho, portanto, depende do grau de confiança que as pessoas têm nas instituições (...) Sem confiança a democracia não sobrevive.” (Baquero, R., 2003:96-100).

Trata-se de um elemento chave para a consolidação do capital social, promovendo a cooperação, característica fundamental das relações horizontais.

Todavia, não confundamos confiança com altruísmo, dado que se trata da previsão de um comportamento, onde a confiança pessoal se transforma em confiança social, facto que requer obviamente, regras de reciprocidade.

Fukuyama (1995) é mais conhecido pela sua integração do capital social e confiança e por trabalhar numa perspectiva económica e não numa perspectiva sociológica como Coleman, nem numa perspectiva da ciência política, como Putnam. Segundo Fukuyama, é o nível de confiança inerente a uma dada sociedade que condiciona a sua prosperidade e o seu grau de democracia, tal como a capacidade para competir economicamente.

Será importante que qualquer definição de capital social se foque nas suas origens e não nas suas consequências, no que é que o capital social é antes de fazer (Woolcock, 2001). Neste sentido, esta abordagem elimina uma entidade como a confiança da definição de capital social. Confiança é sem dúvida vitalmente importante mas deverá ser compreendida como um resultado (Woolcock, 2001).

Francis Fukuyama (1999) reforça a ideia de confiança na sua abordagem ao conceito, referindo: o capital social pode ser definido simplesmente como o conjunto dos valores e das normas informais partilhadas pelos membros de um grupo e que permita a cooperação entre eles. Se os membros do grupo esperarem dos outros uma atitude honesta e de confiança, confiarão nos outros. A confiança é um lubrificante que torna o corredor de um grupo ou organização mais eficiente.

O Capital Social, um Atributo das Comunidades

“Os indivíduos não podem ser compreendidos olhando apenas para os seus corpos ou cérebros, é necessário olhar para dentro das suas redes, dos seus locais de trabalho, das suas famílias e até das trajectórias das suas vidas” (Lomas, 1998: 1182).

A orientação ecológica adoptada pela Psicologia Comunitária, abarca na sua análise as influências fortes dos grupos e do comportamento colectivo e de como é que os indivíduos variam nesse contexto colectivo.

A orientação ecológica tem aplicabilidade no capital social, particularmente nos aspectos *bridging* ao nível das redes sociais e de organização colectiva (Perkins, Hughes & Speer, 2002). A orientação ecológica dirige a atenção para os numerosos níveis de influência – grupos organizações, comunidades e regiões (Perkins, Hughes & Speer, 2002). Qualquer que seja o nível de análise, a Psicologia Comunitária, procura entender as características dos contextos particulares que influenciam, moldam e confirmam o comportamento dos indivíduos ou dos agregados colectivos nesses contextos (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Se tomarmos como ponto de partida o capital social num nível comunitário de análise, teremos que ter em conta, não só as instituições e organizações numa dada comunidade, mas também a redes sociais e as suas relações (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

O construto do capital social desafia a Psicologia Comunitária a ter em conta as oportunidades das instituições comunitárias, incluindo as organizações económicas e sociais que constituem o cenário, sobre o qual, a experiência individual da vida comunitária se desenvolve (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Enquanto que a conceptualização teórica e a construção do capital social, dentro de um enquadramento sociológico, foi atribuído a Coleman (1988, 1990), esta transfere-se para

o nível macro, sendo fortemente influenciada pelo trabalho de Putnam (1993, 1995, 1996, 2000). Na análise ao governo regional em Itália, Putnam (1993) refere que a pertença a associações e a movimentos cívicos é um factor determinante na qualidade da governança. De facto, uma análise histórica sugere que estas redes de reciprocidade organizada e de solidariedade cívica, longe do fenómeno da modernização socioeconómica, foram uma pré-condição para o sucesso das comunidades (Putnam, 1993).

Putnam desenvolveu o conceito de capital social, como um atributo das comunidades. Define o capital social como as redes, normas e confiança que possibilitam que os participantes ajam de forma mais efectiva e persigam os objectivos partilhados (Putnam, R., 1995).

Não existe um conflito entre a visão do capital social tendo uma base individual, e a visão do capital social tendo uma base comunitária (Putnam, 1995). Pensar o capital social individual é um pré-requisito para conseguir pensar sobre a formação do capital social comunitário.

Como o capital social individual está muito próximo do capital humano, um investimento no capital humano será um investimento no capital social (Putnam, 1993, 1995).

Segundo Putnam (1995) capital social é um conjunto de elementos (confiança mútua, cooperação, interesse e participação nas questões políticas) que conferem poder às pessoas, isto é, capacidade de contribuir para a coesão social e para a integração da comunidade nas questões públicas que norteiam a vida das comunidades, no sentido do desempenho social positivo.

Putnam (1995) insere o capital social numa categoria heurística para explicar os problemas da acção colectiva, cuja solução supera a proposição dos seguidores do individualismo metodológico.

Para os seguidores do individualismo metodológico, a acção colectiva seria resolvida através do cálculo racional, onde os participantes tomam as suas decisões com base numa análise de custo-benefício, estando os resultados aquém do seu potencial, dado que os participantes desconfiam uns dos outros, materializando esse sentimento nas suas decisões.

Em contraposição com o individualismo, Putnam (2000), refere a existência de uma preocupação com o bem-estar colectivo quando existe coesão da sociedade e da comunidade cívica. O autor considera que os processos sociais possuem a lógica da confiança, onde o actor decide, crendo, confiando no outro. A decisão do indivíduo não visa necessariamente, o benefício individual imediato, mas sim o benefício da comunidade, cuja fonte é a confiança de que, mesmo no futuro, o outro, ou os outros, farão o mesmo (Putnam, 2000). Tal lógica possui regras bem definidas com sanções para quem não cumpre. Para o autor, o processo social que produz como resultado o bem comum, baseado na confiança, na reciprocidade e na solidariedade, é definido por capital social (Putnam, 2000).

As normas de reciprocidade generalizada, alimentam um sentimento de confiança, que influencia o desempenho político e económico. Tais normas implicam a existência de uma crença de que o comportamento altruísta de agora, contribui para o bem-estar que será retribuído no futuro. As redes de engajamento cívico tornam mais fortes as normas de reciprocidade (Putnam, 1995).

Indivíduos com mais capital social possuem uma melhor articulação e agregação de interesses, no âmbito interno e externo. Para a formação do capital social, é necessário produzir e catalisar os laços comunitários de solidariedade, que se pressupõem sobretudo horizontais.

Quanto maiores forem os segmentos participantes da formação do capital social, maior será também a probabilidade de sucesso (Woolcock, 2001).

Putnam (2000) e Coleman (2000) teorizam sobre as condições sobre as quais as instituições públicas conseguem mobilizar os recursos sociais, no sentido de obter melhores resultados, no que toca ao bem-estar colectivo.

“Ao longo da história (...) as normas e os sistemas de participação cívica promoveram o crescimento económico, em vez de o inibir. Tal efeito, continua até hoje. Nas duas décadas transcorridas desde a criação dos governos regionais, as regiões cívicas cresceram mais rapidamente do que as regiões onde há menos associações e mais hierarquia (...). A teoria (aqui) formulada (...) ajuda a explicar que o capital social, corporizado em sistemas horizontais de participação cívica, favorece o desempenho do governo e da economia, e não o oposto: sociedade forte, economia forte, Estado forte.”
(Putnam, 2000:186).

O capital social é um termo que considera as características culturais, a existência de confiança, de reciprocidade e de solidariedade na sociedade civil, fundamentais para o aperfeiçoamento da democracia, das comunidades, das pessoas e inclusivamente da sociedade política (Putnam & Goss, 2002).

Para Putnam (1995), a diferença que existe na natureza das organizações associativas deve-se a motivos culturais.

A distinção mais comum estabelecida aquando do debate do capital social é entre

bridging, bonding e linking.

Putnam sugere que capital social *bonding* é bom para a mudança e que capital social *bridging* é crucial para seguir em frente. O autor diferencia *bridging* de *bonding* referindo, “*capital social bonding é um tipo de super-cola sociológica e capital social bridging é um WD 40 (lubrificante e anticorrosivo)*” (Putnam, 2000: 19).

A distinção entre *bridging* e *bonding* tem que ver, sobretudo, com o facto de o primeiro se referir aos laços entre grupos heterogêneos e o segundo, aos laços dentro do próprio grupo homogêneo. Deste modo, conclui que o capital social *bridging* apesar de ser caracterizado por laços mais fracos é fundamental para a progressão (Putnam, 2000).

A ideia de Putnam sobre o capital social *bridging* não é nova. Granovetter em 1973, em “*The Strength of Weak Ties*”, também sugeria que os laços fracos eram um importante recurso na mobilização de oportunidades.

O capital social *linking* refere-se às relações entre os indivíduos e grupos tendo em conta uma relação hierárquica (Cote & Healy, 2001). Trata-se portanto dos laços estabelecidos entre indivíduos ou grupos com outros grupos com poder, como por exemplo, as instituições governamentais. Woolcock (2001) inclui aqui também a capacidade de impulsionar recursos, ideias e informação de instituições formais para além da comunidade.

A abordagem da Psicologia Comunitária sobre capital social comunitário refere que este é constituído tanto pela presença física (relações *bonding*), como pela mistura de instituições e organizações (relações *bridging*), embora dê mais relevância às relações horizontais (*bonding*) (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Falk e Filpatrick (2000) enfatizam aquilo a que chamam nível meso do capital social, que representa para estes autores a manifestação do nível comunitário do capital social.

Importa referir que as instituições comunitárias incluem todas as instituições cívicas, económicas, públicas e privadas (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Granovetter e Burt (2002) sublinham o valor dos laços fracos nas redes sociais que servem de limite para acolher as oportunidades, através das quais, os indivíduos adquirem recursos.

Aqueles que desenvolvem a comunidade têm influência nos resultados ao nível do desenvolvimento comunitário, dado que este depende da capacidade de detecção e modificação das relações *bridging* (institucionais), gerando e controlando os recursos (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

Os autores também referem que esta inter-dependência pode ser ou não desenvolvida de modo intencional. A inter-dependência está presente nos elementos que podem ser em grande quantidade ou em pequena quantidade, podem estar mais envolvidos ou menos envolvidos, podem ser relativos a instituições ou organizações (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A diversidade das instituições ligadas entre si, por pontes, é encarada pela perspectiva ecológica como uma fonte de factores comportamentais que promovem o capital social e estimulam a adaptação (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

As Relações Sociais Geradoras de Capital Social – Perspectivas de Bourdieu e de Coleman

Bourdieu identifica três dimensões de capital – capital económico, cultural e social. Para o autor, as relações sociais são usadas para promover a capacidade de um actor avançar nos seus interesses e o capital social é um recurso nas lutas sociais: capital social é “ *as soma dos recursos, reais ou virtuais, que beneficia um grupo ou um indivíduo em virtude de possuir uma durável rede de relações mais ou menos institucionalizadas de reconhecimento e de reconhecimento*” (Bourdieu, 1980: 2).

Deste modo, o capital social tem duas componentes: é, em primeiro lugar, um recurso relacionado com a pertença a um grupo (Bourdieu, 1980). “*O volume de capital social possuído por um dado agente depende do tamanho da rede de conexões que pode efectivamente mobilizar*” (Bourdieu, 1986: 249). Em segundo lugar, é a qualidade produzida pela totalidade das relações entre os actores, em vez de ser meramente a qualidade do grupo (Bourdieu, 1980).

Bourdieu criticou o estruturalismo pela aceitação acrítica da existência de estruturas condutoras das acções dos indivíduos. Tal como Coleman, também Bourdieu entende que a explicação da realidade social exige não somente o conhecimento do nível macro, mas também da compreensão das estruturas individuais.

Bourdieu (1980), aborda o conceito de capital social como o agregado de recursos actuais e potenciais, que estão ligados por uma rede durável de relações de conhecimento e reconhecimento mútuo. Para o autor, o capital social está relacionado com uma rede de reciprocidade entre os indivíduos.

“O volume de capital social que um agente individual possui, depende então da existência da rede de relações que ele pode efectivamente mobilizar e do volume do

capital (económico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a que está ligado” (Bourdieu, 1980: 67).

Bourdieu (1980) alargou o termo de capital social para além dos limites económicos, aplicando-o a dimensões não materiais e simbólicas, embora possibilitadoras do acesso aos recursos económicos.

Para alcançar o capital social, uma pessoa deve relacionar-se com outras pessoas e não é o outro, apenas o outro, a fonte da sua vantagem (Portes, 1998).

No final dos anos de 1980, Coleman dá uma outra relevância à elaboração teórica de Bourdieu acerca do Capital Social. De acordo com Coleman, “o capital social é definido pela sua função. Não é uma entidade singular, mas uma variedade de diferentes entidades, com dois elementos em comum: todos eles se baseiam no mesmo aspecto das estruturas sociais e facilitam certas acções dos actores dentro da estrutura” (Coleman, 1988: 98).

James Coleman, ficou conhecido em 1966, por referir que o desempenho escolar das crianças negras e pobres, era melhor nos locais em que não existia segregação racial.

Em 1981, as suas opiniões causaram novamente polémica, quando concluiu que a educação nas escolas católicas era superior à das escolas privadas devido ao facto de valorizarem mais os laços do grupo.

O conceito de capital social proposto por Coleman (1988), vem permitir uma melhor compreensão da racionalidade da acção dos indivíduos, na produção de bens colectivos. Coleman (1988) procurou uma resposta para a velha questão de produção de bens colectivos: porque é que comunidades com recursos económicos e humanos semelhantes, têm capacidades diferentes de resolver os seus próprios problemas pela acção colectiva? A resposta implícita na teoria de Coleman e mais amplamente

explicada por Putnam (1994) seria que as comunidades com um nível mais elevado de capital social, são compostas por indivíduos que confiam mais uns nos outros, facilitando a acção colectiva e permitindo um melhor aproveitamento dos recursos económicos e humanos.

Deste modo, é possível compreender melhor as relações de confiança favoráveis à acção colectiva organizada, entre os indivíduos. Este autor considera também, que os indivíduos podem usar instrumentos (máquinas, ferramentas,...) – capital físico –, e as suas habilidades e conhecimentos pessoais – capital humano. Contudo, refere ainda a existência de outra forma de capital, na medida em que entre actores sociais há interdependência. Trata-se de um capital que não se localiza nos indivíduos, mas nas relações entre eles (Coleman, 1990).

Coleman (1990), na sua obra cita então alguns tipos de relações sociais que podem ser geradoras de capital social: as relações de expectativa e obrigação entre indivíduos, a existência de normas com sanções e prémios, as relações de autoridade que implicam uma compensação financeira, as relações que permitem ao indivíduo obter informações do seu interesse, por um baixo custo.

Um factor importantíssimo quando se fala de capital social, é a confiança mútua existente entre indivíduos que tem por base o conceito de reciprocidade.

Os indivíduos ao envolverem-se nalguma organização social, para atingir fins comuns, desenvolvem relações de confiança mútua ao longo do seu percurso e são as relações de confiança, que poderão vir a ser utilizadas no futuro até em fins que ultrapassam muitas vezes os fins dessa organização.

Coleman (1990) em “*Foundations of Social Theory*”, começa por entender o sistema social como a totalidade dos comportamentos dos indivíduos, dizendo que o conceito de

sistema social, embora sendo uma abstracção, não deixa de ser uma abstracção importante.

De acordo com Coleman (1990), o capital social pode ter três formas. Uma primeira, referente às obrigações e expectativas que dependem da confiança do ambiente social. Uma segunda, que diz respeito à capacidade da informação fluir através da estrutura social, no sentido de promover a base da acção. E uma última forma, que se refere à presença de normas acompanhadas de sanções efectivas.

Schuller (2001) sugeriu que o contributo de Coleman combina as perspectivas económica e sociológica na análise do impacto do capital social. A abordagem de Coleman baseou-se na visão do capital social como um recurso que pode beneficiar os indivíduos e as comunidades. O autor encarou tais recursos como sendo constituídos através de processos. Coleman ao sublinhar a importância das obrigações, das expectativas e da confiança sistematiza este processo – *se A faz algo por B e confia na reciprocidade de B no futuro, tal estabelece uma expectativa em A e uma obrigação em B* (p. 102) – refere que os canais de informação e a partilha de informação, facilitam a acção, tanto dos indivíduos, como das comunidades.

Deste modo, identifica três elementos básicos dos sistemas sociais, são eles: os actores e os seus interesses; os recursos necessários de modo a satisfazer tais interesses; o controlo desses recursos.

Coleman (1990) na sua teoria social refere três momentos: um primeiro momento, situado no nível micro, onde se dá a compreensão das acções sociais praticadas por indivíduos; um segundo momento, de transição do nível micro para o nível macro, em que se entende a forma como eventos individuais podem resultar em mudanças sociais;

por último, um terceiro momento de transição do nível macro para o nível micro, isto é, a influência dos aspectos da sociedade nos indivíduos.

Segundo o autor, o que ocorre no nível micro, ou seja, as acções praticadas pelos indivíduos, constituem os nexos causais que ligam os fenómenos do nível macro, uns aos outros.

A micro-análise permite compreender o sistema social que não poderá, de forma nenhuma, ser entendido somente, através do nível social (Coleman, 1990).

Preocupado em aprofundar o conhecimento sobre o comportamento do sistema social, Coleman (1990) considera essencial conhecer o comportamento dos indivíduos. Mas esta opção pelo individualismo metodológico, que tem as suas raízes em Weber, não é de forma nenhuma radical. Coleman refere na sua obra (1990), que uma explicação baseada apenas no nível micro, não é satisfatória e não nega que os fenómenos do nível macro, como por exemplo as normas, tenham poder de coerção sobre os indivíduos.

“Alguns teóricos da escolha racional, armados com a maximização da utilidade como um princípio de acção, tomam o conceito de norma como inteiramente desnecessário. Fazer isso, no entanto, é ignorar importantes processos no funcionamento do sistema social, e portanto, limitar a teoria” (Coleman, 1990: 242).

Critica assim, o funcionalismo por tomar as normas como dadas, sem problematizar a sua origem e manutenção.

O autor debruça-se sobre a importância da emergência e manutenção das normas, entre um conjunto de indivíduos racionais. A sua questão reside no facto de como indivíduos racionais, em obediência a uma norma, renunciam a realizar certas acções que lhes poderiam trazer benefício e realizam acções que trazem benefício aos outros. Fala então, da racionalidade do altruísmo, ao abordar o problema da produção de bens colectivos.

Seguindo a Teoria Social de Coleman, é possível localizar o conceito de norma no contexto dos três componentes. *“As normas são constructos situados no nível macro, baseadas em acções racionais no nível micro, mas criadas sob certas condições através de uma transição de micro para macro”* (Coleman, 1990: 244)

Centrando-se no modo apropriado de fazer a transição do nível micro para o nível macro, Coleman (1990) adianta que tal não acontece pelo simples somatório de disposições, atitudes ou crenças, isto é, comportamentos individuais.

A principal característica da teoria da escolha racional prende-se com o pressuposto de que os actores sociais, agem racionalmente, para atingir os seus fins, realizando um cálculo de maximização da utilidade, ou seja, os indivíduos procuram obter o máximo de resultados favoráveis aos seus objectivos, com o mínimo de custos. Não obstante este enfoque na acção racional, não ignora que as acções humanas possam ser irracionais. Na teoria de Coleman a racionalidade é entendida de forma mais ampla, não se resumindo apenas às compensações materiais. Os fins podem passar pelo respeito, pela honra, pelo orgulho, pelo amor, etc.

Coleman (1990), entende o capital social como uma possibilidade de facilitar a acção de diferentes tipos de actores sociais. *“Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objectivos que seriam inalcançáveis se este não existisse (...). Por exemplo, um grupo cujos membros mostrem e que depositem, ampla confiança uns nos outros, é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiança (...). Numa comunidade rural (...) onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor*

realizar o seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamento” (Coleman, 1990: 302-307).

Para Coleman (1990), o conceito mostra como a estrutura social do grupo pode funcionar como recurso para os indivíduos que fazem parte do grupo.

A confiança mútua, as fontes de informação, as normas e os mecanismos de sanção, as relações de autoridade, são elementos de coesão interna, determinantes para a potencialização do desenvolvimento social e económico dos seus integrantes (Coleman, 1990).

Contrariamente ao que Coleman referia, Bourdieu não considera correcto pensar os indivíduos como actores racionais. Para o autor, os indivíduos não avaliam as chances das suas acções serem bem sucedidas, de maneira racional. *“Os sujeitos são de facto agentes que actuam e que sabem, dotados de um senso prático (..) de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (a que habitualmente chamamos gosto, de estruturas cognitivas duradouras e de esquemas de acção que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O habitus é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação”* (Bourdieu, 1994: 42).

Ambos os autores, Coleman e Bourdieu, são da opinião de que onde existe mais capital social, existe também um melhor aproveitamento dos recursos económicos (capital económico) e dos recursos humanos (capital cultural). Por outro lado, os autores pensam que o capital social para se manter, depende da contínua activação das relações sociais.

A Importância do Capital Social dos Jovens na Construção de Comunidades

Saudáveis

Só recentemente a investigação na área do capital social tem sublinhado o papel deste no desenvolvimento dos jovens (Offer, S., 2007). Importantes resultados, ao nível do funcionamento cognitivo e social e ao nível do bem-estar e sucesso educativo, têm sido associados a altos níveis de capital social nas famílias e nas comunidades (Offer, S., 2007). Porém, os mecanismos através dos quais, o capital social na comunidade é criado e acumulado, ainda não foram claramente compreendidos (Offer, S., 2007).

A extensa literatura do capital social indica que os recursos sociais podem facilitar os resultados positivos respeitantes ao fenómeno social no geral, relacionados com o bem-estar dos jovens, a redução das gravidezes na adolescência, a delinquência, o insucesso escolar e os maus tratos (Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Teachman, Paasch & Carver, 1996, 1997; Putnam, 2000).

Dando os dois focos intra-familiar e inter-familiar, a teoria do capital social pode facilitar um melhor entendimento, não só nas interações dentro das famílias, mas também ao nível meso nas interações entre as famílias e as suas comunidades envolventes e como estas interações, podem influenciar o bem-estar dos jovens (Coleman, 1988).

As experiências dos jovens têm vindo a ser negligenciadas (Holland, Reynolds and Weller, 2007). Mais recentemente contudo, um crescente corpo teórico tem-se vindo a focar especificamente nos jovens (Holland, Reynolds and Weller, 2007). Todavia, ainda está pouco compreendida a relação entre o capital dos jovens e o bem-estar (Bassani, 2003; Dadich, 2003; Morrow, 2000) e entre o capital social dos jovens e a exclusão

social (Raffo & Reeves, 2000).

Os jovens estão integrados em diversos grupos, passam muito do seu tempo na escola, na vizinhança, perto das suas casas, brincando na rua, pertencem a grupos desportivos (Morrow, V., 2005).

A Teoria do Capital Social até ao final da década de 1990, não encarava os jovens como cidadãos activos, daí que estes tenham vindo a ser excluídos da participação cívica devido à sua idade. A investigação existente sobre o capital social não define de forma adequada o conceito de comunidade e assume o capital social dos jovens, como derivando, simplesmente, do capital social dos seus pais ou cuidadores (Morrow, V., 2005).

Existem registos de experiências de mudanças positivas, particularmente em pequena escala, mas muito necessita de ser feito para que esta mudança se generalize e a participação dos jovens possa ser de facto efectiva e a um nível nacional (Morrow, V., 2005).

Shaefer-McDaniel (2004) refere que os “pais teóricos” do capital social, Putnam, Coleman e Bourdieu, encaram predominantemente, os jovens como possuindo um papel passivo na recepção dos benefícios do capital social dos pais, ao invés de os encararem como produtores activos e consumidores no seu próprio direito.

Por exemplo Putnam (2000), enfatiza a importância do capital social dos pais e o seu envolvimento no desenvolvimento dos sucessos educacionais dos jovens e faz um pequeno reconhecimento da influência das suas próprias redes tanto na utilização como na produção de capital social (Holland, Reynolds and Weller, 2007). Curioso que, muito

do capital social dos pais se constrói em torno da própria interacção dos filhos (Holland, Reynolds and Weller, 2007).

Coleman (1990), por sua vez, apesar de reconhecer que o capital social é importante para os jovens, foca a sua abordagem na família e encara os jovens por um lado, como tendo um papel passivo e por outro lado, como sendo beneficiários do capital social dos seus pais (Morrow, 1999). Outra importante limitação do modelo de Coleman é o facto de não ter em conta o importante papel dos jovens na criação de redes sociais. Por tratar a proximidade e a formação de redes sociais como resultado apenas do investimento dos pais, o seu modelo subestima os jovens e a sua influência na modelação do ambiente social (Morrow, 1999). A sua abordagem analítica diverge substancialmente das visões contemporâneas das ciências sociais, que enfatizam o papel activo dos jovens na sociedade e tratam a socialização não como um processo de internalização, que encara os jovens como meros receptores passivos, mas sim com acções na actividade colectiva, criando e negociando os seus próprios mundos (Corsaro, 1997; Harris, 1995).

Embora Bourdieu (1986) inclua os jovens na sua análise, centra a discussão no seu futuro, mais do que nas suas vidas presentes (Alatt, 1993).

De acordo com Bourdieu (1985, p. 251), *“o capital social é algo que tem de ser continuamente trabalhado e para o qual se tem que trabalhar, sendo o produto do investimento estratégico, individual e colectivo, estabelecendo e reproduzindo relações sociais, de modo consciente ou não, que são úteis a curto e a longo termo”*.

Ainda assim, neste contexto, a análise de Bourdieu é importante na medida em que permite identificar como os jovens de diferentes grupos sociais, usam o capital social como recurso social, material e cultural, inclusivamente na escola.

Tendo em conta uma definição de capital social, que compreenda os valores que as pessoas abraçam e os recursos aos quais podem aceder e que são o resultado de relações e laços colectiva e socialmente negociados, a teorização do capital social tem duas grandes tradições: ora é visto como um conceito relativo à acção colectiva e integração, ora é visto segundo o prisma da injustiça social e da desigualdade (Adkins, 2005; Kovalainen, 2004).

Coleman (1990), Putnam (2000) e Fukuyama (1995) partilham a primeira abordagem, debruçando-se sobre os bens colectivos de reciprocidade, confiança e cooperação.

O trabalho de Bourdieu (1985) insere-se na segunda abordagem da injustiça social e da desigualdade. O contributo de Bourdieu tem que ver com a tipologia das diferentes formas de capital (económico, social, cultural e simbólico). Este preocupa-se em saber como o capital social e cultural se relaciona com o capital económico, o principal recurso das sociedades capitalistas. Desenvolveu então uma metáfora que compreende a produção e a reprodução de privilégio (Alatt, 1993).

Santon-Salazar (1997, 2001) mostra que os adolescentes podem fazer desenvolver a confiança, sustentar relações com os seus pares e com adultos e dar suporte, tais como líderes comunitários e os professores (ver também Kahne & Bailey, 1999). O autor referiu que os jovens mexicanos com baixos rendimentos que estão envolvidos na comunidade, estão mais aptos para desenvolver o capital social e usá-lo na transição da adolescência para a adultícia. É possível acrescentar, que também os jovens podem gerar capital social para as suas famílias (Offer, S., 2007).

O envolvimento social dos adolescentes, especificamente no que toca à sua participação em actividades sociais fora da escola, está positivamente relacionado com o suporte

social e este efeito é mediado pela formação de laços de amizade, de grande qualidade e consistência (Offer, S., 2007). Esta descoberta permite uma interessante revisão do modelo de Coleman da proximidade social (Offer, S., 2007). A autora sugere que a criação do capital social comunitário, é um processo mediado pelos pais das crianças mas também pelos próprios jovens. Deste modo, os pais estão mais aptos para se relacionarem com os pais dos amigos dos seus filhos e para criar proximidade social (Offer, S., 2007). A participação nas actividades sociais fora da escola, dá aos jovens a possibilidade de desenvolver amizades com altos níveis de qualidade (Offer, S., 2007).

A teoria do capital social tem vindo a tornar-se cada vez mais popular nas ciências sociais (Edwards *et al.*, 2003), dada a sua utilidade para explicar o bem-estar dos indivíduos e dos grupos. Entendendo o capital social como o produto das relações sociais (confiança, lealdade, segurança, auto-confiança) percebemos que os jovens ao estarem inseridos em certos grupos como a família, a escola e outras organizações comunitárias, têm um importante papel no desenvolvimento do seu bem-estar, se tivermos em conta que bem-estar poderá ser definido como saúde global onde estão inseridas as componentes comportamental e cognitiva (Bassani, 2007).

De acordo com o modelo ecológico, o desenvolvimento dos jovens é percebido como um processo, em que interferem não só as dinâmicas da família, mas também de todo o ambiente em torno deles (Bronfenbrenner, 1986; Cochran, Lerner, Riley, Gunnarsson & Henderson, 1990; Furstenberg, Cook, Eccles, Elder & Sameroff, 1999; Sampson, Morenoff & Earls, 1999). Os estudos ecológicos focam-se normalmente, no ambiente social em que os jovens crescem e analisam o modo como os recursos influenciam os resultados dos jovens (e.g. Furstenberg & Hughes, 1995; Hoffreth, Bolsjoy e Duncan,

1998; Marshall, Noonan, McCartney, Marx e Keefe, 2001; Santon-Salazar, 2001; Yabiku, Axinn & Thornton, 1999).

Muitos dos elementos do capital social estão relacionados com um conceito de coesão comunitária e mesmo sendo o capital social, um conceito complexo e difícil de definir e medir, este pode ser muito útil na investigação em política social, dadas as questões que formula sobre a qualidade das relações sociais em áreas específicas de vizinhanças, no aqui e no agora (Morrow, V., 1999).

No Reino Unido, as autoridades têm focado a sua atenção na “coesão comunitária” e o *Home Office* tem feito sugestões de como a coesão comunitária pode ser definida e medida (Home Office, 2002). Uma comunidade coesa, é uma comunidade onde existe uma visão comum e um sentimento de pertença para todos; a diversidade é apreciada e valorizada de forma positiva; todos os que têm origens diferentes deverão ter as mesmas oportunidades; e as relações fortes e positivas são desenvolvidas entre as pessoas, mesmo que tenham origens diferentes e culturas diferentes, nos locais de trabalho, nas escolas e nas vizinhanças (Morrow, V., 2005).

A bibliografia acerca da coesão comunitária reconhece que os jovens são cruciais para a vida comunitária (Morrow, V., 2005).

Os jovens devem estar aptos para contribuir de forma integral para a construção de comunidades coesas e para ter a sua própria voz (Home Office, 2002).

Vários estudos têm-se debruçado sobre o efeito do capital social no bem-estar dos jovens – sucesso dos jovens na prevenção de comportamentos de risco; taxas de abandono escolar; adaptação emocional por parte dos jovens em vizinhanças de risco

mais elevado; resultados comportamentais e desenvolvimentais – (Boisjoly, Duncan & Hofferth, 1995; Furstenberg & Hughes, 1995; Garbarino & Sherman, 1980; Johnson, 1999; Morrow, 2000; Putnam, 2000; Runyan *et al.*, 1998; Sampson, Morenoff & Earls, 1999; Swanson, 2001).

Importa ainda salientar, que o modelo centrado no jovem não minimiza a importância do adulto no capital que os jovens utilizam (e.g. capital humano dos pais ou capital financeiro) (Bassani, 2007).

O Capital Social dos Jovens e as Outras Formas de Capital

Muitos investigadores descobriram que o capital social tem uma relação positiva e linear com o bem-estar (Bassani, 2007; Coleman, 1987, 1988, 1990; Parcel & Durfur, 2001; Teachman *et al.*, 1997). Quer isto dizer, que quando aumenta o capital social dos jovens, também aumenta o seu bem-estar (Bassani, 2007).

As cinco formas de capital: financeiro, humano, cultural, físico e social – têm um papel muito importante no bem-estar dos jovens. Porém, o capital social como já foi referido, tem um efeito tanto directo como indirecto (Bassani, 2007). O capital social influencia directamente o bem-estar, através da criação de laços de confiança, lealdade, segurança e auto-confiança (Bassani, 2007). O capital social tem influência devido à mobilização dos recursos financeiros, humanos, culturais e físicos transformando-os em capital (Bassani, 2007). Para ilustrar, só quando um jovem possui uma relação activa e positiva com o seu pai (capital social) é que poderá ter os recursos financeiros (e.g., rendimento), humanos (e.g. educação e experiências), culturais (e.g. valores éticos e práticos), ou físicos (e.g., assistência médica alargada) mobilizados sob a forma de capital, que possa ser utilizado (Bassani, 2007).

A transformação dos recursos em capital, tem sido um relevante ponto de discussão (Coleman, 1987, 1988; Lin, 2001; Portes, 1998). É de extrema importância conhecer a relação entre os recursos e o capital, apesar de muitos autores terem tendência para omitir tal discussão, esta é crucial tanto para a conceptualização como para a operacionalização do capital social.

Existe uma distinção entre recursos e capital: um recurso é uma forma potencial de capital que ainda não foi mobilizado (Kao, 2004; Lin, 2001). Lin (2001) promoveu uma

excelente discussão sobre a mobilização dos recursos, ilustrando a sua importância central na criação de um modelo conceptual acerca do capital social. Só tendo em conta esta distinção entre recurso e capital é que é possível perceber as influências directas e indirectas que o capital social possui, na promoção do bem-estar. É a mobilização dos recursos que cria capital, capital este, que é precursor do bem-estar (Bassani, 2007).

Os recursos são mobilizados em capital social quando uma síntese dos recursos sociais estruturais e funcionais ocorre num grupo (Bassani, 2007).

Desta pequena discussão, fica claro que o capital social não influencia apenas directamente o bem-estar, influencia também indirectamente, devido a este papel mobilizador. É importante que se dê relevância a este ponto, apesar de não ser habitualmente referido na literatura, mas estar contido em certos trabalhos como algo fundamental (Bassani, 2007; Lin, 2001; Putnam, 1995, 2000).

Embora a literatura reforce a importância do capital social na formação do bem-estar (Guzman *et al.*, 2003; Parcel & Dufur, 2001;), a transformação dos recursos sociais em capital social não é fácil de delinear, visto os humanos serem multidimensionais e de o comportamento estar condicionado por factores contextuais, culturais e históricos (Bassani, 2007).

Tentando perceber como é que de facto os recursos são mobilizados sob a forma de capital, num primeiro momento, importa pensar que o capital social se desenvolve em grupos onde as eficiências dos recursos sociais, estruturais e funcionais, estão presentes e onde as deficiências não. “Deficiência” e “eficiência” não têm propriamente uma definição precisa, representando as relações “não saudáveis” ou “saudáveis”,

respectivamente. Uma relação saudável produz capital social, enquanto que uma relação não saudável limita o capital social (Bassani, 2007).

É importante que pensemos o capital social, como possuindo duas componentes fundamentais, interrelacionadas: uma estrutural (quem pertence ao grupo) e uma funcional (como é que as pessoas do grupo interagem). Coleman (1987), foi quem pela primeira vez apresentou esta dicotomia que é extremamente útil na análise da formação do capital social e Lin (2001) tem promovido uma ligação entre esta ideia e a forma como, actualmente, o capital social se forma, embora a sua discussão seja sempre muito centrada nos adultos (Bassani, 2007).

Coleman não analisou os recursos estruturais, nem nas escolas, nem noutros grupos de jovens, porém outros fizeram-no em contextos educacionais e etno-culturais específicos, analisando a noção de esgotamento dos recursos (Bankston & Caldas, 1998; Kao, 2004; Nye & Hedges, 2002; White & Kaufman, 1997; Willms, 1985; Portes & McLeod, 1999). Na escola, por exemplo, os recursos sociais estruturais representam quem está na escola: o número de professores, o pessoal administrativo, em comparação com o número de alunos por turma ou por escola. Tal como na família, quando este *ratio* cresce, o esgotamento de recursos também cresce, dado que os professores têm menos tempo para dedicar aos seus alunos.

Embora a Teoria do Capital Social, ainda não tenha abordado profundamente, o desenvolvimento do capital social nas escolas, também será importante compreender o esgotamento de recursos, tendo em conta os recursos funcionais (Bassani, 2007). Tal como os jovens que na família experimentam um esgotamento dos recursos estruturais podem obter níveis altos de bem-estar devido aos recursos funcionais eficientes, o

mesmo pode acontecer com os jovens nas escolas ou noutros grupos de jovens que experimentam um esgotamento dos recursos estruturais (Bassani, 2007).

Só o pertencer a grupos de jovens, pode ser suficiente para produzir capital social (Bassani, 2007). Será necessário a investigação debruçar-se mais, sobre o capital social fora da família, nas escolas e nos grupos de jovens, dado este assunto ter sido pouco abordado (Bassani, 2007).

Os recursos funcionais estão relacionados com a interacção social num determinado grupo. Os recursos sociais estruturais e funcionais estão intimamente relacionados, dado que sem a presença dos membros no grupo, a componente funcional não existe (Bassani, 2007).

As escolas com um baixo *ratio* de professores por aluno, têm níveis de capital social mais baixos, dado que os professores têm menos oportunidades para interagir com os alunos (Bassani, 2007).

Na literatura sobre jovens, os valores partilhados pelos membros de um grupo, são vistos como a base da eficiência funcional desse mesmo grupo (Coleman, 1990). As diferenças existentes dentro da família, dentro da escola ou noutros grupos criam deficiências sociais funcionais dado que os pais, os jovens, os professores, e/ou outros adultos com diferenças significativas nos valores, têm menos tendência a passar tempo juntos, ou a ter relações próximas comparando com grupos que partilham os mesmos valores ou valores semelhantes (Bassani, 2007).

Os grupos de jovens têm mais tendência a ter entre os seus membros, valores semelhantes, mais do que na família ou na escola, porque aqui podem seleccionar mais

do que na família e na escola (Bassani, 2007). Coleman (1987, 1988) delineou esta ligação referindo que os membros das igrejas católicas, que eram também membros das escolas católicas, criavam eficientes recursos sociais funcionais por possuírem valores semelhantes aos dos professores, pais e outros jovens. O autor referiu então, que conseqüentemente, estes estudantes possuíam um elevado capital social, quando comparados com os estudantes não católicos ou com os estudantes católicos, em escolas não católicas. Dado que os valores partilhados são a chave do desenvolvimento dos recursos sociais funcionais, os grupos com valores definidos têm mais tendência para ter um capital social mais forte, devido à proximidade entre os membros.

Na literatura sobre a Teoria do Capital Social, centrada nos adultos, os valores heterogêneos nos grupos secundários, estão normalmente ligados a valores mais altos de capital social, dado que os adultos têm mais tendência a estabelecer pontes (*bridging*) numa variedade de grupos, em que os laços são mais fracos (Burt, 2000; Putnam, 2000). Contrariamente a isto, visível nos estudos centrados nos adultos, onde se tentou perceber o tipo de relações que os jovens estabelecem, Coleman (1987, 1988, 1990) enfatizou a importância da proximidade dos grupos, com laços mais fortes entre os membros.

A Proximidade e o Capital Social dos Jovens

O acesso ao capital social é determinado pelas oportunidades para interagir com os outros, pelas características dos indivíduos que compõem a rede social e pela própria configuração da rede (Offer, S., 2007). Coleman (1988, 1990) identifica a proximidade social, como a estrutura da rede que conduz à criação do capital social. A proximidade social é definida como a densidade dos laços da rede (Coleman, 1988, 1990).

Muitos estudos empíricos indicam que a densidade dos laços nas redes, permitem que se gere um tipo de capital social que pode promover o surgimento de mais oportunidades para os jovens. Sampson e os seus colaboradores (1999), mostraram que a eficácia colectiva se refere à existência de controlo social informal, trocas recíprocas e suporte mútuo para os jovens (ver também Hagan, McMillan, Wheaton, 1996; Hofferth *et al.*, 1998).

Offer (2007) analisa como a proximidade social é formada nas comunidades e nas famílias, investigando os mecanismos através dos quais o suporte social dentro e fora da família é obtido. O modelo adoptado pela autora foca-se nos jovens e encara-os como tendo um papel activo e motivador na construção de redes e como possuindo um papel importante na produção de capital social nas suas famílias.

Coleman (1988, 1990) sugeriu que as comunidades caracterizadas por maior proximidade intergeracional, têm mais tendência para gerar capital social entre os seus membros. Isto porque a proximidade permite uma maior fluência da informação, facilita a monitorização dos comportamentos dos jovens e reforça as normas partilhadas.

Os longos horários de trabalho, a vida com mais *stress* dificultam o estabelecimento de laços por parte dos pais que trabalham, na sociedade contemporânea (Bookman, 2004; Carnoy, 2000; Hansen, 2005). Nestas circunstâncias, os jovens podem ter um papel de relevo na facilitação de laços entre os adultos (Offer, S., 2007).

É pertinente termos em atenção os contributos de Putnam (1993), e a sua distinção entre capital social *bonding*, capital social *bridging* e capital social *linking*. O primeiro refere-se às relações e às redes de confiança e reciprocidade que reforçam os laços dentro dos grupos. O segundo, refere-se às ligações entre os grupos heterogéneos. E o terceiro refere-se às ligações e redes entre as comunidades e as instituições com recursos, como por exemplo, as instituições de poder.

Neste sentido, nas fases de transição, as ligações *bonding* ocupam um lugar importante. As redes de amizade mais fortes e consistentes são recursos positivos que permitem a mudança (Holland, Reynolds and Weller, 2007). O facto de os jovens terem amigos há mais tempo, funciona como uma rede de suporte. Os amigos ajudam a minimizar o efeito do medo e a aumentar as expectativas positivas em relação à mudança (Holland, Reynolds & Weller, 2007). O capital social *bonding* é importante nas fases de transição e é um importante mecanismo para estabelecer pontes novas e oportunidades (Holland, Reynolds & Weller, 2007).

Os elementos do capital social, incluem as ligações entre as pessoas: a participação local e comunitária; as redes sociais – família e amigos; as ligações na escola; e as condições necessárias para evoluir activamente: suporte social, confiança e segurança; pro-actividade no contexto social; valorização da diversidade e valorização da vida (Morrow, V., 2005; Onyx & Bullen, 2000).

Os recursos sociais e o acesso aos serviços comunitários e a assistência advinda dos membros da família, vizinhos, professores são muitas vezes referidos como capital social (Offer, S., 2007; Edwards *et al.*, 2003). Contudo, os investigadores geralmente concordam que o capital social se refere aos recursos advindos das relações sociais, que os actores podem usar para gerar benefícios e aumentar as oportunidades (Lin, 2001; Portes, 1998; Sandefur & Laumann, 1998).

Enquanto que muitos autores estudaram a questão de como o capital social se desenvolve dentro da família (e.g. Crosnoe, 2004; Furstenberg & Hughes, 1995; Parcel, Toby & Menaghan, 1994), muito pouca atenção tem sido prestada pela investigação empírica sobre o desenvolvimento do capital social fora da família e das escolas (Morrow, 1999).

Capital Social dos Jovens nos Diferentes Grupos

O capital social da família e os seus resultados individuais nos jovens, tem sido abordado por diversos autores (eg. Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Johnson, 1999; Runyan *et al.*, 1998; Sampson, Morenoff & Earls, 1999; Stevenson, 1998; Teachman *et al.*, 1996, 1997).

Coleman (1987) operacionalizou o capital social das famílias, referindo que recai sobre cinco componentes – estrutura familiar, qualidade das relações entre pais e filhos, o interesse dos adultos pelos jovens, a monitorização pelos pais das actividades dos jovens e o suporte da família alargada.

A estrutura familiar diz respeito à primeira componente do capital social da família. Os vários estudos usam os altos níveis de uniformidade, como indicadores de estrutura familiar – famílias monoparentais *versus* famílias com os dois pais; ausência *versus* presença, da figura paterna (biológica ou não); os dois pais a trabalhar *versus* só um dos pais a trabalhar (Ferguson, K., 2006).

O facto de as famílias não serem monoparentais, tem sido associado, de forma consistente, a resultados positivos no desenvolvimento social (Furstenberg & Hughes, 1995) e no desenvolvimento físico e comportamental dos jovens (Runyan *et al.*, 1998). Três estudos referiram também que os jovens criados em famílias com as duas figuras parentais, tinham menos risco de abandono escolar (Coleman & Hoffer, 1987; Teachman *et al.*, 1996, 1997). Outro estudo referiu, que este tipo de famílias tinham mais baixos níveis de violência juvenil (Johnson, 1999).

Coleman e Hoffer (1987) referem que medindo a força das relações entre os pais e os filhos se consegue obter o reflexo da qualidade das relações intra-familiares numa dada família. Os indicadores comuns, usados para medir esta componente de capital social da família, incluem: número de vezes que os pais ajudam os filhos nos seus trabalhos de casa, por semana; número de actividades partilhadas em que participam os pais e os filhos juntos, por semana; número de vezes, por semana, que os pais verbalmente encorajam os filhos; e número de acontecimentos em casa que perturbam o ambiente familiar, por semana, que podem diluir a atenção dos pais para com os seus jovens (Coleman 1988). A alta frequência de interações sociais entre pais e filhos, diminui a probabilidade de abandono escolar (Coleman & Hoffer, 1987; Teachman *et al.*, 1996, 1997).

Altos níveis de relações entre pais e filhos estão também relacionados com uma probabilidade mais baixa de os jovens, no futuro, poderem vir a ter resultados negativos (Furstenberg & Hughes, 1995). Existe ainda uma relação significativa entre um baixo número de acontecimentos que causam tumulto e resultados positivos nos jovens a nível escolar (Coleman & Hoffer, 1987) bem como ao nível do seu desenvolvimento físico e comportamental (Runyan *et al.*, 1998).

Os indicadores comuns, do interesse dos adultos nos jovens são: as aspirações académicas dos pais para os seus filhos, os níveis de empatia dos pais em relação às necessidades dos filhos, envolvimento em actividades dos filhos na escola (Ferguson, K., 2006).

Altas expectativas dos pais em relação aos seus filhos estão associados a resultados escolares positivos (Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Runyan *et*

al., 1998; Teachman *et al.*, 1996, 1997). Altos níveis de empatia dos adultos em relação às necessidades dos filhos influenciam positivamente os resultados destes, no futuro (Furstenberg & Hughes, 1995; Runyan *et al.*, 1998).

Vários estudos operacionalizam a monitorização dos jovens pelos pais, através das seguintes medidas (Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Teachman *et al.*, 1996; Voydanoff & Donnelly, 1999): número de encontros escolares a que os pais compareceram; número de amigos dos seus filhos que os pais conhecem pelo nome; número de pais dos amigos jovens, que os pais conhecem. Altos níveis de monitorização dos jovens estão associados a resultados positivos tanto a nível escolar (Coleman & Hoffer, 1987; Teachman *et al.*, 1996, 1997), como a nível económico (Furstenberg & Hughes, 1995). Voydanoff e Donnelly (1999) referem que os factores de protecção dos pais, estão associados a resultados positivos nos jovens, especificamente na performance académica e na adaptação psicológica.

Vários autores (Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Stevenson, 1998) referem três indicadores para medir a família alargada e de suporte: o número de membros da família alargada; o número de interações do jovem para com os seus familiares pertencentes à família alargada que se encontra na sua casa; número de vezes que os jovens saem para visitar os seus parentes, fora de casa. Altos níveis de suporte social vindo da família alargada reduzem a probabilidade de abandono escolar (Coleman & Hoffer, 1987) ou de sintomas depressivos (Stevenson, 1998).

Os indicadores comuns de redes de suporte social usados nos vários trabalhos que abordam o assunto, incluem: a proximidade dos amigos dos pais e a frequência com que

se visitam; as ligações com os vizinhos (Boisjoly *et al.*, 1995; Runyan, 1998; Stevenson, 1998).

Muitos estudos revelam que o aumento do suporte social parental tem efeitos positivos nos resultados dos jovens (Furstenberg & Hughes, 1995; Putnam, 2000; Runyan *et al.*, 1998; Stevenson, 1998; Teachman *et al.*, 1996, 1997). Segundo Putnam (2000), os jovens cujos pais têm redes sociais mais ricas têm menos probabilidade de se envolverem em situações de delinquência. Por sua vez, Furstenberg & Hughes (1995) adiantam que o facto de os pais pertencerem a redes fortes está relacionado com resultados favoráveis dos jovens, ao finalizarem a escola e no sucesso depois na obtenção de emprego.

Altos níveis de suporte social para os prestadores de cuidados maternos primários estão associados a resultados comportamentais positivos e a baixos níveis de depressão, nos adolescentes (Stevenson, 1998).

A investigação recente sugere que a criação de proximidade social pode ser um desafio para as famílias de classe média que vivem nos grandes centros urbanos. Os pais de classe média, que trabalham longe das suas residências, que passam muito tempo nos seus empregos têm altos níveis de stress, tendo dificuldades em manter relações sociais e correm o risco de se tornarem socialmente excluídos nas suas comunidades (Bookman, 2004; Hansen, 2005; Putnam, 2000). Nestas circunstâncias os adolescentes podem ser um importante recurso social para os seus pais e podem ter um importante papel para o surgimento de capital social das suas famílias (Offer, S., 2007).

Muitas características qualificam o suporte social como uma forma de capital social. O suporte social é na sua essência um conceito relacional. Constitui um recurso entre os

indivíduos inter-relacionados através das suas redes (House, Umberson & Landis, 1988).

Bourdieu (1985) refere que as redes sociais são deliberadamente construídas e institucionalizadas para produzir e reproduzir benefícios simbólicos ou materiais.

As pessoas propositadamente investem nas relações sociais com o objectivo de obter suporte no futuro próximo ou distante (Offer, S., 2007).

O suporte social é parte de um processo de mudança que tem consequências não só para o funcionamento dos indivíduos mas também para o funcionamento dos outros que partilham as mesmas redes e relações (Offer, S., 2007).

Esta abordagem é consistente com os recentes trabalhos teóricos que sublinham tanto os custos como os benefícios do capital social numa base contextual (Portes, 1998).

O conceito de suporte social promove informação acerca do aspecto mais qualitativo das redes sociais, por indicar o quanto é que a rede se pode mobilizar aquando da necessidade, e o tipo de suporte que daí se pode extrair (Offer, S., 2007).

A maioria dos investigadores tem estudado o capital social dos jovens num só meso grupo, o da família. Isto significa que o uso da Teoria do Capital Social para explicar o bem-estar dos jovens tem sido sobretudo uni-dimensional. Isto é problemático porque a Teoria do Capital Social é multi-dimensional e contextualiza os jovens em numerosos meso grupos (inter-relacionados entre si) (Bassani, 2007).

A Teoria do Capital Social reconhece que os jovens pertencem a vários grupos e que a família se assume como um grupo primário (Bassani, 2007). Todos os outros grupos são secundários, dado que os indivíduos socializam primeiro dentro da família e é neste

grupo que têm uma pertença mais permanente (Bassani, 2007). Os jovens e os adultos nas suas vidas, pertencem a vários grupos secundários, que estão ligados tanto ao grupo primário como a outros grupos secundários (Bassani, 2007).

O processo de *bridging* ocorre quando a pessoa pertence a dois ou mais grupos. Quanto mais pontes houver entre grupos, mais desenvolvimento do capital social existe. Por exemplo, os jovens estabelecem pontes entre a família e a escola e existe benefício retirado a partir do capital social gerado, em ambos os grupos (Bassani, 2007).

Os jovens, os pais e os funcionários das escolas têm todos um papel importante no estabelecimento de pontes entre a família e a escola; contudo outras pontes directas entre a família e a escola podem ocorrer se os alunos estiverem envolvidos nas actividades extra-curriculares, quando os jovens são encorajados a interagir entre si na escola e quando os membros das famílias dos estudantes estão também, ligados à escola (Bassani, 2007).

O estabelecimento indirecto de pontes entre a família e a escola ocorre quando os pais estudam com os seus filhos ou discutem com eles os assuntos da escola. Estes laços determinam o capital social da escola. Os pais e/ou os jovens são parte da escola, trazendo para aí, várias formas de capital, incluindo o social. O capital da família, torna-se um recurso também para o segundo grupo e outros alunos podem usufruir desse recurso (Bassani, 2007). Estes recursos sociais podem ser mobilizados sob a forma de capital, quando as eficiências estão presentes no segundo grupo (Bassani, 2007).

Quando os jovens estabelecem pontes entre o grupo primário e o grupo secundário, eles trazem distintos conjuntos de capital das suas respectivas famílias. Este capital torna-se um recurso para o grupo secundário. Isto significa que quando os jovens estabelecem

pontes entre a família e a escola eles trazem o seu capital familiar (social, humano, financeiro, cultural e físico) para a sua escola. Deste modo, cada jovem contribui para o grupo secundário, com uma combinação distinta de capital, que actua como um conjunto de recursos para os outros jovens nesse grupo. Quando estes recursos são mobilizados, o capital social no grupo secundário, é criado (Bassani, 2007).

Assim, cada grupo secundário possui uma aglomeração de capital única que é mais do que a soma das partes. Esta noção tão importante ainda não mereceu o devido respeito por parte da Teoria do Capital Social (Caldas & Bankston, 1998, 1999, 2001).

Os indicadores mais comuns de qualidade de vizinhança incluem: a percepção dos pais sobre a vizinhança como um local seguro para o desenvolvimento dos seus filhos, para as brincadeiras; as opiniões dos pais sobre as desordens sociais (Ferguson, 2006).

Furstenberg e Hughes (1995) referem que níveis mais elevados de qualidade de vizinhança, são um bom indicador do sucesso do ingresso dos jovens na faculdade. Johnson (1999) e Stevenson (1998) por outro lado, descobriram que uma qualidade de vizinhança empobrecida, estava associada a níveis mais altos de depressão nos jovens e a comportamentos mais violentos. Muitos estudos indicam que um forte suporte na vizinhança, operacionalizado através de baixos níveis de desordens sociais e físicas na vizinhança, estão positivamente correlacionados com os resultados na educação, e até incluem níveis mais baixos de violência (Swanson, 2001), níveis mais baixos de delinquência juvenil, níveis mais altos de saúde física e mental (Morrow, 2000), altos níveis de sucesso educativo (Putnam, 2000) e altos níveis de eficácia colectiva para as crianças (Sampson *et al.*, 1999).

Capital Social e Actividade Física nos Jovens

Apesar da investigação que se tem debruçado sobre a actividade física como facto preponderante na promoção da saúde e na prevenção de inúmeras doenças se centrar sobretudo, nos comportamentos individuais (Smedley, 2000), mais recentemente, a literatura tem admitido a importância dos factores ambientais na actividade física, mais concretamente na actividade física dos jovens (McNeill *et al.*, 2006). Li e os seus colaboradores (2005), referem que a actividade física dos jovens ocorre normalmente nas fronteiras da família, da comunidade e da vizinhança.

Importa também acrescentar, que apesar da importância dada aos factores sociais e do reflexo, destes factores, na prática de exercício, ainda pouco se tem discutido sobre a influência do exercício físico na promoção do capital social e da coesão social.

McNeill e os seus colaboradores (2006) identificam cinco dimensões do ambiente social, analisando-as no contexto da actividade física dos jovens – suporte social e redes sociais, posição socio-económica e desigualdade de rendimento, discriminação racial, coesão social, capital social e factores de vizinhança.

O facto de os jovens terem relações de suporte ajuda a reduzir a probabilidade de adopção de comportamentos não saudáveis (Berkman & Glass, 2000; Heaney & Israel, 1997). As intervenções no suporte social fazem aumentar a actividade física, tanto no tempo, como na frequência do exercício (Kahn *et al.*, 2002). Um bom relacionamento com a família e com amigos está fortemente associado ao aumento da actividade física (Eyler *et al.*, 1999; Sallis, Hovell e Hofstetter, 1992; Sternfeld, Ainsworth e Quesenberry, 1999).

As vantagens do suporte social e das ligações com a família e com os amigos e a sua influência na actividade física dos jovens, prendem-se sobretudo com (McNeill *et al.*,

2006): a) o favorecimento da adoção de comportamentos promotores de saúde; b) promoção do acesso aos recursos e aos bens materiais; c) promoção das ações comunitárias individuais; d) redução do contacto com doenças infecciosas.

No que diz respeito aos jovens mais favorecidos em termos de rendimentos, educação e emprego, estes têm mais probabilidade de adoptarem comportamentos mais saudáveis (Ford *et al.*, 1991; Giles-Corti & Donovan, 2002; Jefferey, French, Forster & Spry, 1991; Lindstrom, Hanson, Wirfalt e Ostergen, 2001; Lynch, Kaplan & Salonen, 1997). Nestes comportamentos mais saudáveis, é possível incluir hábitos alimentares saudáveis, actividade física, redução de tabaco e álcool.

Outro ponto aqui importante, prende-se com a distribuição de recursos disponíveis para a prática de exercício físico, que facilitam ou dificultam, as oportunidades para actividade física (Gorden-Larsen, Nelson, Page & Popkin, 2006).

Também a discriminação racial, assim como as políticas e ou práticas discriminatórias, no geral, têm como resultado um acesso diferencial às oportunidades e recursos da comunidade, pelo que está também relacionado com uma diminuição da adoção de comportamentos saudáveis (Gusthrie *et al.*, 2002; Karlsen e Nazroo, 2002; Krieger, 2000; Landrine & Klonoff, 2000; Nazroo, 2003; Williams, 1999; Williams, Neighbours & Jackson, 2003;).

As características do local onde o jovem vive, tais como a coesão social e o capital social, e os factores como a posição sócio-económica na vizinhança têm influência numa série de comportamentos relacionados com a saúde (Diez Roux, 2001; Macintyre & Ellaway, 2003).

A investigação tem mostrado que as sociedades coesas e socialmente integradas tendem a ter uma melhor experiência de resultados na saúde (eg., taxas de mortalidade mais

baixas e maior esperança média de vida) (Wilkinson, 1996). A coesão social, o facto de haver muitas conexões interpessoais e a solidariedade entre os indivíduos e entre os grupos (Berkman & Kawachi, 2000), combinado com o desejo de intervir para o bem comum compreende uma medida de eficácia colectiva (Sampson, Raudenbush & Earls, 1997).

O capital social refere-se aos recursos disponíveis para os indivíduos e para a sociedade, surgidos através das relações sociais (Kawachi *et al.*, 2002), especificamente as redes sociais, as normas de reciprocidade, a confiança e o encorajar das pessoas para agirem juntas e partilharem objectivos (Kreuter & Lezin, 2002; Putnam, 1996). O capital social deve ser uma medida da força da coesão social, daí que sociedades coesas sejam ricas em capital social (Berkman & Glass, 2000).

O capital social, a coesão social e a eficácia colectiva aparecem como tendo uma grande influência num grande espectro de comportamentos desde os relacionados com a saúde, à actividade criminal (Kennedy, Kawachi, Prothrow-Sith, Lochner & Gupta, 1998; Sampson *et al.*, 1997) à participação política (Putnam, 1993) e à gravidez na adolescência (Gold, Kennedy, Connell & Kawachi, 2002). Lindstrom, Hanson e Ostergen (2001) conduziram dois estudos nos quais estudaram o capital social e a actividade física dos jovens na Suécia. Ambos os estudos encontraram uma significativa associação negativa entre a participação social dos jovens (uma das dimensões do capital social) e o baixo tempo de actividade física.

De acordo com Berkman e Kawachi (2000), as comunidades com abundância de capital social estão mais disponíveis para reforçar as normas sociais positivas para os comportamentos na saúde (e.g., actividade física) e restringir certos comportamentos, tais como vender droga ou ter comportamentos ilícitos, o que fomenta um sentido de

segurança nas áreas onde se pratica desporto.

Por outro lado, as vizinhanças com coesão e confiança podem influenciar os comportamentos pela apreciação dos objectivos colectivos e partilhados, como por exemplo a redução do crime (Ross & Jang, 2000). Por fim, o capital social também pode influenciar a saúde através de processos psicossociais como o suporte social (Berkman & Kawachi, 2000)

Características, tais como a posição sócio-económica da vizinhança, a posse de casa própria, a presença ou ausência de recursos na vizinhança e a percepção do crime (Kawachi & Berkman, 2003) são normalmente medidos como factores de vizinhança.

Muita da investigação existente, acerca da influência das vizinhanças na actividade física dos jovens, salienta sobretudo o impacto do ambiente físico (tráfego, ciclo vias, facilidades) que encorajam ou limitam a actividade física (Ross *et al.*, 2000). Poucos estudos têm avaliado os aspectos sociais das vizinhanças na actividade física (Ross *et al.*, 2000).

Macintyre e seus colaboradores (1993, 2002) identificaram os mecanismos potenciais mais importantes que são aplicáveis à actividade física dos jovens. As características do ambiente físico, tais como a qualidade do ar podem inibir a actividade física. Por outro lado, as características sócio-culturais, tais como as normas sociais e culturais podem também influenciar o fazer ou não desporto.

Participação Comunitária dos Jovens

O conceito de participação não é um conceito claro e directo, mesmo quando este é relativo aos adultos (Morrow, V., 2005). Este facto é visível não só ao nível da definição, mas também ao nível da prática, tanto para a iniciar, como para a sustentar (Morrow, V., 2005).

Muita da investigação sobre a participação dos jovens assenta nos trabalhos de Roger Hart (1992, 1997, citado por Morrow, 2005) que faz uma adaptação do contributo de Arnstein (1969, citado por Morrow, 2005). Estes trabalhos têm sido inquestionavelmente úteis se pensarmos na panóplia de significados e níveis que o conceito de participação acarreta (Morrow, V., 2005).

Pensar o conceito da participação dos jovens como algo abstracto e como um fim em si mesmo, torna-se perigoso devido ao facto de se perder de vista a forma como os jovens se interligam com os adultos e a forma como as estruturas e as instituições dos adultos, constroem e controlam os jovens (Morrow, V., 2005).

Será portanto útil retomar as questões básicas sobre a participação dos jovens no contexto das estruturas hierárquicas, nas quais e pelas quais, as suas vidas são guiadas (Morrow, V., 2005).

Podemos pensar em três pontos importantes ao tentarmos entender a participação dos jovens nos processos de tomada de decisões (Morrow, V., 2005). O primeiro ponto prende-se com o facto de a “participação” não estar bem definida nem conceptualmente, nem na prática. O segundo ponto relaciona-se com o facto de ser necessário encarar a participação dos jovens à luz do contexto dos mesmos (idade, género, origem étnica e

religiosa, comunidade em que estão inseridas). O terceiro ponto tem que ver com os modelos que os adultos têm sobre a juventude, isto é, como são os jovens conceptualizados, vistos e tratados e quais as práticas dos adultos relativamente aos jovens. Este último ponto assume-se como um dos mais importantes (Morrow, V., 2005).

Boyden e Ennew (1997) no seu trabalho sobre a participação juvenil e os métodos de investigação nesta área, conceberam duas definições de participação, uma no sentido de fazer parte ou estar presente e outra relacionada com uma forma de participação mais activa. Estas duas definições estão inter-ligadas e é difícil alcançar a segunda sem a primeira (Morrow, V., 2005).

Os jovens podem participar na sua vizinhança, na sua comunidade ou na sua escola, e quando participam activamente e têm uma palavra na tomada de decisões, há que salientar que as comunidades e as instituições são normalmente estabelecidas e controladas pelos adultos (Morrow, V., 2005).

De qualquer forma, o pertencer a uma comunidade, a um grupo ou instituição, e o poder participar activamente, intervindo na tomada de decisões, é sempre algo positivo que aumenta a auto-eficácia, a auto-estima, a consciência das escolhas e o controlo sobre a vida social, sendo um enorme contributo para o aumento do bem-estar e melhoria da saúde, em particular (Morrow, V., 2005).

A participação dos jovens nos grupos de jovens torna-os mais aptos a participar noutras actividades cívicas. Os membros dos grupos de jovens, têm mais altos níveis de votação, de participação em campanhas políticas e de participação cívica (Robinson, H., 2004).

Ao mesmo tempo que os jovens participam nas actividades, para além de contribuírem para a actividade em si, têm mais oportunidade para se desenvolverem (Rogoff, B., *et al*, 1995).

Tomando como exemplo os jovens actualmente têm vindo a participar na tomada de decisões públicas, na área dos serviços sociais, embora o seu envolvimento seja muitas vezes limitado por uma participação superficial ou exclusivamente em discussões internas (Cavet & Sloper, 2004).

A promoção de competências nos jovens que participam, influencia o envolvimento continuado com o ambiente. Esta conclusão permite-nos perceber que a acção eficaz promove os esforços futuros definidos em torno dos objectivos (Chawla, L., & Heft, H., 2002).

Os jovens que estão mais envolvidos na escola e nas organizações comunitárias têm também mais probabilidade de se envolverem na sociedade cívica como adultos (Youniss *et al.*, 1997).

Rennekamp (1993) chama à atenção para a necessidade de promover o envolvimento dos jovens, não descurando determinados pontos: 1) envolver os jovens como reais parceiros desde o início; 2) Incorporar os jovens nos corpos de tomada de decisão com papéis autênticos; 3) Assistir os jovens e promover oportunidades mas deixar que sejam eles a aprender a aceitar as consequências das suas decisões; 4) Promover o conceito de liderança partilhada.

Camino (2005) reflecte sobre as melhores práticas de engajamento dos jovens e como o seu alargamento pode trazer benefícios. Tal, inclui a criação de uma equipa de

liderança, o treino dos jovens nos processos de liderança e nos métodos comunitários, a participação e o apelo à diversidade, a utilização de um modelo de construção comunitária, o envolvimento dos participantes e dos beneficiários nos exercícios de reflexão (Camino, L., 2005).

As boas práticas para a participação dos jovens no desenvolvimento dos serviços, incluem (Cavet & Sloper, 2004): uma cultura de escuta que promova um clima de suporte e respeito pelos jovens; o desenvolvimento claro dos papéis dos adultos e dos jovens; ser flexível e criar uma atmosfera de jovens harmoniosa; a garantia de recursos que consigam suportar os projectos, isto é, fundos de longo termo; desenvolvimento de competências através do treino nos jovens e nos adultos; inclusão dos grupos marginalizados; recolher o *feedback* do processo de envolvimento e engajamento dos jovens; avaliar as iniciativas de engajamento dos jovens.

Existem quatro características que estão ligadas ao sucesso dos esforços para garantir o engajamento dos jovens (Scheve, J. *et al.*, 2006), são elas: 1) um suporte dos adultos genuíno em relação ao engajamento dos jovens; 2) um ambiente harmonioso entre os jovens; 3) os jovens devem ser envolvidos em tarefas importantes que tenham em vista o alcance dos objectivos do grupo; 4) os jovens necessitam de ter oportunidades para aprender a usar as novas competências para que se tornem aptos na construção de competências. Todos aqueles que procurarem o envolvimento dos jovens nas organizações, devem avaliar a presença destas características (Scheve, J. *et al.*, 2006).

Os jovens beneficiam e tornam-se cidadãos melhores quando lhes é dada a oportunidade para participarem (Ferman, B., 2005). O engajamento dos jovens nas equipas

comunitárias tem um grande peso no desenvolvimento dos jovens (Scheve, J. *et al.*, 2006).

Os jovens e as comunidades que os envolvem no delineamento de actividades ou projectos beneficiam da sua participação e os jovens deverão ser mais envolvidos no planeamento comunitário (Frank, 2006).

Num artigo intitulado “*Everybody wins: Involving Youth in Community Needs Assessment*”, Israel & Ilvento (1995) falam dos benefícios do envolvimento dos jovens no desenvolvimento comunitário e dos benefícios da comunidade que esse mesmo envolvimento acarreta.

Ao explorar o processo de como os jovens estão inter-relacionados com os adultos da comunidade e os tipos de recursos obtidos pelos jovens, importa salientar em primeiro lugar, que as relações com os adultos da comunidade são desenvolvidas em vários estádios; Em segundo lugar, as relações advêm do esforço dos jovens para alcançar os recursos dos adultos, tais como a informação, a assistência e a exposição ao mundo dos adultos, o suporte e a motivação (Jarret, L. *et al.*, 2005). A estruturação das actividades dos jovens e dos adultos em torno de objectivos comuns e o desenvolvimento de ligações entre os jovens e os adultos, facilitam o desenvolvimento do capital social (Jarret, L. *et al.*, 2005).

Envolvimento dos Jovens na Governança

O engajamento dos jovens na governança comunitária, tem sido avançado como uma política prioritária para a promoção do desenvolvimento dos jovens e para a construção de comunidades mais saudáveis (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

Nos Estados Unidos, nas organizações de jovens, escolas, organizações comunitárias, conselhos públicos políticos, os jovens começam a dar fortes contributos e estão envolvidos de forma mais integral, no dia a dia, em funções de extrema importância (planeamento, direcção, gestão, organização das relações públicas, treino e avaliação) (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

Ainda neste país, quando os jovens são chamados a participar na governança comunitária, é esperado que ajam em conformidade com os parâmetros estabelecidos pelos adultos (Schlegel & Barry, 1991; White & Wyn, 1998). Tal facto é perpetuado pela política. Existem poucas estruturas políticas contemporâneas que suportem os jovens na governança comunitária (Camino & Zeldin, 2002 a; Flanagan & Faison, 2001).

As pessoas no geral, incluindo os pais, não encaram os jovens como possuidores de valores, motivação e competência para contribuir para a vida cívica (Bostrom, 2000; Offer & Schonert-Reichl, 1992; Zeldin, Camino & Calvert, 2002). De salientar que menos de 25 por cento dos adultos, que residem em áreas urbanas, têm confiança nos adolescentes para representarem a sua comunidade junto do poder local ou votar como membro da organização comunitária (Zeldin & Topitzes, 2002).

Por outro lado, apenas 48% dos adultos acredita que é importante recolher a opinião dos jovens, aquando do processo de tomada de decisões que os afectem. Do mesmo modo que, uma percentagem semelhante, refere que “é importante dar aos jovens muitas oportunidades para que consigam transformar as suas comunidades em lugares melhores. Por outro lado, os jovens têm consciência dos estereótipos que adultos têm sobre eles e sobre os papéis sociológicos “pré-determinados”, o que afecta negativamente as suas decisões sobre se devem envolver nos assuntos cívicos (Camino, 1995; Gilliam & Bales, 2001; Loader, Girling & Sparks, 1998).

A *United Way of America* publicou recentemente, um guia e um programa de treino sobre o modo de envolver os jovens na governança local. Em Wisconsin, o que emergiu como prioridade dos conselhos locais que envolveram 2100 residentes e responsáveis locais, foi o criar uma cultura na qual os jovens sejam parceiros equalitários, no processo de tomada de decisões e na governança (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A literatura tem identificado três razões principais que justificam a importância do envolvimento dos jovens na governança local: 1) assegurar a justiça social e a representação dos jovens; 2) a construção de uma sociedade civil; 3) e o desenvolvimento dos jovens (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

A primeira justificação para o engajamento dos jovens prende-se com facto de estes serem sujeitos com direitos, ao mesmo tempo que recebem a protecção dos adultos. Esta razão que se prende com a justiça social, está reconhecida pela Convenção dos Direitos das Crianças das Nações Unidas. O artigo 12 desta Convenção, enfatiza o facto de os jovens deverem ser agentes activos nas suas próprias vidas. Refere que todas as crianças são capazes de expressar um ponto de vista e têm direito a: a) articular e expressar

livremente os seus pontos de vista; b) serem ouvidos em todas as matérias que os afectem, incluindo matérias políticas; c) e os seus pontos de vista serem tidos em conta, de acordo com a sua idade e maturidade. A Convenção sublinha a voz dos jovens permitindo que eles se protejam melhor a si próprios, que consigam obter as forças e os laços necessários, havendo uma melhor democracia e melhores decisões políticas (Lansdown, 2001).

O papel dos jovens não deverá ser o de meros consultores dos adultos, deverá ser organizado dentro de estruturas independentes (Sullivan, 2000). No modelo de *self-advocacy* (muito presente nas artes e nos *mass media*). O papel principal dos adultos prende-se com o facto de facilitarem e não, liderarem (Lansdown, 2001).

Na segunda razão, pretende-se o balanço ente os direitos individuais e as responsabilidades, balanço esse, que contribui para o bem comum. O objectivo é criar espaços de interacção social e solidariedade, nas comunidades, de modo que todos os membros, incluindo os jovens, tenham oportunidades legítimas para influenciar as decisões tomadas, em prole do grupo colectivo (Etzioni, 1998; Flanagan & Faison, 2001).

A literatura tem referido que as comunidades trabalham melhor quando os diversos membros estão envolvidos, possuem voz e competência e estão envolvidos na identificação e mobilização dos recursos comunitários (Camino & Zeldin, 2002 a); Cohen & Arato, 1992; Minkler & Wallerstein, 1997). Outros estudos referem que os cidadãos que fazem trabalho comunitário em adultos, iniciaram a sua filantropia, como jovens (Independent Sector, 2002 citado por Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

Os esforços para construir uma sociedade civil dão relevância aos modelos de parceria (Camino, 2000; Lansdown, 2001). Estes modelos estão tipicamente organizados em torno de estruturas institucionais criadas pelos adultos, nas quais os jovens podem influenciar os resultados em situação de igualdade de poder em relação aos adultos. O objectivo é criar estruturas onde os jovens e os adultos possam expor os seus diferentes, por vezes complementares, pontos de vista, experiências e talentos para os assuntos colectivos (Zeldin, McDaniel, Topitzes & Calvert, 2000). Desde a emergência da filantropia jovem, em meados dos anos de 1980, mais de 250 programas de filantropia dos jovens, nos Estados Unidos, foram encontrados. De acordo com este modelo, os jovens podem dirigir todo o processo e propor soluções criativas para os assuntos locais (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

Envolver os jovens nos papéis de investigação comunitária é um dos factos que tem contribuído para a construção de uma sociedade civil (Zeldin, Camino & Calvert, 2003, 2007).

No que toca ao desenvolvimento dos jovens, em 2000, o *Innovation Center for Community and Youth Development*, publicou "*Youth in decision Making: A Study on the Impacts of Youth on Adults band Organizations*". Esta investigação conduzida por Zeldin, Kusgen, McDaniel, Calvert e Topitzes (Universidade de Wisconsin – Madison) que contou com entrevistas e *focus group*, incidiu sobre organizações que activamente, envolvem os jovens na tomada de decisões e concluiu que os adultos que pertenciam a estas organizações, experimentavam mudanças positivas significativas (Zeldin & Calvert, 2002).

Tal facto, vem reforçar a ideia de que o envolvimento dos jovens pode ser uma estratégia para o desenvolvimento dos jovens, das organizações e das comunidades (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Contudo, no campo do desenvolvimento dos jovens e sobretudo no que toca à investigação comunitária, esta só há relativamente pouco tempo é que começou a analisar os processos que levam a que este desenvolvimento tenha lugar, o que tem sido uma barreira na compreensão de como o envolvimento dos jovens pode ser uma efectiva estratégia de desenvolvimento comunitário (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os investigadores nesta área não têm feito a distinção entre o envolvimento dos jovens que têm papéis significativos na tomada de decisões e o envolvimento dos que apesar de estarem presentes, não participam de modo tão activo (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Deste modo, é importante começar a analisar o envolvimento dos jovens, tendo em conta a qualidade das experiências dos jovens, nos diferentes contextos, através da observação de actividades de grupo e das parcerias entre os adultos e os jovens na tomada de decisões (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

É preciso compreender os contextos em que os jovens exercem controlo sobre um programa ou um espaço geográfico, que crie oportunidades e desenvolva identidades em que os jovens se sintam agentes da comunidade e da mudança organizacional (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A investigação é necessária para compreender os efeitos positivos do envolvimento dos jovens nas organizações. Tal facto, combinado com os efeitos positivos que cada jovem

experimental é relevante para que quem tome decisões considere o envolvimento dos jovens como factor gerador de desenvolvimento (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A eficácia das organizações e a flexibilidade das mesmas, depende de factores como: sentimento de comunidade, missão, processo de tomada de decisões, liderança e relações não burocráticas (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A investigação é necessária para analisar as formas como o envolvimento dos jovens afecta, na prática, a vida comunitária (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os investigadores deverão analisar o impacto da acção dos jovens no capital social e outras medidas de forças das comunidades e instituições (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

É necessário que a investigação se debruce sobre o impacto dos jovens nos indivíduos adultos – não só nos efeitos directos da acção dos jovens, mas também outros efeitos como a mudança de percepções dos adultos e as expectativas em relação aos jovens (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os estudos demonstram que os adultos têm por vezes percepções negativas sobre a competência e o potencial dos jovens e que estas percepções são influenciadas pelas ligações comunitárias dos adultos e pelas suas experiências (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Embora os jovens tenham normalmente altos níveis de desenvolvimento cognitivo e moral, são frequentemente excluídos da participação em decisões relevantes para as suas vidas (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A política social dos jovens nos Estados Unidos, focou-se sobretudo na protecção – proteger as crianças vulneráveis dos perigos sociais e proteger a sociedade das crianças e dos adolescentes perigosos (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Se desejarmos uma política que envolva os jovens de forma a quebrar este padrão, necessitamos de evidências mais consistentes sobre os ganhos dos indivíduos e das comunidades em envolverem os jovens, ao invés de os isolarem (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os jovens adquirem competências ao nível do raciocínio dos 11 aos 15 anos, embora devam ter diferentes suportes dada a sua falta de experiência (Zeldin, Camino & Calvert, 2002). Dando o suporte adequado, os jovens podem participar nas tomadas de decisões por forma a promover, e dar um contributo para as organizações e comunidades (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

As evidências sobre a competência dos jovens poderão ser uma ajuda na promoção de políticas que maximizem a inclusão nos jovens na vida cívica (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

As organizações que promovam o *empowerment* e a participação, podem ser um complemento para uma política mais alargada de iniciativas, que suportem a participação dos cidadãos nas sociedades civis, embora não consiga substituí-la totalmente (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A investigação deve ligar o envolvimento prático dos jovens com a investigação do desenvolvimento dos jovens, só assim se conseguirá envolver grande parte dos jovens e melhorar os resultados neste estágio (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Contextos que promovam um apropriado balanço de escolhas, segurança, suporte e desafio, têm sido bem sucedidas no engajamento dos adolescentes (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os adolescentes mais novos, os adolescentes mais velhos, os novos adultos necessitam de diferentes oportunidades e suportes. É importante que a investigação estude os diferentes papéis e suportes nos diferentes grupos etários.

Também deve ser motivo de preocupação, saber se os jovens envolvidos reflectem ou não, a diversidade das comunidades ou organizações (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Uma investigação e uma prática baseadas no conjunto dos indicadores que diferencie os princípios efectivos do envolvimento dos jovens, das outras estratégias de desenvolvimento dos jovens, ajudará a perceber os impactos das práticas de envolvimento dos sujeitos deste grupo etário (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os instrumentos de medida relativos ao envolvimento dos jovens numa organização, parceria ou comunidade, podem ser extraídos de medidas já existentes (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Contudo, o envolvimento dos jovens é caracterizado por influências recíprocas – mudanças, tanto nos jovens como nos adultos, (Zeldin, Camino & Calvert, 2002). Este processo dinâmico não tem sido medido de forma adequada. Para que seja realmente útil, é necessário que os instrumentos sejam aplicados em comunidades e organizações com diferentes contextos e práticas e deverá incluir medidas sobre as crenças, clima, sentimento de comunidade, papéis desempenhados e relações (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

A investigação ao nível dos sistemas, deverá ligar as experiências e os resultados do envolvimento dos jovens e as outras estratégias de desenvolvimento dos jovens e da comunidade, contando com as relações – individuais, ao nível da família, das comunidades e das sociedades (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Este tipo de investigação é complexo, mas envolve os assuntos sociais e políticos que estruturam o papel dos jovens na sociedade (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os indicadores baseados no envolvimento dos jovens podem ser transformados em ferramentas para promover e analisar a prática (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

As organizações comunitárias de desenvolvimento dos jovens, constituem-se como ambientes privilegiados para o envolvimento dos jovens devido por um lado, à sua tónica na participação voluntária, e por outro, devido também, à sua independência face a “*Bureaucracy*” (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

São estes elementos que distinguem muitas organizações de jovens, das instituições escolares formais, famílias e outros contextos, onde os jovens têm normalmente a sua influência e participação limitadas. De salientar, que apesar das suas limitações estruturais, estas também podem ser importantes devido ao seu tamanho (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Compreender melhor os tipos de interacção entre os jovens e os adultos, que promovam as parcerias e as oportunidades, ajudará as organizações no árduo trabalho de sustentar o envolvimento dos jovens, trazendo novos adultos e novos jovens para o processo (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Deste modo, será pertinente ter em conta estudos de caso que mostrem modelos, dados e a complexidade organizacional do envolvimento dos jovens nas actividades (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Estudos longitudinais do envolvimento dos jovens, são necessários na medida em que permitirão aos investigadores ter atenção aos papéis de mudança que os indivíduos podem ter quando em contextos novos (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Conhecer quem está de facto no envolvimento dos jovens é particularmente importante. A informação demográfica que contenha dados relativos ao género, raça, classe, idade, tem toda a importância quando pretendemos saber quem está ou não envolvido (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Do mesmo modo, que o conhecimento dos contextos de trabalho, cultura, classe, o tipo de ambiente – urbano, sub-urbano ou rural – têm grande importância e necessitam de ser estudados. Tal processo, ajudará a desenvolver prioridades para que as áreas do envolvimento dos jovens sejam mais frutíferas (Zeldin, Camino & Calvert, 2002). Tais estudos são necessários tanto para a política como para a prática.

O papel social dos jovens tem mudado muito desde a Revolução Industrial e hoje as novas circunstâncias e os novos contextos têm contribuído de forma significativa para a emergência do movimento dos jovens (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

O discurso público actual sobre o desenvolvimento dos jovens tem feito parte da base, sobre a qual, a política dos jovens tem sido desenhada (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Os investigadores trazem uma legitimidade teórica que tentam ligar com a prática inovadora local, com a política no geral e com o contexto cultural (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Tal processo ajudará certamente no debate sobre a política dos jovens, tendo por isso impacto a nível nacional.

Uma nova motivação tem surgido das mudanças políticas, relacionadas com o facto de o envolvimento dos jovens não trazer só benefícios para os jovens, mas também para as organizações e comunidades, facto que, de forma convincente, vem justificar o investimento dos recursos públicos.

No que toca ao futuro, segundo Zeldin, Camino e Calvert (2002) tanto os investigadores, como os práticos, como os políticos podem contribuir para a promoção do envolvimento dos jovens na governança.

Pittnam (2003) realça o papel activo que os jovens podem ter na comunidade, ajudando os outros e contribuindo de diversas formas para uma comunidade melhor. A *“política social deve conter as vozes e as acções dos jovens como agentes da mudança positiva”* (Pittnam *et al.*, 2002: 155). O processo de engajamento dos jovens torna-se mais completo se contiver as necessidades, o suporte e a cooperação dos jovens e a sua competência (Pittnam *et al.*, 2002). Esta prática tem sido bem sucedida em casos isolados pelo mundo fora, mas carece de ser generalizada (Pittnam *et al.*, 2002).

Um estudo realizado em 2003, sobre as atitudes dos adultos face à participação dos jovens nas organizações comunitárias, refere que em muitas organizações os jovens têm uma participação e um nível de envolvimento aquém das suas capacidades e só numa

minoria de organizações é que os jovens participavam tanto como os adultos. Se 87% da amostra refere que é importante ouvir os jovens nos processos de tomada de decisões que os afectam, apenas 47% pensa que seja importante o envolvimento dos jovens em todas as formas de governança (Rasmussen, M., 2003).

Um estudo promovido por Sirianni (2005) analisou com grande detalhe o processo de integração dos jovens no planeamento comunitário e nas estruturas de governança de Hampton (Virginia, Estados Unidos da América). A autora refere que as cidades e as organizações, não devem apenas criar oportunidades para o engajamento, deve ser garantido o treino dos jovens e dos adultos com quem vão trabalhar. Este artigo faz ainda três recomendações a partir da experiência de *Hampton*: 1) desenvolver uma infra-estrutura robusta antes do início; 2) O treino para todos é crucial; 3) Desenvolver uma política federal apropriada que invista no envolvimento dos jovens na governança.

Um estudo realizado na área da psicologia política, revela dados importantíssimos sobre as relações que os jovens estabelecem com os outros. Assim, relações próximas com a família, a participação religiosa e participação nas actividades extra-curriculares são indicadores de um maior envolvimento político e cívico na idade adulta (Smith, E., 1999).

A governança assume-se como um método primordial para o engajamento cívico dos jovens (Stoneman, 2002). Stoneman (2002) refere ainda que existe actualmente, uma grande necessidade para envolver os jovens nas deliberações políticas e para usarem as suas competências no sentido destes se desenvolverem e assumirem papéis de liderança no futuro.

A participação na resolução dos problemas sociais, estimula o aspecto cívico da

identificação, mesmo no início em que os jovens começam a articular a sua responsabilidade social com os outros, a sua parte no processo político e o seu envolvimento com os princípios morais (Youniss *et al.*, 1997).

O facto de os jovens terem responsabilidades na governança, promove o desenvolvimento nos jovens, adultos e organizações (Zeldin, S., 2004).

O benefício dos jovens que advém do envolvimento sustentável nas posições de liderança e da experiência de governança enquanto catalisadores na procura da sua identidade, tem consequências positivas na sua auto-estima (Zeldin, S., 2004).

Os jovens desenvolvem relações mais fortes com a sua comunidade e estão mais aptos a explorar e a desenvolver as suas competências pessoais (Zeldin, S., 2004).

Os jovens têm um efeito positivo nos adultos e nas organizações de que fazem parte. Trabalhar com os jovens promove nos adultos, o seu sentido de eficácia e o seu sentido de envolvimento organizacional (Zeldin, S., 2004).

Nos programas que envolvem os jovens na governança, os processos de tomada de decisões são efectivamente, mais colectivos e mais representativos, promovendo as ligações com uma maior diversidade de jovens e um melhor aproveitamento da diversidade no nível organizacional (Zeldin, S., 2004).

Zeldin (2004) analisa o engajamento dos jovens nos processos de tomada de decisões na família, na escola e nas organizações de jovens e refere que este é uma parte primordial nos modelos de desenvolvimento dos jovens.

Existem estratégias para a promoção do engajamento dos jovens que podem partir de estruturas governamentais formais, ou de processos menos formais, e podem incluir

(Zeldin, 2004): investigação e consulta; gestão feita pelos jovens; representação dos jovens na gestão; projectos de acção local; programas levados a cabo por jovens e organizações levadas a cabo por jovens.

A qualidade e a eficácia das estratégias de promoção do engajamento dos jovens é determinada pela autenticidade e pelo grau de participação dos jovens. A conhecida escala de participação dos jovens de Roger Hart (2000) mede a autenticidade e o grau de participação dos jovens.

Deste modo, os primeiros três degraus da escala dizem respeito à não participação e são eles: 1) manipulação; 2) Decoração; 3) Tokenismo. Nestes três degraus os adultos consultam ou envolvem os jovens, contudo não lhes dão a oportunidade de participar de forma autêntica e de terem uma contribuição significativa.

Os outros cinco degraus representam graus crescentes de participação dos jovens e são eles: 4) papel atribuído; 5) consultado e informado; 6) iniciação dos adultos na partilha de decisões com os jovens; 7) iniciação dos jovens e direcção; 8) iniciação dos jovens e partilha de decisões com os adultos.

Os indicadores do sucesso da participação dos jovens na governança asseguram “*a ênfase na promoção de ferramentas de participação para todos, não apenas ferramentas de liderança para alguns. Os líderes emergirão sempre, mas as crianças e os jovens deverão ter a oportunidade para aprender as múltiplas ferramentas dos grupos de colaboração e poderão experimentar e descobrir diferentes papéis, na construção de comunidades e na procura de mudança*” (United Nations, 2004).

Através de uma revisão das práticas de governança dos jovens, importa referir alguns indicadores de sucesso: inclusão, horários e transportes, capacidade dos adultos, capacidade dos jovens, continuidade da participação dos jovens, parcerias saudáveis entre adultos e jovens, contribuição significativa, participação dos jovens institucionalizada, relações públicas, ambiente estável e avaliação.

No que toca à inclusão, importa perceber quais as comunidades de jovens que estão a ser marginalizadas e que não estão a ser ouvidas. Há que criar redes de comunicação que abranjam quem está marginalizado e por isso representativas, servindo uma diversidade de jovens com diferentes culturas ou valores.

Um primeiro passo na construção da capacidade dos adultos para partilharem decisões e poderes na governança com os jovens tem a ver com o aumento de sensibilidade para as *“diferenças na experiência, de poder, de fontes de conhecimento, de língua, etc”* (Australian Youth Foundation, 1998: 4). Deste modo, é importante criar suporte nas redes, quer seja interno (dentro das organizações), ou externo (entre organizações). A adopção de uma linguagem e de um ambiente com os jovens amistoso, também é um ponto de grande importância. Por outro lado, a construção de ferramentas de participação e o desenvolvimento da compreensão da cultura dos jovens, também fazem parte da promoção da capacidade dos adultos.

No que toca à capacidade dos jovens, esta requer o desenvolvimento de competências e ferramentas no sentido de ganhar confiança e conforto na partilha de decisões e de poder com os adultos. Não só os adultos terão dificuldade em aceitar e reconhecer que os jovens devem participar, também os jovens poderão sentir que não têm consciência do seu direito de participar, nos processos e nas decisões que os afectam. Ajudar os

jovens a desenvolver uma identidade positiva, a aumentar o seu potencial de participação na tomada de decisões são pontos chave, na construção e no desenvolvimento da capacidade dos jovens.

No que respeita à continuidade dos jovens na participação, importa salientar que a vida dos jovens muda constantemente. Os adultos que pretendem enquadrar os jovens nos seus processos de tomada de decisões necessitam de reconhecer que estes estão em permanente mudança e que a própria capacidade de envolvimento vai variando (Morrow, V., 2005).

As parcerias saudáveis entre adultos e jovens possuem vários requisitos: a partilha de liderança e de poder nas decisões; disponibilidade para as relações; contribuições tanto dos jovens, como dos adultos, apreciadas tanto por uns, como por outros (Zeldin, Camino & Calvert, 2007).

A contribuição significativa dos jovens acontece quando estes, encontram uma necessidade genuína e as suas competências fazem realmente a diferença (Zeldin, Camino & Calvert, 2007).

A participação institucionalizada significa um envolvimento político forte no que toca à participação dos jovens na governança. Passa por incluir os jovens nas estruturas e nos processos das organizações, governos e outras instituições. A institucionalização da participação dos jovens é crucial para legitimar publicamente a voz dos jovens, para fomentar a acessibilidade às estruturas governamentais e organizacionais voltadas para os jovens e para assegurar a influência no planeamento, desenvolvimento e tomadas de decisão (Golombeck, 2002).

As relações públicas são importantes no sentido de assegurar o convite efectivo dos jovens para falar e participar, daí que seja crucial o estabelecimento de relações positivas com os meios de comunicação (Hoover & Weisenbach, 1999).

De salientar também, que a participação efectiva dos jovens necessita de um ambiente protegido e confortável para se desenvolver de forma contínua.

A avaliação é importantíssima na medida em que evidencia os resultados positivos do engajamento dos jovens na governança e nas tomadas de decisões ((Zeldin, Camino & Calvert, 2007).

Método

Participantes

Por pretendermos analisar o capital social e a participação dos jovens na cidade de Lisboa, pensou-se que seria interessante estudar este tema nos estudantes de 12º Ano, por ser o momento anterior à entrada dos jovens na idade adulta.

Deste modo, este estudo contou com uma amostra aleatória de conveniência, a partir dos jovens de 12º Ano da cidade de Lisboa. A amostra foi constituída por 405 estudantes de 12º Ano, pertencentes a várias escolas da cidade – Escola Secundária Afonso Domingues (30 elementos); Escola Secundária Camões (30 elementos); Escola Secundária Dom Dinis (40 elementos); Escola Secundária D. Pedro V (45 elementos); Escola Secundária Professor Herculano Carvalho (80 elementos); Escola Secundária do Restelo (50 elementos); Escola Secundária Pedro Nunes (80 elementos); Escola Secundária Vitorino Nemésio (50 elementos).

Foi garantido o anonimato dos participantes, tendo-se realçado a importância de não colocarem qualquer elemento que os identificasse no questionário. Foi assim garantida a confidencialidade e o respeito pela privacidade e promovida uma maior honestidade das respostas.

As idades dos participantes variam entre os 15 e os 23 anos. A média situa-se nos 17.7 anos e o desvio padrão é 1.00.

No que respeita ao género, 251 (62%) dos participantes são do sexo feminino e 154 (38%) são do sexo masculino (v. Figura 1).

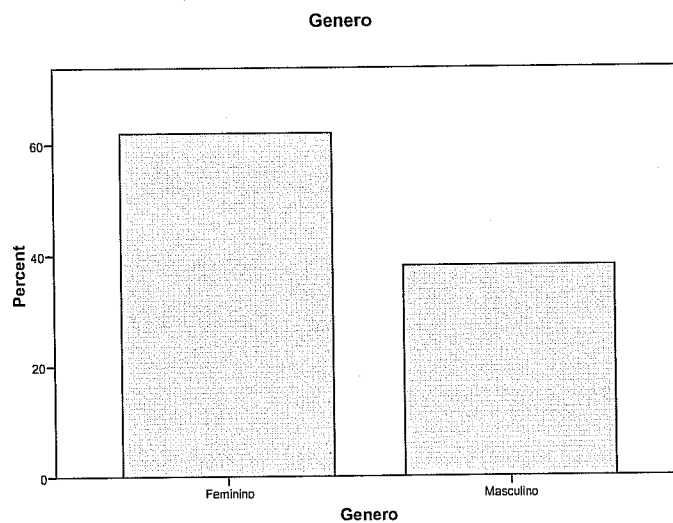


Figura 1. Sujeitos segundo o género a que pertencem

A prática de exercício físico também fez parte da caracterização sócio-demográfica da amostra e importa salientar que 102 (25.2%) dos sujeitos refere não fazer exercício físico e 303 (74.8%) referem praticar desporto (v. Figura 2).

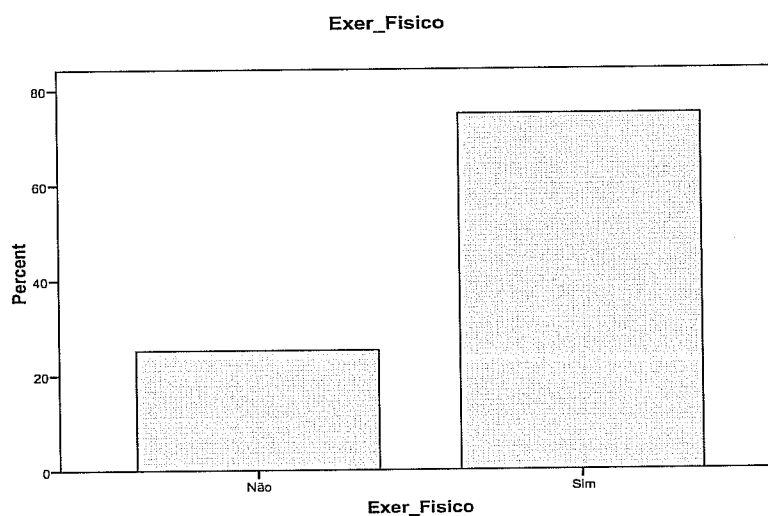


Figura 2. Sujeitos que praticam ou não, exercício físico

Instrumento

Foi utilizado o Questionário Capital Social Comunitário (Onyx e Bullen, 2000), por se tratar do mais usado instrumento para medir o capital social comunitário (Ferguson, 2006), e por ter em conta várias dimensões que são da máxima importância na nossa análise.

Este instrumento contém perguntas na sua maioria fechadas, adoptando-se o formato Likert de 1-4. Não havendo consenso sobre o número de opções de resposta que devem fazer parte de uma dada questão, de formato fechado, e tendo em conta que devem estar presentes um número suficiente de respostas que consigam transparecer a opinião do sujeito, não gerando confusão, os autores do questionário optaram por quatro opções possíveis. Tal facto, requer que não exista o elemento intermédio, no sentido de melhor aceder à real opinião do sujeito.

O formato fechado das questões, permite que as respostas sejam dadas com facilidade e rapidez. Ao nível da análise é também possível uma maior uniformidade, rapidez e simplificação, facilitando a categorização das respostas para que seja mais fácil contextualizar cada questão.

Este questionário inclui ainda, questões sócio-demográficas sobre os participantes.

Estas servem para relacionar as dimensões do questionário segundo as várias características, no sentido de analisar as várias hipóteses delineadas.

Onyx e Bullen (2000) chegaram à conclusão de que o capital social é um conceito empírico e mensurável nas comunidades locais. Para além do factor genérico a que corresponde o capital social, existem também oito elementos distintos que podem definir o capital social, são eles: 1) Participação na comunidade local; 2) Pró-actividade no contexto social; 3) Sentimentos de Confiança e Segurança; 4) Ligações na

vizinhança; 5) Ligações com os amigos e com a família; 6) Tolerância e Diversidade; 7) Valor da vida; 8) Ligações no trabalho. Dado que se pretendia analisar o capital social de uma população jovem que na sua maioria ainda não entrara na vida laboral, pensou-se que seria mais adequado substituir o contexto laboral pelo contexto escolar, daí que a dimensão “ligações no trabalho” tenha sido adaptada a “ligações na escola”.

O questionário esteve sujeito a uma tradução inglês-português, num primeiro momento, por um tradutor certificado pelo *British Council*. Num segundo momento, procedeu-se à tradução português-inglês (também certificada), no sentido da detecção de possíveis erros que pudessem existir.

Pensou-se que a utilização deste questionário, iria permitir o acesso a um maior número de participantes e a uma amostra mais representativa. A economia de recursos e a facilidade de aplicação, apresentaram-se como duas grandes vantagens advindas da escolha deste procedimento.

Os itens do questionário distribuem-se de acordo com uma das oito dimensões presentes – Valor da Vida (11, 20, 31); Confiança (4, 5, 6, 8, 15); Ligações na Família e Amigos (7, 16, 17, 18); Tolerância da Diversidade (2, 29, 30); Ligações Escola (32, 33, 34); Participação (3, 12, 24, 25, 26); Pró-Actividade (1, 13, 14, 19, 22, 27, 28); Ligações na Vizinhança (9, 10, 21, 23).

Design Experimental e Questões de Investigação

O tipo de design utilizado é o design experimental no sentido de se poder fazer um estudo comparativo e correlacional entre amostras.

Dado que já havia outros estudos que utilizaram o Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000) com resultados bem sucedidos no que diz respeito

ao estudo das comunidades, impôs-se como relevante a utilização do questionário em Portugal para que futuramente seja possível a comparação de dados a nível internacional, em estudos de maior dimensão.

Com este estudo, pretendeu-se essencialmente, analisar o capital social dos jovens de 12º Ano da cidade de Lisboa, verificar se havia correlações entre as várias dimensões do questionário de Capital Social Comunitário, que dizem respeito aos vários elementos do capital social comunitário – Valor da Vida; Confiança; Ligações na Família e Amigos; Tolerância da Diversidade; Ligações na Escola; Participação; Pró-Actividade; Ligações Vizinhança.

Por outro lado, procurou-se também e partindo dos contributos de Putnam (1995) sobre os factores que contribuem para o capital social, perceber se existiam variações significativas entre as amostras das várias dimensões do questionário, consoante as variáveis independentes, socio-demográficas – “votar nas eleições da escola”; “confiança nos políticos”; “interesse na política”; “felicidade”; “televisão”; “género”; “exercício físico”.

As principais hipóteses colocadas de início, neste ponto, foram: se os sujeitos que votam mais, que têm mais confiança nos políticos e que têm mais interesse pela política possuem também níveis mais altos nas várias dimensões do capital social, presentes no questionário; se os sujeitos mais felizes têm níveis mais altos nas várias dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000); se existem diferenças de género nas várias dimensões do capital social, tendo especial atenção à confiança; se os indivíduos que praticam exercício físico têm também níveis mais elevados nos vários elementos constituintes do capital social que figuram no

instrumento usado; se tal como Putnam (1995) avançara, as pessoas que vêem mais televisão têm níveis mais baixos nas várias dimensões do capital social.

No que respeita às correlações entre as várias dimensões do questionário, importa destacar as principais hipóteses colocadas de início: se a confiança se correlaciona com a participação e com a pró-actividade, com as Ligações na vizinhança, escola e família e amigos, com a tolerância da diversidade e com o valor da vida; se participação e a pró-actividade têm uma forte correlação; se tanto a pró-actividade como a participação se correlacionam com as demais dimensões; se as ligações na escola, na família/amigos e na vizinhança se correlacionam entre si e com o valor da vida; se a tolerância da diversidade se correlaciona com as ligações (escola, vizinhança e família/amigos).

As variáveis dependentes dizem respeito às oito dimensões do questionário – valor da vida; confiança; ligações com a família e amigos, ligações na escola, ligações na vizinhança, participação e pró-actividade. No que respeita às variáveis independentes, estas são referentes às variáveis socio-demográficas – idade; género; prática de exercício físico; votação nas eleições da escola; confiança nos políticos; interesse pela política; televisão (frequência com que assistem).

Num segundo momento do estudo, as variáveis votação nas eleições da escola; confiança nos políticos; interesse pela política; televisão (frequência com que assistem) são variáveis dependentes, ao analisar-se nestas mesmas variáveis, o efeito das variáveis independentes – idade, género, prática de exercício físico.

Procedimento

Depois de devidamente traduzido o Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000), realizou-se um pré-teste, no sentido de verificar a adequação do instrumento, para que fossem prevenidos erros, caso existissem. Deste modo, foram aplicados 30 questionários na Escola Secundária Afonso Domingues. Estes 30 questionários foram aplicados numa mesma turma na presença da investigadora, denotando-se vários problemas.

Segundo Mattar (1994), nenhuma quantidade de pensamento, mesmo que muito lógica pode substituir uma cuidadosa verificação empírica. É de extrema importância saber como o instrumento de recolha de dados se comporta numa situação real, através do pré-teste. O pré-teste funciona como um ensaio geral, em que cada passo dever-se-á realizar como no processo de recolha de dados em si (Goode e Hatt, 1972).

Percebeu-se que a presença de um estranho na sala de aula era um factor de perturbação do ambiente, tendo desse modo, o questionário demorado mais tempo a ser preenchido, do que seria de esperar.

No que diz respeito aos elementos funcionais do questionário, verificou-se no pré-teste:

- a) a clareza e precisão dos termos utilizados; a necessidade de um eventual desmembramento das questões; a forma das perguntas; a ordem das perguntas; a introdução do questionário; o valor de cada pergunta; a análise da pertinência das perguntas sócio-demográficas.

Na fase que se seguiu ao pré-teste, os questionários foram aplicados na sala de aula por um professor de cada turma, no início ou no fim da aula. Percebeu-se que ao solicitar que fossem os professores em cada turma a distribuir os questionários, se conseguiria, mais facilmente, e em menos tempo, aplicar o questionário a um número mais elevado

de alunos e por outro lado, o incômodo causado pela presença de uma pessoa estranha à sala de aula seria evitado, daí que o tempo de aplicação fosse bem mais reduzido.

Consistências Internas do Questionário de Capital Social Comunitário

Depois de aplicados todos os questionários, foi verificada a consistência interna das várias dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx e Bullen, 2000) (v. Anexo A) com vista a verificar a fiabilidade das mesmas e dos resultados obtidos. Verificou-se que todas as dimensões apresentaram valores de consistência interna aceitáveis pelo que os resultados do presente trabalho podem ser considerados providos de fiabilidade estatística (v. tabela 1).

**Tabela 1. Consistências Internas do Questionário de Capital Social
(Onyx & Bullen, 2000)**

Dimensões	Alpha de Cronbach
Valor da Vida	0.735
Confiança	0.671
Ligações Família e Amigos	0.653
Tolerância à Diversidade	0.682
Ligações no Escola	0.781
Participação	0.884
Pró-Actividade	0.728
Ligações na Vizinhança	0.810

Procedeu-se à análise da variância com um factor (teste paramétrico) – teste ANOVA ONE-WAY —, para verificar se existem diferenças significativas entre médias das variáveis dependentes quantitativas, no que respeita a duas ou mais amostras independentes extraídas de uma mesma população (Maroco, 2003).

Para que seja possível fazer a ANOVA ONE-WAY deveriam ser verificados os pressupostos de Normalidade dos dados e de Homogeneidade das Variâncias, porém as amostras são claramente superiores a 30 elementos, podendo os pressupostos ser violados.

Nos casos em que se verificaram diferenças significativas, com a Anova One-Way em mais de duas amostras independentes, procedeu-se à utilização do teste *Post-hoc*, no sentido de determinar quais as médias que diferem significativamente entre si.

Na análise das correlações entre as várias dimensões do questionário, utilizou-se o coeficiente de correlação paramétrico de Pearson, dado tratarem-se de variáveis quantitativas podendo o pressuposto de normalidade ser violado, visto as amostras terem mais de 30 elementos.

Resultados

A análise descritiva das dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário, permite-nos ter em conta sobretudo as médias e o desvio padrão das várias dimensões (v. tabela 2).

Tabela 2. Médias e desvio padrão das várias dimensões do Questionário de Capital Social

Dimensões	Comunitário	
	Média	Desvio Padrão
Confiança	2,34	0.582
Pró-Actividade	2,12	0.894
Participação	1,68	0.675
Ligações na Família e Amigos	3,27	0.570
Valor da Vida	3,12	0.808
Tolerância da Diversidade	2,73	0.792
Ligações na Vizinhança	2,25	0.788
Ligações na Escola	2,82	0.781

Usando o coeficiente de Pearson, verificamos que no que diz respeito à “confiança” existe correlação significativa, embora fraca, entre esta dimensão e as demais dimensões do questionário – Pró-actividade ($p=0.011$; $r=0.127$); Participação ($p<0.001$; $r=0.172$); Ligações Família/Amigos ($p<0.001$; $r=0.171$); Valor da Vida ($p=0.036$; $r=0.104$);

Tolerância da Diversidade ($p < 0.001$; $r = 0.225$); Ligações na Vizinhança ($p < 0.001$; $r = 0.206$); Ligações na Escola ($p < 0.001$; $r = 0.177$).

A dimensão “Pró-atividade” tem forte correlação com a dimensão “Participação” ($p < 0.001$; $r = 0.675$) e muito forte correlação com a dimensão “Ligações na Escola” ($p < 0.001$; $r = 0.937$). Por outro lado, conseguimos encontrar outras correlações, embora mais fracas, entre a Pró-atividade e as outras dimensões do questionário – Ligações na Família/Amigos ($p < 0.001$; $r = 0.480$); Valor da Vida ($p = 0.000$; $r = 0.292$); Tolerância da Diversidade ($p < 0.001$; $r = 0.278$); Ligações na Vizinhança ($p < 0.001$; $r = 0.221$).

A Participação é uma dimensão que encontra correlação com outras dimensões para além da confiança e da pró-atividade, já mencionadas anteriormente. Assim as dimensões que se correlacionam com a Participação, embora com correlações fracas são: Ligações à Família/Amigos ($p < 0.001$; $r = 0.263$); Valor da Vida ($p = 0.027$; $r = 0.110$); Tolerância da Diversidade ($p = 0.000$; $r = 0.181$); Ligações Vizinhança ($p < 0.001$; $r = 0.188$); Ligações a Escola ($p < 0.001$; $r = 0.184$).

No que toca às Ligações na Família e Amigos, para além das correlações já mencionadas entre esta dimensão e outras (Confiança, Pró-atividade e Participação), importa referir que existem também correlações razoáveis entre esta dimensão e o “Valor da Vida” ($p < 0.001$; $r = 0.288$) e as “Ligações na Escola” ($p = 0.000$; $r = 0.393$). As ligações com a família e amigos correlacionam-se também embora de forma mais fraca com a “Tolerância da Diversidade” ($p < 0.001$; $r = 0.181$) e as Ligações na Vizinhança ($p < 0.001$; $r = 0.188$).

O “Valor da Vida”, para além das correlações já mencionadas, correlaciona-se com “Ligações na Escola” ($p < 0.001$; $r = 0.447$), e de forma mais fraca, correlaciona-se ainda com a “Tolerância da Diversidade” ($p = 0.020$; $r = 0.116$).

Existe uma correlação significativa entre as dimensões “Tolerância da Diversidade” e “Ligações na Vizinhança” ($p < 0.001$; $r = 0.207$).

Efeito da Variável Independente “Votar nas Eleições da Escola” nas Oito Dimensões Do Capital Social Comunitário

A estatística descritiva para a variável independente Votar nas eleições da escola, permite-nos salientar que a mediana é “Quase sempre” e a moda é “Sempre”.

Analizou-se a variação das médias das oito variáveis dependentes, com a variável independente “votar nas eleições da escola” (v. Tabela 3)

Tabela 3. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente Votar nas Eleições da Escola

Dimensões	Votar							
	Nunca (n=68)		Quase Nunca (n=96)		Quase Sempre (n=112)		Sempre (n=129)	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Confiança	2,3588	,67232	,3146	,54964	2,3161	,62248	2,3581	,51882
Pró-Actividade	2,0490	,86629	1,8889	,78832	2,3810	,89471	2,1059	,93261
Participação	1,5176	,63362	1,4500	,44580	1,7964	,60745	1,8450	,81825
Lig. Família/Amigos	2,8750	,71823	3,1771	,47561	3,2277	,51831	3,5833	,40665
Valor da Vida	2,8676	,84030	2,7604	,83973	3,1786	,71300	3,4729	,68268
Tolerância	2,7206	,49912	2,6146	,75908	2,6518	,86170	2,8953	,85621
Diversidade	2,7206	,49912	2,6146	,75908	2,6518	,86170	2,8953	,85621
Lig. Vizinhos	2,0490	,86629	1,8889	,78832	2,3810	,89471	2,1059	,93261
Lig. Escola	2,3922	,76607	2,6458	,75209	2,7768	,75322	3,1990	,66474

Depois de devidamente observadas as médias das oito variáveis dependentes, tendo em conta a variável independente “votar nas eleições da escola”, tentou-se perceber quais as dimensões que possuíam diferenças significativas entre as médias.

Deste modo, com a Anova, constatou-se que as médias das diferentes amostras (Nunca, Quase Nunca, Quase Sempre e Sempre) apresentam diferenças significativas nas seguintes dimensões: Pró-Actividade ($F(3;401)=19.002$; $p<0.001$); Participação ($F(3;401)=9.221$; $p<0.001$); Ligações com a Família e Amigos ($F(3;401)=30.350$; $p<0.001$); Valor da Vida ($F(3;401)=19.256$; $p<0.001$); Tolerância da Diversidade ($F(3;401)=2.965$; $p=0.032$); Ligações na Vizinhança ($F(3;401)=5.667$; $p=0.001$); e Ligações na Escola ($F(3;401)=21.432$; $p<0.001$) (v. tabela 4).

Tabela 4. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor Votar.

Dimensões	p-value
Confiança	0.908
Pró-Actividade	<0.001*
Participação	<0.001*
Ligações na Família e Amigos	<0.001*
Valor da Vida	<0.001*
Tolerância da Diversidade	0.032*
Ligações na Vizinhança	<0.001*
Ligações na Escola	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Com o teste de Tukey para a comparação múltipla de médias pretendeu-se ver especificamente em que amostras existiam diferenças significativas.

As dimensões Pró-actividade ($p<0.001$) e Ligações com a Família e Amigos ($p<0.001$) possuem diferenças significativas entre as amostras dos indivíduos que nunca votam e os indivíduos que sempre votam, ou que quase sempre votam. A análise das médias,

permite-nos perceber que os indivíduos que sempre votam ou que quase sempre votam, têm níveis mais altos de pró-actividade e de ligações com a família e amigos.

No que toca à Participação constatam-se diferenças significativas entre as amostras dos indivíduos que nunca votam e os indivíduos que sempre votam ($p=0.005$). Por outro lado, verificam-se também diferenças significativas entre os indivíduos que quase nunca votam e os indivíduos que sempre votam ($p<0.001$). Pela tabela 3 é possível perceber que os indivíduos que sempre votam possuem níveis mais elevados de participação do que os indivíduos que nunca votam ou que quase nunca votam.

Na dimensão do Valor da Vida ($p<0.001$) existem diferenças significativas entre as amostras dos indivíduos que nunca votam e os indivíduos que quase sempre votam e entre os indivíduos que quase nunca votam e os que sempre votam. Pela análise das médias (v. tabela 3) verifica-se que os sujeitos que votam possuem níveis mais elevados de Valor da Vida, do que os sujeitos que nunca votam ou os sujeitos que quase nunca votam.

No que diz respeito à dimensão da tolerância da diversidade ($p=0.041$), existem diferenças significativas entre as amostras dos indivíduos que quase nunca votam e os indivíduos que sempre votam. A análise das médias (v. tabela 3) permite-nos ver que os indivíduos que sempre votam, possuem níveis mais elevados de tolerância do que os indivíduos que quase nunca votam.

Nas Ligações com a vizinhança ($p<0.001$) também se verificam diferenças significativas entre os indivíduos que quase nunca votam e os indivíduos que quase sempre votam. Com a observação das médias (v. tabela 3) constata-se que os sujeitos que quase sempre votam possuem níveis mais elevados de ligações na vizinhança do que os sujeitos que quase nunca votam.

Por último, nas Ligações na Escola ($p < 0.001$) existem diferenças significativas entre as amostras dos indivíduos que nunca votam e os indivíduos que sempre votam, constatando-se pela observação das médias (v. tabela 3), que as pessoas que sempre votam têm mais ligações na Escola do que as pessoas que nunca votam.

Efeito da Variável Independente “Confiança nos Políticos” nas Oito dimensões do Capital Social Comunitário

A estatística descritiva para a variável independente confiança nos políticos, permite-nos salientar que a mediana é “Quase nunca” e a moda é “Quase nunca”.

Analisou-se a variação das médias das oito variáveis dependentes, com a variável independente “confiança nos políticos” (v. tabela 5).

Tabela 5. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente Confiança nos Políticos

Dimensões	Confiança nos Políticos							
	Nunca (n=136)		Quase Nunca (n=199)		Quase Sempre (n=54)		Sempre (n=16)	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Confiança	2,1912	0,54371	2,4211	0,62	2,2963	0,49104	2,65	0,35402
Pró-Actividade	2,1993	0,45564	2,3568	0,48926	2,4753	0,51686	2,6389	0,38383
Participação	1,4397	0,48675	1,7116	0,64056	1,9556	0,76199	2,475	1,09757
Lig.	3,1801	0,58269	3,2764	0,55357	3,338	0,53012	3,7188	0,59774
Família/Amigos								
Valor da Vida	3,0625	0,87016	3,0854	0,8151	3,3426	0,64299	3,3125	0,51235
Tolerância	2,6507	0,81495	2,7563	0,77827	2,6944	0,79156	3,25	0,57735
Diversidade								
Lig. Vizinhos	1,8995	0,90569	2,1625	0,85665	2,3642	0,69821	2,6667	1,31092
Lig. Escola	2,75	0,85755	2,8124	0,76942	2,8272	0,61341	3,375	0,55611

Observadas as medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio padrão) de cada amostra, procedeu-se à determinação das dimensões em que se observam diferenças significativas.

Pela estatística inferencial é possível perceber que as médias das diferentes amostras (Nunca; Quase Nunca; Quase Sempre; Sempre) apresentam diferenças significativas em todas as dimensões – Confiança ($F(3;401)=6.093$; $p<0.001$); Pró-Actividade ($F(3;401)=7.471$; $p<0.001$) ; Participação ($F(3;401)=18.359$; $p<0.001$); Ligações na Família e Amigos ($F(3;401)=4.827$; $p=0.003$); Tolerância à Diversidade ($F(3;401)=2.905$; $p=0.035$); Ligações na Vizinhança ($F(3;401)=6.505$; $p<0.001$); Ligações na Escola ($F(3;401)=3.106$; $p=0.026$) – excepto, a dimensão Valor da Vida (v. Tabela 6).

Tabela 6. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor Confiança nos Políticos.

Dimensões	<i>p-value</i>
Confiança	<0.001*
Pró-Actividade	<0.001*
Participação	<0.001*
Ligações na Família e Amigos	0.003*
Valor da Vida	0.108
Tolerância da Diversidade	0.035*
Ligações na Vizinhança	<0.001*
Ligações na Escola	0.026*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Procedeu-se então à comparação múltipla de médias, pelo teste de Tukey, para verificar especificamente entre que amostras existiam diferenças significativas.

Nas dimensões Confiança ($p=0.013$), Pró-Actividade ($p=0.003$), Tolerância da diversidade ($p=0.021$), Ligações na Vizinhança ($p=0.006$), Ligações na Escola ($p=0.013$) existem diferenças significativas entre as pessoas que nunca confiam nos políticos e as pessoas que sempre confiam nos políticos. Observando a tabela 5, é possível verificar que são as pessoas que confiam nos políticos que têm níveis mais elevados em todas as dimensões citadas anteriormente.

Efeito da Variável independente Interesse pela Política nas Oito Dimensões do Capital Social Comunitário

A estatística descritiva para a variável independente interesse pela política, permite-nos salientar que tanto a mediana como a moda é “algum”

Analisou-se a variação de médias das dimensões com a variável independente “Interesse pela Política” (v. tabela 7).

Tabela 7. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável

Interesse pela Política

Dimensões	Interesse na Política							
	Nenhum (n=72)		Pouco (n=104)		Algum (n=158)		Muito (n=71)	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Confiança	2,4472	0,47173	2,1673	0,66485	2,3987	0,5582	2,3324	0,55953
Pró-Actividade	2,2562	0,50442	2,1368	0,4322	2,4353	0,5094	2,4585	0,40843
Participação	1,6139	0,66318	1,5154	0,60077	1,7595	0,70621	1,8282	0,67553
Lig.	3,2083	0,56761	3,0385	0,52228	3,3623	0,60685	3,4648	0,42531
Família/Amigos								
Valor da Vida	2,9306	1,10155	2,9615	0,61016	3,2089	0,79852	3,3521	0,64028
Tolerância	2,5417	0,80382	2,6875	0,79497	2,8101	0,7306	2,8169	0,87928
Diversidade								
Lig. Vizinhos	2,1435	0,89132	1,9199	0,87207	2,0485	0,8668	2,554	0,8581
Lig. Escola	2,8194	0,71193	2,4904	0,63849	2,9916	0,84541	2,8967	0,75717

Depois de devidamente observadas as medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio padrão), procedeu-se à determinação de quais as dimensões que apresentam diferenças significativas, tendo em conta a variável independente “Interesse pela Política”.

A estatística inferencial permite-nos ver que as médias das várias amostras (Nenhum; Pouco; Algum; Muito) apresentam diferenças significativas nas dimensões: Pró-Actividade ($F(3; 401)=10.728$; $p<0.001$); Ligações com a Família e Amigos ($F(3; 401)=10.885$; $p<0.001$); Valor da Vida ($F(3; 401)=5.418$; $p=0.001$); ligações na Vizinhança ($F(3; 401)=8.077$; $p<0.001$); Ligações na Escola ($F(3; 401)= 9.494$; $p<0.001$) (v. tabela 8).

Tabela 8. Valores de significância (p-value) das dimensões do questionário em relação ao factor Interesse pela Política.

Dimensões	p-value
Confiança	0.004*
Pró-Actividade	<0.001*
Participação	0.006*
Ligações na Família e Amigos	<0.001*
Valor da Vida	0.001*
Tolerância da Diversidade	0.076
Ligações na Vizinhança	<0.001*
Ligações na Escola	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Utilizando o teste de Tukey, determinou-se quais as amostras com diferenças significativas. Deste modo, as dimensões Pró-actividade ($p=0.043$), Ligações com a Família e Amigos ($p=0.088$), Valor da Vida ($p=0.009$) e Ligações na Vizinhança possuem diferenças significativas entre os sujeitos que têm muito interesse pela política

e os sujeitos que não possuem nenhum interesse pela política. De salientar que os que têm muito interesse pela política têm níveis mais altos em todas estas dimensões, referidas anteriormente (v. tabela 7). No que diz respeito às Ligações na Escola ($p=0.003$), também se encontram diferenças significativas entre os sujeitos que têm pouco interesse pela política e os sujeitos que têm muito interesse pela política, sendo que os que se interessam muito pela política têm níveis mais elevados do que os que se interessam pouco.

Efeito da Variável Independente Felicidade nas Oito Dimensões do Capital Social Comunitário

A estatística descritiva para a variável independente felicidade, permite-nos salientar que tanto a mediana como a moda é “feliz”

Analisou-se a variação de médias das dimensões com a variável independente “felicidade” (v. tabela 9).

Tabela 9. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente Felicidade

Dimensões	Felicidade					
	Nenhum (n=28)		Pouco (n=232)		Algum (n=145)	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Confiança	2,2357	,51655	2,2750	,61248	2,4538	,52454
Pró-Actividade	1,9325	,28901	2,3324	,51330	2,4054	,44532
Participação	1,2571	,35635	1,7086	,70121	1,7241	,65535
Lig. Família/Amigos	2,7589	,86731	3,2284	,57648	3,4345	,39640
Valor da Vida	1,7143	,69958	3,0022	,73192	3,5828	,50694
Tolerância Diversidade	2,5893	,54524	2,7996	,78108	2,6517	,84023
Lig. Vizinhos	1,8929	,99816	2,1279	,91033	2,1540	,84439
Lig. Escola	1,6548	,69378	2,7112	,71568	3,2069	,60613

Determinou-se quais as dimensões que apresentam diferenças significativas tendo em conta a variável independente “Felicidade”, através da análise de variâncias, depois de observadas as médias.

Deste modo, a estatística inferencial (v. tabela 10) demonstra que as médias das diferentes amostras (Pouco feliz; Feliz; Muito Feliz) apresentam diferenças significativas nas dimensões: Confiança ($F(2;402)=4.754$; $p=0.009$); Pró- Actividade ($F(2;402)=11.506$; $p<0.001$); Participação ($F(2;402)=6.153$; $p=0.002$); Ligações com a Família e Amigos ($F(2;402)=19.540$; $p<0.001$); Valor da Vida ($F(2;402)=103.523$; $p<0.001$); Ligações na Escola ($F(2;402)=68.151$; $p<0.001$).

Tabela 10. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor Felicidade.

Dimensões	<i>p-value</i>
Confiança	0.009*
Pró-Actividade	<0.001*
Participação	0.002*
Ligações na Família e Amigos	<0.001*
Valor da Vida	<0.001*
Tolerância da Diversidade	0.129
Ligações na Vizinhança	0.362
Ligações na Escola	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Com o teste de Tukey, foi possível perceber em que amostras se verificavam diferenças significativas. As dimensões Confiança ($p=0.010$), Pró-Actividade ($p<0.001$), Participação (0.002); Ligações com a Família e Amigos ($p<0.001$), Valor da Vida ($p<0.001$) e Ligações na Escola ($p<0.001$) possuem diferenças significativas entre os indivíduos que se consideram muito felizes e os indivíduos que se consideram pouco felizes. Assim, pela observação das médias (v. tabela 9) podemos também perceber que os indivíduos que se consideram muito felizes apresentam níveis mais elevados em todas as dimensões anteriormente referidas.

Efeito da Variável Independente “Televisão” nas Oito Dimensões do Capital Social Comunitário

A estatística descritiva para a variável independente televisão, permite-nos salientar que tanto a mediana como a moda é “algumas vezes”.

Analisou-se a variação de médias das dimensões com a variável independente “televisão” (v. tabela 11).

Tabela 11. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente Televisão

Dimensões	Televisão							
	Raramente (n=38)		Poucas Vezes (n=52)		Algumas Vezes (n=164)		Maioria das Vezes (n=151)	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
Confiança	2,3895	,48535	2,1346	,54840	2,3500	,64528	2,3775	,53043
Pró-Actividade	2,1404	,39574	2,2201	,48780	2,4194	,51300	2,3208	,46747
Participação	1,6263	,63616	1,3615	,43030	1,7902	,69593	1,6914	,70038
Lig. Família/Amigos	3,0987	,72489	3,2692	,38618	3,3277	,60200	3,2500	,53852
Valor da Vida	2,5658	1,15180	3,0577	,54820	3,3140	,57599	3,0728	,91905
Tolerância	2,7895	,57694	2,8269	,69933	2,7896	,85620	2,6225	,78944
Diversidade	2,0526	,98495	1,9231	,71892	2,2622	,86732	2,0530	,93658
Lig. Vizinhos	2,0526	,98495	1,9231	,71892	2,2622	,86732	2,0530	,93658
Lig. Escola	2,0351	,85526	2,7756	,70083	2,9512	,75240	2,8786	,70918

Depois da observação das médias, através da Anova, determinou-se quais as dimensões onde existiam diferenças significativas, tendo em conta a variável independente “Televisão”.

Pela estatística inferencial, as médias das várias amostras (Raramente; Poucas Vezes; Algumas Vezes; Maioria das Vezes) apresentam diferenças significativas nas seguintes dimensões: Pró-Actividade ($F(3;401)=4.737$; $p=0.003$); Participação ($F(3;401)=5.585$; $p=0.001$); Valor da Vida ($F(3;401)=10.021$; $p<0.001$); Ligações na Escola ($F(3;401)=16.325$) (v. tabela 12).

Tabela 12. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor televisão.

Dimensões	<i>p-value</i>
Confiança	0.059
Pró-Actividade	0.003*
Participação	0.001*
Ligações na Família e Amigos	0.151
Valor da Vida	<0.001*
Tolerância da Diversidade	0.195
Ligações na Vizinhança	0.051
Ligações na Escola	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Com o teste de Tukey percebeu-se em que amostras se verificaram as diferenças. Tanto no Valor da Vida ($p=0.012$) como nas Ligações na Escola ($p=0.000$) verificaram-se

diferenças significativas entre os sujeitos que raramente vêem televisão e os sujeitos que vêem televisão a maioria das vezes. Sem embargo, a observação das médias (v. tabela 11) destas duas dimensões, permite-nos perceber que os sujeitos que vêem televisão a maioria das vezes têm níveis mais elevados nestas duas dimensões – Valor da Vida e Ligações na Escola. No que diz respeito à dimensão Participação ($p=0.012$) observam-se diferenças significativas entre as pessoas que participam poucas vezes e as que participam a maioria das vezes. Porém, importa referir que a observação das médias (v. tabela 11) demonstra que os sujeitos que vêem televisão a maioria das vezes apresentam níveis mais elevados de participação. A pró-actividade ($p=0.008$) apresenta também diferenças significativas entre os sujeitos que raramente vêem televisão e os sujeitos que vêem televisão algumas vezes. As médias (v. tabela 11) adiantam-nos que as pessoas que vêem televisão algumas vezes apresentam níveis mais elevados de pró-actividade em relação às pessoas que raramente vêem televisão.

Efeito da Variável Independente “Género” nas oito dimensões do Capital Social Comunitário

Observaram-se as médias das oito dimensões do capital social, nas várias amostras, tendo em conta a variável independente género.

Tabela 13. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Género”

Dimensões	Género			
	Feminino (n=251)		Masculino (n=154)	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
Confiança	2,2582	,59326	2,4636	,54001
Pró-Actividade	2,3444	,53382	2,3088	,40874
Participação	1,6566	,70256	1,7260	,62870
Lig. Família/Amigos	3,2928	,51469	3,2321	,65061
Valor da Vida	3,0797	,86696	3,1883	,69798
Tolerância Diversidade	2,7689	,81633	2,6721	,74837
Lig. Vizinhos	2,0452	,89725	2,2446	,87658
Lig. Escola	2,7742	,72568	2,8831	,86280

Depois de observadas as médias (v. tabela 13), determinou-se, através da Anova, quais as dimensões que apresentam diferenças significativas nas duas amostras (Feminino e Masculino).

Apenas se observaram diferenças significativas nas dimensões Confiança ($F(1;403)=12.245$; $p=0.001$) e Ligações na Vizinhança ($F(1;403)$; $p=0.029$) (v. tabela 14). Através da observação das médias nas duas amostras para estas duas dimensões, constata-se que os homens têm níveis mais elevados em ambas as dimensões.

Tabela 14. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor Género.

Dimensões	<i>p-value</i>
Confiança	0.001*
Pró-Actividade	0.478
Participação	0.316
Ligações na Família e Amigos	0.299
Valor da Vida	0.189
Tolerância da Diversidade	0.232
Ligações na Vizinhança	0.029*
Ligações na Escola	0.174

Efeito da Variável Independente Exercício Físico nas Oito Dimensões do Capital Social Comunitário

Observaram-se as médias das oito dimensões do capital social, nas várias amostras, tendo em conta a variável independente exercício físico.

Tabela 15. Variação das médias das várias amostras de cada dimensão, consoante a variável independente “Exercício Físico”

Dimensões	Exercício Físico			
	Não (n=102)		Sim (n=303)	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Confiança	2,3843	,53004	2,3201	,59786
Pró-Actividade	2,2015	,49338	2,3744	,48164
Participação	1,5941	,65003	1,7129	,68227
Lig. Família/Amigos	3,0637	,57880	3,3391	,55109
Valor da Vida	2,9363	,79812	3,1832	,80269
Tolerância Diversidade	2,9559	,64141	2,6568	,82350
Lig. Vizinhos	2,0327	,90410	2,1507	,88961
Lig. Escola	2,3562	,78245	2,9703	,71887

Depois de observadas as médias das várias dimensões em relação à variável independente “Exercício físico” (v. tabela 15), determinou-se quais as dimensões que possuem diferenças significativas entre as médias das duas amostras (Não e Sim).

Através da Anova constata-se que as dimensões Pró-actividade ($F(1;403)=0.929$; $p=0.002$), Ligações com a Família e Amigos ($F(1;403)=18.575$; $p<0.001$), Valor da Vida ($F(1;403)=7.240$; $p=0.007$), Tolerância da Diversidade ($F(1;403)=11.169$; $p=0.001$) e Ligações na Escola ($F(1;403)=53.222$; $p<0.001$) apresentam diferenças significativas entre as médias (v. tabela 16). Pela análise das médias (v. tabela 15), percebe-se que os indivíduos que praticam exercício físico possuem níveis mais elevados em todas as dimensões referidas anteriormente.

Tabela 16. Valores de significância (*p-value*) das dimensões do questionário em relação ao factor Exercício Físico

Dimensões	<i>p-value</i>
Confiança	0.336
Pró-Actividade	0.002*
Participação	0.125
Ligações na Família e Amigos	<0.001*
Valor da Vida	0.007*
Tolerância da Diversidade	0.001*
Ligações na Vizinhança	0.249
Ligações na Escola	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Efeito da Variável Independente Género nas Variáveis dependentes “votar”; “interesse pela política”; “confiança nos políticos”; “felicidade”; “televisão”

Observaram-se as médias das várias amostras das variáveis dependentes votar, interesse pela política, confiança nos políticos, felicidade e televisão tendo em conta a variável independente género (v. tabela 17).

Tabela 17. Variações das Médias das Variáveis Dependentes “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” com a variável independente “Género”.

	Género	n	Média	Desvio-padrão
Votar	Feminino	251	2,6813	1,06677
	Masculino	154	2,8506	1,09534
Interesse Política	Feminino	251	1,6653	,69825
	Masculino	154	2,2208	,79415
Confiança nos Políticos	Feminino	251	2,4343	,96678
	Masculino	154	2,7727	,96014
Felicidade	Feminino	251	3,2789	,58814
	Masculino	154	3,3052	,58665
Televisão	Feminino	251	3,2231	,89332
	Masculino	154	2,7857	,94256

Para se perceber em quais as variáveis dependentes se verificam diferenças significativas entre as médias das diferentes amostras (Feminino e Masculino) utilizou-se a Anova.

Tabela 18. Valores de significância (*p-value*) das variáveis votar, interesse pela política, confiança nos políticos, felicidade e televisão em relação ao factor género

Dimensões	<i>p-value</i>
Votar	0.125
Confiança nos Políticos	<0.001*
Interesse Política	0.001*
Felicidade	0.662
Televisão	<0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Deste modo as variáveis Confiança nos Políticos ($F(1;401)=54.338$; $p<0.001$), Interesse pela Política ($F(1;401)=11.759$; $p=0.001$) e Televisão ($F(1;401)=21.937$; $p<0.001$) possuem diferenças significativas entre as duas amostras (v. tabela 18). A análise das médias (v. tabela 17) permite-nos ver que os indivíduos do sexo masculino possuem mais confiança nos políticos e mais interesse pela política em relação aos sujeitos do sexo feminino. Por outro lado, mulheres vêem mais televisão que os homens.

Efeito da Variável Independente Exercício Físico nas Variáveis dependentes

“votar”; “interesse pela política”; “confiança nos políticos”; “felicidade”;

“televisão”

Observaram-se as médias das várias amostras das variáveis dependentes votar, interesse pela política, confiança nos políticos, felicidade e televisão tendo em conta a variável independente exercício físico (v. tabela 19).

Tabela 19. Variações das Médias das Variáveis Dependentes “Votar”, “Interesse pela Política”, “Confiança nos Políticos”, “Felicidade” e “Televisão” com a variável independente “Exercício Físico”.

	Exercício Físico	n	Média	Desvio- padrão
Votar	Não	102	2,4216	1,20590
	Sim	303	2,8548	1,01252
Confiança nos Políticos	Não	102	1,8725	,81656
	Sim	303	1,8779	,77306
Interesse Política	Não	102	2,7255	,81029
	Sim	303	2,5083	1,02248
Felicidade	Não	405	2,5630	,97702
	Sim	303	3,3465	,53554
Televisão	Não	405	3,2889	,58699
	Sim	303	3,1485	,90312
		405	3,0568	,93567

Depois de observadas as médias (v. tabela 19), procedeu-se à determinação das variáveis dependentes com diferenças significativas com a variável independente Exercício Físico, com recurso à Anova. Constatou-se que existem diferenças significativas nas duas amostras (Não e Sim) nas seguintes variáveis dependentes: Votar ($F(1;403)=12.644$; $p<0.001$); Felicidade ($F(1;403)=11.917$; $p=0.001$) e Televisão ($F(1;403)=11.873$; $p=0.001$) (v. tabela 20).

Tabela 20. Valores de significância (*p-value*) das variáveis votar, interesse pela política, confiança nos políticos, felicidade e televisão em relação ao factor exercício físico

Dimensões	<i>p-value</i>
Votar	<0.001*
Confiança nos Políticos	0.0953
Interesse Política	0.052
Felicidade	0.001*
Televisão	0.001*

* diferenças significativas ao nível de 0.05

Pela observação das médias (v. tabela 20) destas variáveis, constata-se que os indivíduos que praticam exercício físico possuem níveis mais elevados nas três variáveis (Votar; Felicidade; Televisão).

Discussão

O capital social tem sido abordado por várias ciências sociais tais como a Ciência Política, a Sociologia, a Antropologia e mais recentemente a Psicologia Comunitária.

A Psicologia Comunitária abrangendo uma atenção múltipla – social, económica, política e espacial – tem em conta os diferentes níveis de análise que fazem parte da dinâmica do fenómeno social (Perkins *et al.*, in press).

Vários estudos abordam a capacidade dos recursos sociais de facilitarem e promoverem os resultados positivos das comunidades em geral, e resultados positivos ao nível do bem estar das crianças e dos jovens (e.g. Coleman & Hoffer, 1987; Furstenberg & Hughes, 1995; Paasch & Carver, 1996; Putnam, 1995, 2000).

O presente estudo pretendeu analisar o capital social comunitário dos jovens de 12º Ano da cidade de Lisboa, focando-se em particular, na participação comunitária mas não descurando os outros elementos, como as redes sociais – na família e entre amigos; entre pares na escola; na vizinhança – a confiança, a tolerância da diversidade, a valorização da vida.

A literatura tem encarado o capital social como uma activo das comunidades para que estas alcancem os seus objectivos através das suas potencialidades, tendo em conta as normas de reciprocidade, de confiança mútua, de solidariedade, alargando o poder de participação dos cidadãos. Parte-se da ideia de que a construção de comunidades mais saudáveis não passa apenas pelas estruturas de institucionalidade, mas também pelo exercício real da cidadania.

Zeldin, Camino & Calvert (2003, 2007) abordam a importância da participação e do envolvimento dos jovens na comunidade e nos assuntos que lhes dizem respeito, referindo três grandes razões que justificam esta importância. Uma primeira razão que

se prende com o respeito pela justiça social e com o facto de os jovens serem sujeitos com direitos, remetendo-nos obrigatoriamente para a Convenção dos Direitos das Crianças, das Nações Unidas, que refere que os jovens devem poder expressar-se livremente, devem ser ouvidos nas questões que os afectam e os seus pontos de vista devem ser tidos em conta, de acordo com a sua idade e maturidade. A segunda razão, prende-se com a necessidade de proporcionar na sociedade espaços de interacção comum, onde exista um balanço dos direitos e das responsabilidades e onde os jovens tenham oportunidades legítimas de influenciar as decisões. A terceira razão tem a ver com o próprio desenvolvimento dos jovens.

Quanto maior for a representatividade e a diversidade dos segmentos participantes na formação do capital social, maior é também a probabilidade de sucesso de uma dada comunidade (Abramovay, 1998, 2000; Granovetter, 1985).

Partindo de uma ideia de participação que contempla dois níveis, um no sentido de fazer parte, outro referente a uma participação mais efectiva, que requer mais envolvimento e mais iniciativa (Boyden & Ennew, 1997), o instrumento utilizado, Questionário do Capital Social Comunitário (Onyx e Bullen, 2000), permite-nos aceder a estes dois níveis, através de duas dimensões: participação e pró-actividade. Esta distinção foi de extrema utilidade para que seja possível discutir esta questão da participação dos jovens de 12º Ano da cidade de Lisboa.

Neste estudo é possível perceber uma forte correlação entre a participação e a pró-actividade, remetendo-nos para a íntima relação entre estes dois conceitos que se dá de forma biunívoca.

A bibliografia aponta para o facto de o envolvimento na comunidade e o participar activamente terem um papel importantíssimo no desenvolvimento dos jovens e das

comunidades (Ferman, 2005; Frank, 2006; Israel & Ilvento, 1995; Morrow, 2005; Pittman, 1999, 2003; Pittman et al., 2002; Rogoff, B. et al., 1995; Scheve et al., 2006; Zeldin, Camino & Calvert 2003; 2007; Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Segundo Robinson (2004), os jovens que se envolvem nas actividades cívicas (pró-actividade) possuem também melhores níveis de participação e mais altos níveis de participação nas eleições.

Este trabalho aponta para o facto de os jovens com mais confiança nos políticos e mais interesse pelos assuntos da política nacional serem também mais pró-activos, isto é participarem de forma mais efectiva na comunidade em que se inserem.

A necessidade da participação e da pró-actividade dos jovens nos assuntos da comunidade, faz cada vez mais parte, da agenda política actual (Zeldin, Camino & Calvert, 2003; 2007), sendo apontado como um forte indicador de desenvolvimento (Pittman, 1999; 2003).

Neste estudo, salienta-se uma correlação significativa entre a pró-actividade e o valor da vida, que é uma dimensão que se aproxima do da percepção que o indivíduo tem do seu bem estar e do quanto a vida o satisfaz.

Para além da correlação existente entre a pró-actividade e o valor da vida, importa salientar que existem diferenças significativas entre as amostras das dimensões pró-actividade e participação, tendo em conta a variável felicidade. Quer isto dizer que os indivíduos que se consideram mais felizes têm também, níveis mais elevados de participação e de pró-actividade.

Sendo o valor da vida e a auto-percepção da felicidade dois elementos fundamentais na operacionalização do conceito de bem-estar, percebemos a importância da relação entre a participação e a pró-actividade e o bem-estar dos jovens.

Zeldin (2004) adianta que a participação dos jovens funciona como um catalisador na procura de uma identidade sólida e tem reflexos ao nível da auto-estima.

Neste trabalho, foi possível encontrar uma correlação muito forte entre a pró-actividade e as ligações estabelecidas na escola e as ligações estabelecidas com amigos e a família.

Também se verificou que os jovens que mais votam, que têm mais confiança nos políticos e que possuem mais interesse pela política, têm níveis mais elevados nas ligações estabelecidas na escola e nas ligações estabelecidas na família.

No que toca à correlação entre a pró-actividade e as ligações na escola, esta apresenta um valor muito elevado, indo ao encontro de resultados adiantados por outros estudos anteriores (eg. Bassani, 2007; Offer, 2007).

É conveniente analisar estes resultados à luz do conceito de Proximidade (Coleman, 1988, 1990) definido pela densidade dos laços que constituem a rede e do conceito de *bonding*, proposto por Putnam (1995, 2000), que vai na mesma linha de pensamento. Quanto mais forte é a densidade dos laços da rede entre os jovens, mais oportunidades e potencialidades surgem (Sampson et al., 1999). Esta proximidade referente aos processos *bonding* diz essencialmente respeito, às redes estabelecidas informalmente (Perkins, Hughes & Speer, 2002).

A proximidade acarreta consigo outros factores que estimulam as potencialidades dos jovens tais como: o controlo social informal, a reciprocidade e o suporte mútuo (Hagan, McMillan & Wheaton, 1996; Hoferth et al., 1999; Sampson et al., 1999).

A densidade dos laços estabelecidos na escola, entre pares, merece toda a atenção na medida em que se trata de um recurso que pode ser mobilizado sob a forma de capital.

Segundo Bassani (2007), os recursos são mobilizados sob a forma de capital quando

ocorre uma junção dinâmica entre os recursos sociais estruturais e os recursos sociais funcionais.

Esta questão da proximidade e da densidade dos laços está presente também nas ligações estabelecidas com a família e amigos e na vizinhança. Neste estudo verificou-se uma correlação forte entre as ligações com a família e amigos e a pró-actividade e uma correlação significativa, embora não tão forte, entre as ligações estabelecidas na vizinhança e a pró-actividade.

É importante compreender como é que os recursos podem ser mobilizados sob a forma de capital. De facto, o capital social desenvolve-se em grupos cujos recursos sociais sejam eficientes, sejam eles funcionais ou estruturais (Bassani, 2007). Deste modo, o estabelecimento de relações e ligações saudáveis, traduz-se na eficiência dos recursos, funcionando como verdadeiras fontes de capital social.

Estas ligações podem-se dar nos três contextos aqui analisados: escola, família/amigos e vizinhança. Em cada um destes três contextos é necessário ter em conta o conceito de proximidade e a eficiência dos recursos sociais. Embora os recursos sociais estruturais sejam de grande importância, os recursos funcionais também têm a sua relevância, estando ligados directamente ao bem-estar auto-percebido (Bassani, 2007).

Para Putnam (2000), as famílias são verdadeiros exemplos de capital social *bonding*. O autor correlaciona a família nuclear com altos níveis de confiança comunitária, de participação e de envolvimento cívico.

A família, restrita e alargada, também é um ponto que figura no instrumento utilizado, estando contido na dimensão ligações com a família e amigos, sendo uma importante fonte de suporte social (Coleman & Hoffer, 1987; Stevenson, 1998). Vários autores encaram o suporte social como uma forma de capital social. A construção das redes

sociais dá-se com o objectivo de produzir e reproduzir benefícios, sejam eles simbólicos ou materiais (Bourdieu, 1985). Offer (2007) refere que as pessoas investem nas relações sociais no sentido e obterem suporte, posteriormente. Offer (2007) salienta a importância das relações na promoção da participação e do envolvimento dos jovens nos assuntos comunitários.

Seria interessante que em estudos futuros se pudesse estudar o capital social, tendo em conta uma caracterização mais exaustiva da estrutura familiar dos jovens, com vista a perceber quais as estruturas que mais promovem o capital social.

Na escola, é possível perceber que as redes de amizade mais fortes e mais consistentes assumem-se como recursos activos que promovem a mudança, e são úteis no estabelecimento de novas pontes e oportunidades. Por outro lado, as ligações estabelecidas entre pares, na escola, podem funcionar também como uma rede de suporte que poderá ajudar os jovens na resolução dos problemas e na promoção das potencialidades do grupo.

No presente trabalho, nota-se uma correlação forte entre as ligações na escola e o valor da vida, o que nos faz pensar que a densidade dos laços, que os jovens estabelecem, é um importante contributo para o seu bem-estar, do mesmo modo que o bem estar também está relacionado com o estabelecimento de relações. Esta ideia ganha ainda mais consistência se pensarmos que os sujeitos que se sentem mais felizes são também os que têm maiores níveis de ligações na escola.

Bassani (2007) refere que a família se assume como o grupo primário ao qual os jovens se ligam de forma mais permanente, mas existem muitos outros grupos, secundários, a escola e a vizinhança, entre outros. Deste modo o capital social, gerado no grupo

primário, funciona como recurso, que pode ser mobilizado pelos demais grupos secundários.

Aqui será importante ter em conta para além do conceito de *bonding* (relações dentro de um mesmo grupo), o conceito de *bridging* (entre grupos), proposto por Putnam (1995). As pontes entre o grupo primário e os outros grupos secundários funcionam como uma mais valia na produção de capital social.

Na verdade, a felicidade auto-percebida, conceito fundamental na operacionalização do bem-estar, está relacionada de forma significativa com as ligações na família e amigos e as ligações na escola. O que significa que quanto mais felizes os jovens se consideram, maiores são os níveis de ligações, tanto na família como na escola. Importa ainda referir a correlação significativa entre o valor da vida e as ligações na escola e na família/amigos.

A qualidade da vizinhança tem sido encarada como um indicador do sucesso escolar dos jovens no futuro (Furstenberg & Hughes, 1995; Swanson, 2001). Para além dos resultados escolares positivos, as ligações na vizinhança aparecem em vários estudos associadas a níveis mais baixos de delinquência juvenil, níveis mais elevados de saúde mental e física (Morrow, 2000) e a níveis mais altos de eficácia colectiva nos jovens (Morrow, 2000).

No que respeita à confiança, esta é uma dimensão que apresenta correlações, embora não muito fortes, com todas as demais dimensões. As correlações entre a confiança e as várias dimensões relacionadas com as ligações – escola, família e amigos e vizinhança – estas apresentam valores, que embora significativos, não se tratam de correlações fortes. Para Perkins & Long (2002), a ideia de confiança comunitária, formal ou informal, é fundamental no desenvolvimento de comunidades saudáveis. A confiança que obedece

obviamente, às regras fundamentais da reciprocidade, condiciona a prosperidade e o grau de democracia, bem como a capacidade de uma dada sociedade de competir economicamente (Fukuyama, 1995).

Foi ainda possível verificar que os sujeitos com níveis mais altos de felicidade auto-percebida têm também níveis mais altos de confiança, o que nos faz pensar na íntima relação desta dimensão com o bem-estar dos indivíduos.

Segundo Putnam (1993) a confiança é um fenómeno relacional que favorece a cooperação e a acumulação de capital social.

Este estudo dá conta de diferenças significativas nas diferentes amostras da dimensão confiança, consoante o género. Na verdade, os jovens do sexo masculino apresentam índices mais elevados de confiança dos que os do sexo feminino. Por outro lado, os indivíduos do sexo masculino apresentam níveis mais altos de confiança nos políticos e de interesse pela política.

Tendo em conta que a ideia de confiança assenta na previsibilidade, que por sua vez, tem as suas raízes nas normas de reciprocidade, é possível colocar a hipótese das diferenças de género verificadas na dimensão confiança estarem relacionadas com a percepção das desigualdades que homens e mulheres experimentam. Os ambientes sociais que favorecem a diversidade e a integração de todos têm índices mais elevados de confiança (Putnam, 2000).

A frequência com que os jovens vêem televisão também fez parte das variáveis deste estudo, dado ter sido avançado como um factor que poderá ser em parte responsável pelo declínio do capital social (Putnam, 1995). Os resultados deste estudo são contrários aos de Putnam, na medida em que os jovens que assistem televisão com mais frequência

têm níveis mais elevados de participação, pró-atividade, valor da vida e ligações na escola.

No que respeita ao exercício físico, também foi interessante perceber em que medida este pode ser um contributo para o capital social. De facto, verificou-se que os indivíduos que praticam mais desporto possuem níveis mais elevados de pró-atividade, são os que votam mais, possuem níveis mais altos de ligações com a família e amigos e na escola, e toleram mais a diversidade.

Por outro lado, também se verificaram níveis mais altos do valor da vida e de felicidade auto-percebida, nos indivíduos que praticam exercício físico. Tal facto, permite-nos perceber a íntima relação entre o exercício físico e o sentimento de bem-estar e a sua possível relação na promoção da saúde no geral e da saúde mental, em particular.

O exercício físico tem sido abordado como um factor incontornável na promoção da saúde, estando no topo da agenda de debate quando o tema é prevenção de doenças – cardiovasculares, mentais, oncológicas, entre outras.

A investigação tem abordado o tema do exercício físico e a sua relação com o capital social, na medida em que o exercício físico pode ser um ponto importante na construção de comunidades mais saudáveis. Tem sido analisado em que medida o capital social influencia a prática de exercício físico e em que medida o exercício físico pode ser um factor de consolidação do capital social (eg. Berkman & Glass, 2000; Kawachi & Berkman, 2000; Kreuter & Lezin, 2002; Lindstrom et al., 2001; Williams et al., 2003; Gold et al., 2002).

As sociedades mais coesas e com mais capital social têm melhores índices de saúde, isto é, taxas de mortalidade mais baixas, maior esperança média de vida, menor incidência

de doenças oncológicas e cardiovasculares (Wilkinson, 1996; Kawachi & Berkman, 2000).

Vários estudos referem que as ligações e as relações de suporte reduzem a probabilidade de adopção de comportamentos não saudáveis (eg. Berkman & Glass, 2000; Heaney & Israel, 1997; Kahn *et al.*, 2002). Especificamente, As ligações à família e aos amigos, tal como no presente trabalho, têm sido associados a níveis mais altos de exercício físico (Eyler *et al.*, 1999; McNeill *et al.*, 2006; Sallis, Hovell e Hofstetter, 1992; Sternfeld, Ainsworth e Quesenberry, 1999).

McNeill e seus colaboradores (2006) adiantam que a principal vantagem de uma rede de suporte e do seu efeito sobre o exercício físico, se prende com quatro razões principais: o favorecimento da adopção de comportamentos promotores de saúde; a promoção do acesso aos recursos e aos bens materiais; a promoção de acções comunitárias individuais; a redução do contacto com doenças infecciosas.

A relação do exercício físico com níveis mais elevados de pró-actividade é também um ponto a considerar. O capital social e a coesão social estão fortemente correlacionados com a eficácia colectiva (eg. Sampson *et al.*, 1997). Lindstrom, Hanson e Ostergren (2001) que conduziram um estudo de grandes dimensões na Suécia também referem ter encontrado uma forte correlação negativa entre a participação e o baixo tempo de exercício físico.

No que toca à relação do exercício físico com níveis mais altos de tolerância para com a diversidade este poderá ter a ver com o facto de se tratar de um contexto em que as pessoas tendem a relacionar-se com uma grande variedade de pessoas, oriundas de grupos sociais diferentes.

Outros estudos salientam que o acesso diferencial aos recursos da comunidade e as práticas discriminatórias, estão altamente correlacionadas com a adopção de comportamentos pouco saudáveis (Karlson e Nazroo, 2002; Krieger, 2000; Nazroo, 2003; Guthrie, Young, Williams, Boyd & Kintner, 2002; Landrine & Klonoff, 2000).

Seria interessante relacionar o exercício físico com o capital social, tendo em conta a variável socio-económica, já que grande parte dos estudos atribui grande importância ao efeito desta variável na prática de desporto (eg. Lindstrom, Hanson & Ostergen, 2001; Lynch, Kaplan e Salonen, 1997; Ford *et al.*, 1991; Giles-Corti & Donovan, 2002).

Este estudo permitiu encontrar uma íntima relação entre o capital social e o bem-estar dos indivíduos. Pretendeu-se dar a conhecer a importância do capital social dos jovens, abordando-o numa perspectiva multi-nívelar, na construção de comunidades mais saudáveis.

Segundo Bassani (2007), o capital social tem um efeito tanto directo como indirecto no bem-estar das comunidades e dos indivíduos em particular. Influencia directamente o bem-estar pelas normas de reciprocidade, pela confiança, pela coesão, pelo suporte social. Mas influencia também de forma indirecta dado que mobiliza os recursos – financeiros, humanos, culturais e físicos – de forma a que possam ser utilizados e bem aproveitados (Bassani, 2007).

Só recentemente é que a investigação na área do capital social tem salientado a importância do papel dos jovens no desenvolvimento das comunidades (eg. Morrow, 2005).

Autores como Camino & Zeldin (2002), Cohen e Arato (1992), Minkler e Wallerstein (1997) têm sublinhado a importância do envolvimento dos diversos membros que fazem parte da comunidade, incluindo os jovens. As poucas experiências que existem que

apelam à participação efectiva dos jovens têm sido bem sucedidas pelo que deverão ser alargadas e sistematizadas (Morrow, 2005).

Vários estudos têm abordado a dificuldade dos adultos e dos próprios jovens em aceitar a importância da participação e do envolvimento dos jovens na comunidade e nos assuntos que dizem respeito (eg. Calvet & Sloper, 2004; Morrow, 2005; Olson *et al.*, 2004).

Rogoff e seus colaboradores (1995) referem que o envolvimento dos jovens no assuntos comunitários é uma necessidade premente e que requer um processo de transformação dos papeis e das identidades ao longo do tempo.

Falamos numa mudança em diferentes níveis: individual, comunitário, sociológico e mesmo político. Poucas são as estruturas políticas que actualmente suportam os jovens na governança comunitária (Camino & Zeldin, 2002; Flanagan & Faison, 2001).

É fundamental que a investigação assente sobre as mudanças que o envolvimento dos jovens traz para os jovens, os adultos, as comunidades e a sociedade no geral (Zeldin, Camino & Calvert, 2002).

Para Zeldin e Calvert (2002), as organizações e as comunidades promotoras de participação e eficácia colectiva funcionam como um complemento importante de políticas mais alargadas que suportam a participação dos cidadãos na sociedade civil.

A governança favorece o envolvimento dos jovens (Stoneman, 2002). Por sua vez, o envolvimento dos jovens favorece a governança. A acção participativa dos jovens na sociedade cívica, tem sido avançado como estratégia prioritária do desenvolvimento comunitário. A necessidade de envolver os jovens nas questões políticas e nas deliberações políticas é fundamental para um desenvolvimento da sociedade de forma

mais harmoniosa e para fazer dos jovens, no futuro, adultos com mais *empowerment* e com mais sucesso, e comunidades mais empowering.

O conceito de capital social tem sido usado ultimamente, como ponto central do desenvolvimento, desenvolvimento no geral e desenvolvimento económico. A questão social inerente ao desenvolvimento é hoje tratada, não como uma questão secundária, para a qual medidas isoladas são recomendadas, mas como uma questão do desenvolvimento económico.

Quer isto dizer que se começa a entender a importância das relações sociais enquanto capital, como variantes do processo de acumulação para os capitais financeiro, natural e humano.

Têm sido analisados inúmeros casos empíricos e sobretudo tem-se reconhecido a importância das relações sociais que presidem certas dinâmicas de desenvolvimento, como parte do contorno social e institucional desses processos.

Este trabalho pretendeu ser um contributo para o estudo do capital social num nível comunitário, percebendo-se em que medida os recursos sociais de uma comunidade são importantes para o aumento do bem-estar dessa mesma comunidade.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, R. (1998). *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. 2. ed. São Paulo – Campinas: Hucitec.
- Abramoway, R. (2000). O Capital Social dos Territórios: Repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, 4 (2), 379-397.
- Adkins, L. (2005). Social capital: the anatomy of a troubled concept. *Feminist Theory*, 6 (2), 195-211.
- Allatt, P. (1993). Becoming privileged: the role of family processes. In: *Youth Inequalities*. Bates & Riseborough (Eds.). Buckingham: Open University Press.
- Bankson, C. & Caldas, S. (1998). Family Structure, Schoolmates and Racial Inequalities in School Achievement. *Journal of Marriage and the Family*, 60 (3), 715_723.
- Baquero, G. (2003). Democracia, Cultura e Comportamento Político : Uma análise da situação brasileira. In : Perissinotto, R. M. & Fuks, M. (Eds), *Democracia : teoria e prática*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará.
- Bassani, C. (2007). Five Dimensions of social Capital Theory as They Pertain to Youth Studies. *Journal of Youth Studies*, 10(1), 17-34.
- Berkman, L., & Glass, T. (2000). *Social integration, social networks, social support, and health*. In L. Berkman, & I. Kawachi (Eds.), *Social Epidemiology*. New York: Oxford University Press.
- Berkman, L., & Kawachi, I. (2000). *Social epidemiology*. New York: Oxford University Press.
- Bookman, A. (2004). *Starting in Our Own Backyards: How Working Families Can Build Community and Survive in the New Economy*. New York: Routledge

- Borgatti, S. P., Jones, C., & Everett, M.G. (1998). Network measures of social capital. *Connections*, 21(2), 22-36.
- Bostrom, M. (2000). Teenhood: Understanding attitudes toward those transitioning from childhood to adulthood: A focus group analysis. In S. Bales (Ed.), *Reframing youth issues* (Working Papers), unpaginated. Washington, DC: FrameWorks Institute and Center for Communications and Community, UCLA.
- Bourdieu, P. (1980a). *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1980b). O Capital Social – Notas Provisórias. In: M.A. Nogueira, & A. Catani (Eds.). *Escritos de educação* (67-69). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1985). The Forms of Capital. In J.G. Richardson, *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. (pp. 241-258). Greenwood.
- Bourdieu, P. (1987). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1994). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Boyden, J and Ennew, J. (1997) *Children in Focus: A Manual for Participatory Research with Children*. Radda Barnen, Stockholm.
- Boisjoly, J., Duncan, G., & Hofferth, S. (1995), "Access to Social Capital", *Journal of Family Issues*, 16 (5): 609-631.
- Brodsky, A. E., O'Campo, P. J., & Aronson, R. E. (1999). PSOC in Community Context: Multi-level correlates of a measure of psychological sense of community in low income, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology*, 27, 659-679.
- Bronfenbrenner, U.I. (1986). Ecology of Family as a Context for Human Development, *Developmental Psychology*, 22, 732-742.

- Burt, R. (2000). The Network Structure of Social Capital. In R. Sutton & B. Staw (Eds.) *Research in Organizational Behavior*, 22, Greenwich: Jai Press.
- Caldas, S., & Bankston, C. (1998). The Inequality of Separation: Racial Composition of Schools and Academic Achievement. *Educational Administration Quarterly*, 34, 533-557.
- Caldas, S., & Bankston, C. (1999). Multilevel Examination of Student, School and District-level Effects on Academic Achievement. *The Journal of Educational Research*, 93, (2), 91-110.
- Caldas, S., & Bankston, C. (2001). Effect of School Population Socioeconomic Status on Individual Academic Achievement. *The Journal of Educational Research*, 90, (5), 269-277.
- Camino, L. (1995). Understanding intolerance and multiculturalism: A challenge for practitioners, but also for researchers. *Journal of Adolescent Research*, 10, 155-172.
- Camino, L. (2000). Youth-Adult partnerships: entering new territory in community work and research. *Applied Developmental Science*, 4, 11-20.
- Camino, L. (2005). Pitfalls and promising practices of youth-adult partnerships: an evaluator's reflections. *Journal of Community Psychology*, 33 (1), 75-85.
- Camino, L., & Zeldin, S. (2002a). From Periphery to Center: Pathways for youth civic engagement in the day-to-day life of communities. *Applied Developmental Science*, 6 (4), 212- 219.
- In Institute for Just Communities (Eds.), *Community Youth Development Anthology* (pp. 70-78). Waltham, MA: Brandeis University.

- Carnoy, M. (2000). *Sustaining the New Economy: Work, Family, and Community in the Information Age*. Russell Sage Foundation.
- Cavet, J., Sloper, P. (2004). The Participation of children and young people in decisions about UK service development. *Child Care, Health and Development*, 30 (6), 613-621.
- Chavis, D. M., & Wandersman, A. (1990). Sense of Community in the Urban Environment: catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology*, 18, 55-82.
- Chawla, L., & Heft, H. (2002). Children's competence and the ecology of communities: A functional approach to the evaluation of participation. *Journal of Environmental Psychology*, 21 (1-2), 201-216.
- Christenson, J. A., & Robinson, J. W. (1989). *Community Development in Perspective*. Ames: Iowa State University Press.
- Cohen, J. L., & Arato, A. (1992). *Civil society and political theory*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Coleman & Hoffer (1987). *Public and private schools: The impact of communities*. New York: Basic Books.
- Coleman, J. (1987). Families and Schools. *Educational Researcher*, 16 (6), 32-38.
- Coleman, J. (1988). Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, 94: 95-120.
- Coleman, J. (1990). *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press.
- Comstock, G. (1989). *The Evolution of American Television*. Newbury Park, CA: Sage.

- Cochran, M. M., Larner, M., Riley D., Gunnarsson, L., & Henderson, C. (1990). *Extending Families: The Social Networks of Parents and their Children*. Cambridge University Press.
- Corsaro, W. A. (1997). *The Sociology of Childhood*. Pine Forge Press.
- Côté & Healy (2001). Le Capital Social: Indispensable mais insaisissable. *Problèmes Économiques*, 2.717, 23-29.
- Crosnoe, R. (2004). Social Capital and the interplay of families and schools. *Journal of Marriage and Family*, 66, 267-280.
- Dalton, J. H., Elias M. J., & Wandersman A. (2001). *Community Psychology: Linking Individuals and Communities*. Belmont, CA: Wadsworth.
- Diez Roux (2001). Investigating neighborhood and area effects on health. *American Journal Public Health*. 2001 Nov;91(11):1783-9.
- Etzioni, A. (1998). *The essential communitarian reader*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Eyler, A. A., Brownson, R. C., Donatelle, R. J., King, A. C., Brown, D., & Sallis, J. F. (1999). Physical activity social support and middle- and older-aged minority women: Results from a US survey. *Social Science & Medicine*, 49(6), 781-789.
- Falk, I. & Kilpatrick, S., (2000). What is social capital? A study of interaction in a rural community. *Sociologia Ruralis* 40 (1), 87-110.
- Ferguson, K. (2006). Social capital predictors of children's school status in Mexico. *International Journal of Social Welfare*, 15: 321-331.

- Ferman, B. (2005). Youth civic engagement in practice: the youth voices program. *The Good Society*, 14 (3), 45-50.
- Flanagan, C., & Faison, N. (2001). *Youth civic development: Implications of research for social policy and programs*. Ann Arbor, MI: Society for Research in Child Development (Social Policy Report series).
- Flora, J. L. (1998). Social capital and communities of place. *Rural Sociology* 63, 481-506.
- Florin, Wandersman , (1990). An Introduction to Citizen Participation, Voluntary Organizations and community Development: Insights for Empowerment through Research. *American Journal of Community Psychology*, 18, 5.
- Ford, E. S., Merritt, R. K., Heath, G. W., Powell, K. E., Washburn, R. A., Kriska, A., et al. (1991). Physical activity behaviors in lower and higher socioeconomic status populations. *American Journal of Epidemiology*, 133(12), 1246–1256.
- Franco, A. (2001). *Capital Social*. Brasília: Instituto de Política/Millennium.
- Frank, K.I. (2006). The potential of youth participation in planning. *Journal of Planning*, 20 (4).
- Friedmann, J. (1992). *Empowerment: The Politics of Alternative Development*. Cambridge, MA: Blackwell.
- Fukuyama, F. (1995). *Social Capital and the global economy*. *Foreign Affairs*. 74(5):89-103 quoted in Halpern, D. *Social capital: the new golden goose*. Faculty of Social and Political Sciences, Cambridge University. Unpublished review.

Fukuyama, Francis (1999). *Social capital and civil society*. Prepared for the International Monetary Fund Conference on Second Generation Reforms,. Disponível em

<http://www.imf.org/external/pubs/ft/seminar/1999/reforms/fukuyama.html>. 1999

Furstenberg, Cook, Eccles, Elder & Sameroff (1999). *Managing to Make It: Urban families and adolescent success*. University Chicago Press.

Furstenberg, F.F., Hughes, M.E. (1995). Social capital and successful development among at-risk youth. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 580–592.

Garbarino J, Sherman D. (1980). High-risk neighborhoods and high-risk families: The human ecology of child maltreatment. *Child Development* 51, 188–198.

Garcia, I., F., Giuliani, & Wiesenfeld, E.(1999). Community and sense of community: The case of an urban barrio in Caracas. *Journal of Community Psychology*, 27, 727- 740.

Giles-Corti, B., & Donovan, R. J. (2002). Socioeconomic status differences in recreational physical activity levels and real and perceived access to a supportive physical environment. *Preventive Medicine*, 35(6), 601–611.

Gilliam, F., & Bales, S. (2001). *Strategic frame analysis: Reframing America's youth*. Ann Arbor, MI: Society for Research in Child Development (Social Policy Report series).

Gold, Rachel, Bruce P. Kennedy, Fred Connell and Ichiro Kawachi 2002. "Tenn Births, Income Inequality and Social Capital: Developing an Understanding of the Causal Pathway," *Health and Place*, 8: 77-83.

Golombek, S. (Ed.) (2002). *What Works in Youth Participation: Case Studies from Around the World*. International Youth Foundation. Retrieved April 27, 2005, from http://www.iygn.net/uploads/what_works_in_youth_par.pdf

- Gordon-Larsen, P., Nelson, M.C., Page, P., Popkin, B.M. (2006). Inequality in the built environment underlies key health disparities in physical activity and obesity. *Pediatrics*, 117: 417-24.
- Granovetter, M. (1973). The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78, (6), 1360- 1380.
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: the problem of of embeddedness. *The American Journal of Sociology*, 91 (3), 481-510.
- Granovetter, M. & Burt (2002). A Theoretical Agenda for Economic Sociology. In: Guillen, Mauro F., Collins, Randall, England, Paula e Meyer, Marshall (orgs.). *The New Economic Sociology: Developments in an Emerging Field*. New York: Russell Sage Foundation., p. 35-59.
- Gittell, R., & Vidal, A. (1998). *Community Organizing: Building Social Capital as a Development Strategy*. Thousand Oaks, CA: Sage Books.
- Goode, W. & Hatt, P., (1972). *Métodos em Psquisa Social*, São Paulo.
- Granovetter, M. 1973. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology* 78, 1360-1380.
- Grootaert, C., & Bastelaer, T. (2002). *The Role of Social Capital in Development: An Empirical Assessment*. Cambridge: Cambridge University Press
- Guthrie, B. J., Young, A. M., Williams, D. R., Boyd, C. J., & Kintner, E. K. (2002). African American girls' smoking habits and day-to-day experiences with racial discrimination. *Nursing Research*, 51(3), 183–190.

Guzman, L., Hampden-Thompson, G. & Lippman, L. (2003). A cross-national analysis of the relationship between parental involvement and student literacy. (paper presented at the 2003 American Sociological Association Conference , Atlanta, GA).

Hagan, J., MacMillan, R., & Blair W. (1996). "New Kid in Town: Social Capital and the Life Course Effects of Family Migration on Children." *American Sociological Review* 61, 368-85.

Hansen. K. (2005). *Not-So-Nuclear Families: Class, Gender, and Networks of Care*. Rutgers University Press.

Harris, J. R. (1995). "Where Is the Child's Environment? A Group Socialization Theory of Development." *Psychological Review*, 102, 458-89.

Heaney, C. A., & Israel, B. A. (1997). Social networks and social support. In K. Glanz, B. K. Rimer, & F. Lewis (Eds.), *Health behavior and health education* (pp. 179–205). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Hofferth, S. L., Boisjoly, J., & Duncan, G. J. (1998). "Parents Extra-familial Resources and Children's School Attainment." *Sociology of Education*.. The Development of Social Capital. *Rationality and Society*, 11, 79-110.

Home Office. 2002. *Building Cohesive Communities: a Report of the Ministerial Group on Public Order and Community Cohesion*. London TSO www.homeoffice.gov.uk/comrace/cohesion

Holland , J., Reynolds, T. and Weller, S. (2007) 'Transitions, networks and communities: The significance of social capital in the lives of children and young people,' *Journal of Youth Studies*, 10 (1): 101-120.

Hoover, A.B., & Weisenbach, A. (1999). Youth Leading Now! Securing A Place at the

Table. *New Designs for Youth Development* 15(3).

House, J. S., Umberson D., & Landis, K. (1988). Structures and Processes of Social Support. *Annual Review of Sociology* 14, 293-318.

Hughey, J., P., Speer W., & Peterson, N. A. (1999). Sense of Community in Community Organizations: Structure and evidence of validity. *Journal of Community Psychology* 27, 97-113.

Israel, G.D., & Ilvento, T.W. (1995) Everybody wins: Involving youth in community needs assessment. *Journal of Extension*, 33 (2).

Itzhaky, H., & York, A. S. (2000). Sociopolitical control and empowerment: An extended replication. *Journal of Community Psychology*, 28, 407-415.

Jarret, R.L., Sullivan, P.J., & Watkins, N.D. (2005). Developing social capital through participation in organized youth programs: Qualitative insights from three programs. *Journal of Community Psychology*, 33 (1), 41-55.

Jeffery, R. W., French, S. A., Forster, J. L., & Spry, V. M. (1991). Socioeconomic status differences in health behaviors related to obesity: The healthy worker project. *International Journal of Obesity*, 15(10), 689–696.

Jahoda, Lazarfeld & Zeisel (1933). *Marienthal*. Chicago: Aldine-Atherton.

Johnson, S.D. (1999). The social context of youth violence: A study of African American youth. *International Journal of Adolescent Medicine and Health* 11(3–4), 159–175.

Kahne, J., & Bailey, K., 1999. The role of social capital in youth development: the case of I Have a Dream programs. *Educational Evaluation and policy Analysis*, 21, 321-343.

Kahn, E. B., Ramsey, L. T., Brownson, R. C., Heath, G. W., Howze, E. H., Powell, K. E., et al. (2002). The effectiveness of interventions to increase physical activity. A

systematic review. *American Journal of Preventive Medicine*, 22 (4), 73–107.

Kao, P. (2004). Social Capital and its Relevance to Minority and Immigrant Populations. *Sociology of Education*, 77, (2), 172-175.

Karlsen, S., & Nazroo, J. Y. (2002). Relation between racial discrimination, social class, and health among ethnic minority groups. *American Journal of Public Health*, 92(4), 624–631.

Kawachi, Subramanian & Almeida-Filho (2002). *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 647-652.

Kawachi I, Berkman L. 2003. *Neighborhoods and Health*. New York: Oxford University Press.

Kennedy, B. P., Kawachi, I., Prothrow-Stith, D., Lochner, K., & Gupta, V. (1998). Social capital, income inequality, and firearm violent crime. *Social Science & Medicine*, 47, 7–17.

Kovalainen, A. (2004). Rethinking a revival of social capital and trust in social theory: possibilities for feminist analysis of social capital and trust. In: *Engendering the Social: Feminist Encounters with Social Theory*. Marshall & Witz (Eds.). NY: Open University Press.

Kreuter, M.W., & Lezin, N. (2002) Social Capital Theory: Implications for community-based health promotion. In: DiClementi, Crosby & Kegler (Eds). *Emerging Theories of Health Promotion Practice*.

Kretzmann, J.P., & McKnight, J. L. (1993). *Building Communities from the Inside Out: A Path Toward Finding and Mobilizing a Community's Assets*. Chicago: ACTA.

- Krieger, N. (2000). Discrimination and health. In L. Berkman, & I. Kawachi (Eds.), *Social Epidemiology* (pp. 36–75). New York: Oxford University Press.
- Landrine, H., & Klonoff, E. A. (2000). Racial discrimination and cigarette smoking among Blacks: Findings from two studies. *Ethnicity & Disease*, 10(2), 195–202.
- Lansdown, G. (2001). *Promoting children's participation in democratic decision-making*. Florence, Italy: UNICEF Innocenti Research Center.
- Li, C. (1998). The contribution of common land to sense of community. In Sanford & Connell (Eds.), *People, Places and Public Policy*. Edmond, OK: Environmental Design Research Association.
- Li, F., Fisher, K. J., Bauman, A., Ory, M. G., Chodzko-Zajko, W., Harmer, P., et al. (2005). Neighborhood influences on physical activity in middle-aged and older adults: A multilevel perspective. *Journal of Aging and Physical Activity*, 13(1), 87–114.
- Lin, N. (2001). *Social Capital: A Theory of Social Structure and Action*. Cambridge: University Press.
- Lindstrom, M., Hanson, B. S., & Ostergren, P. O. (2001). Socioeconomic Differences in Leisure-time Physical Activity: The role of social participation and social capital in shaping health related behaviour. *Social Science and Medicine*, 52(3), 441–451.
- Loader, I., Girling, E., & Sparks, R. (1998). Narratives of decline: Youth, disorder and community in English Middletown. *British Journal of Criminology*, 38, 388-403.
- Lomas, L. 1998. "Social Capital and Health: Implications for Public Health and Epidemiology," *Social Sciences and Medicine*, 47(9): 1181-1188.

Lynch, J. W., Kaplan, G. A., & Salonen, J. T. (1997). Why do poor people behave poorly? Variation in adult health behaviours and psychosocial characteristics by stages of the socioeconomic lifecourse. *Social Science and Medicine*, 44(6), 809–819.

Macintyre, S. Ellaway, A. & Cummins, S. (2002). Place effects on health: how can we conceptualise, operationalise and measure them? *Social Science & Medicine*, 55, 1, p. 125-139.

MacIntyre & Ellaway (2003). Neighbourhoods and Healths: an overview. In: Kawachi & Berkman, Neighbourhoods and Health. Oxford: Oxford University Press.

Marshall, N. L., Noonan, A., McCartney, K., Marx, F., & Keefe, N. (2001). It Takes an Urban Village: Parenting Networks of Urban Families. *Journal of Family Issues* 22, 163-82.

Mattar, F. N. (1994). Pesquisa de Marketing: Metodologia, Planejamento, Execução e análise, São Paulo: Atlas, 2.

McMillan, D. W., & Chavis D. M. (1986). Sense of Community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.

McNeill, LH, Wyrwich, K, Brownson, R, Clark, E, Kreuter, M (2006). Individual, Social Environmental, and Physical Environmental Influences on Physical Activity among Black and White Adults: A Structural Equation Analysis. *Annals of Behavioral Medicine*. 31(1), 36-44.

Minkler, M., & Wallerstein, N. (1997). Improving Health Through Community Organization and Community Building. In: K. Glanz, F. M. Lewis, & B. K. Rimer (Eds.), *Health behavior and health education: Theory, research, and practice* (2nd edition, pp. 241-269). San Francisco: Jossey-Bass.

- Morrow, V. (1999). Conceptualizing Social Capital in Relation to the Well-being of Children and Young People: A critical review. *Sociological Review*, 47, (4), 774-765.
- Morrow V (2000). 'Dirty looks' and 'trampy places' in young people's accounts of community and neighbourhood: Implications for health inequalities. *Critical Public Health* 10 (2), 141-152.
- Morrow, V. (2005). Social capital, Community Cohesion and Participation in England: a space for children and young people. *Journal of Social Sciences*,9, 57-69.
- Nazroo, J. Y. (2003). The structuring of ethnic inequalities in health: Economic position, racial discrimination, and racism. *American Journal of Public Health*, 93(2), 277-284.
- Nye, B. & Hedges, L. (2002). Do low-achieving students benefit more from small classes? Evidence from the Tennessee class size experiment. *Educational Evaluation & Policy Analysis*, 24, (3), 201-217.
- Offer, D., & Schonert-Reichl, K. (1992). Debunking the myths of adolescent storm and stress: Findings from recent research. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 31, 1003-1014.
- Offer, S. (2007). Children and social capital. *Social Forces*, 85 (3), 1125-1142.
- Olson, J., Goddard, H.W., Solheim, C., & Sandt, L. (2004). Making a case for engaging adolescents in program decision-making. *Journal of Extension*, 42 (6).
- Onyx, J. & Bullen, P. (2000). Measuring social capital in five communities. *The Journal of Applied Behavioral Science* 36 (1), 23-42.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Osler, A., & Starkey, H. (2003). Learning for Cosmopolitan citizenship: Theoretical debates and Young people's experience. *Educational Review*, 55 (3), 243-256.

- Parcel, Toby L.. and Menaghan, E.G. (1994). Early Parental Work. Family Social Capital, and Early Childhood Outcomes. *The American Journal of Sociology*, 99, 972-1009.
- Parcel, T. & Dufur, M. (2001). Capital at home and at school: effects on child social adjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 63, (1), 32-47.
- Perkins, Brown & Taylor (1996). The Ecology of Empowerment: Predicting participation in community organizations. *Journal of Social Issues*, 52: 85-110.
- Perkins, Florin, Rich, Wandersman & Chavis (1990). Participation and Social and Physical Environment of Residential Blocks: Crime and Community Context. *American Journal of Community Psychology*, 18: 83-115.
- Perkins, D.D., & Long, D.A. (2002). Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. In A. Fisher, C. Sonn, & B. Bishop (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 291-318). New York: Plenum.
- Perkins D. D., Hughes J., Speer P. (2002). Community Psychology Perspectives on Social Capital Theory and Community Development Practice. *Journal of the Community Development Society*, 33 (1), 33-52.
- Pittman, K., Diversi, M., Ferber, T. (2002). Social policy supports for adolescence in the twenty-first century: Framing questions. *Journal of Research on Adolescence*, 12 (1), 149-158.
- Pittman (1999). The Power of Engagement. *Youth Today*, 8 (8), 63.
- Pittman (2003). Youth Consultants for community Change. *Youth Today*, 12 (5), 43.
- Portes, A. (1998). Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, 22, 1-24.

Portes, A. & MacLeaod, D. (1999). Educating the second generation: determinants of academic achievement among children of immigrants in the United States. *Journal of Ethnicity and Migration Studies*, 25 (3), 373-396.

Pretty (1990). Relating Psychological Sense of Community to Social Climate Characteristics. *Journal of Community Psychology*, 18: 16-65.

Prezza, Amici, Roberti & Tedechi (2001). Sense of Community referred to the whole town: Its relations with neighbouring, loneliness, life satisfaction, and the area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29: 29-52.

Putnam, R. (1993). *The Prosperous Community: Social Capital and Public Life*. The American Prospect (13).

Putnam, R. (1994). *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Simon & Schuster, Princeton University Press.

Putnam, R (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6, (1) 65-78.

Putnam, R.D. (1996). The Strange Disappearance of Civic America. *The American Prospect*, Winter. <http://www.prospect.org/archives/24/24putn.html>

Putnam R.D., (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster.

Putnam, R. & Goss, K., (2002). *Introduction, in Democracies in Flux: The Evolution of Social Capital in Contemporary Society*. New York: Oxford University Press .

Raffo, C., & Reeves, M. (2000). Youth transitions and social exclusion: developments in social capital theory. *Journal of Youth Studies*, 3 (2), 147-166.

- Rappaport, J. (1987). Terms of Empowerment/Exemplars of Prevention: Toward a theory or community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15, 121-148.
- Rasmussen, M. F. (2003). Adults Attitudes About Youth Participation in Community Organizations. *Journal of Extension*, 41 (5).
- Renckamp, R.A. (1993). Double Standard for youth Involvement. *Journal of extension*, 31 (3).
- Robinson, D. (1997) *Social Capital & Policy Development*. Wellington: Institute of Policy Studies.
- Robinson, J. & Godbey, G. (1995). *Time for Life*. College Park, MD: University of Maryland. Unpublished Manuscript.
- Robinson, H.A. (2004). Civic Engagement through community problem solving. Unpublished Manuscript. Available online at: <http://civiced.indiana.edu/papers/2003/1052956759.doc>
- Rogoff, Baker-Sennett, Iacasa, Goldsmith (1995). Development Through participation in a SocialCultural Activity. In: Goodnow, et al., (Eds), 45-65, Cultural Practices as contexts for Development, *New Directions for Child Development*, 67.
- Ross, M. Wolfson, J. Dunn, J. Berthelot, G. Kaplan and J. Lynch, "Relation between income inequality and mortality in Canada and in the United States: cross sectional assessment using census data and vital statistics," *British Medical Journal*, 320 (2000), 898-902.
- Runyan, D.K., Hunter, W.M., Socolar, R.S., Amaya-Jackson, L., English, D., Landsverk, J., Dubowitz, H., Browne, D.H., Bangdiwala, S.I., Mathew, R.M. (1998). Children who

prosper in unfavorable environments: The relationship to social capital. *Pediatrics* 101(1), 12–18.

Saegert, S., & Winkel G. (1998). Social Capital and the Revitalization of New York City's Distressed inner City Housing. *Housing Policy Debate* 9, 17-60.

Sallis, J. F., Hovell, M. F., & Hofstetter, C. R. (1992). Predictors of adoption and maintenance of vigorous physical activity in men and women. *Preventive Medicine*, 21(2), 151–277.

Sampson, R.J. (1991). Linking the Micro- and Macro-level Dimensions of Community Social Organization. *Social Forces* 70: 43-64.

Sampson, Robert J., Stephen Raudenbush, and Felton Earls. 1997. Neighborhoods and Violent Crime: A Multilevel Study of Collective Efficacy. *Science* 277:918-24.

Sampson, R. J., Morenoff, J. D., & Earls, F.. 1999. Beyond Social Capital: Spatial Dynamics of Collective Efficacy for Children. *American Sociological Review* 64, 633-60.

Sandefur, R. & laumann, E. (1998). A paradigm of social capital. *Rationality and Society*, 10, 481-501.

Santon-Salazar, R.D. (1997). A Social Capital Framework for Understanding the Socialization of Racial Minority Children and Youth. *Harvard Educational Review* 67, 1-40.

Santon- Salazar (2001). *Manufacturing Hope and Despair: The School and Kin Support Networks of U.S.-Mexican Youth*. Teachers College Press.

Sarason, S. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Schaeffer-McDaniel, N.J. (2004). Conceptualizing social capital among young people: toward a new theory. *Children, Youth and Environments*, 14 (1), 140-150.
- Scheve, Perkins & Mincemoyer (2006). Fostering Youth Engagement on community Teams. *Journal of Youth development*, 1 (1).
- Schlegel, A., & Barry, H., III. (1991). *Adolescence: An anthropological inquiry*. New York: Free Press.
- Schuller, T. (2001) The Complementary Roles of Human and Social Capital. *ISUMA Canadian Journal of Policy Research* 2 (1) 18-24.
- Sirianni, C. (2005). Youth civic engagement: Systems change and Culture Change in Hampton, Virginia. Circle working paper.
- Skjaeveland, Garling, Maeland (1996). A Multidimensional Measure of Neighboring. *American Journal of Community Psychology*, 24, 3.
- Smith, E.S. (1999). The effects of investments in the social capital of youth on political and civic behavior in young adulthood: A longitudinal analysis. *Political Psychology*, 20 (3), 553-580.
- Smedley, B. D. (2000). Promoting health: Intervention strategies from social and behavioral research. Washington, DC: National Academies Press.
- Sonn, C. C., & Fisher, A. T. (1998). Sense of Community: Community resilient responses oppression and change. *Journal of Community Psychology* 26, 457-472.
- Sonn, C. C., & Fisher, A. T. (2002). Psychological sense of community in Australia and the challenges of change. *Journal of Community Psychology*, 30, 597-609.

Speer, P. W., Jackson, C. B., & Peterson, N. A. (2001). The Relationship between Social Cohesion and Empowerment: Support and new implications for theory. *Health Education and Behavior*, 28, 716-732.

Stevenson, H.C. (1998). Raising Safe Villages: Cultural-ecological factors that influence the emotional adjustment of adolescents. *Journal of Black Psychology* 24, (1), 44-59.

Sternfeld, B., Ainsworth, B. E., & Quesenberry, C. P. (1999). Physical activity patterns in a diverse population of women. *Preventive Medicine*, 28, 313-323.

Stoneman, D. (2002). The role of youth programming in the development of civic engagement. *Journal of Applied Developmental Science*, 6 (4), 221-226.

Sullivan, L. (2000). *An Emerging Model for Working with Youth*. College Park, MD: LISTEN.

Swanson, E. J. (2001). Community-level factors and child maltreatment in a suburban county. *Social Work Research* 25(3), 133-142.

Teachman, J.D., Paasch, K., & Carver, K. (1996). Social Capital and Dropping Out of School Early. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 773-783.

Teachman, J.D., Paasch, K., Carver, K. (1997). Social capital and the generation of human capital. *Social Forces*, 75(4), 1343-1359.

Unger, D., & Wandersman, L. (1985). Social support and adolescent mothers: Action research contributions to theory and application. *Journal of Social Issues*, 41 (1), 29-45.

Voydanoff, P., & Donnelly, B.W. (1999). Risk and protective factors for psychological adjustment and grades among adolescents. *Journal of Family Issues*, 20(3), 328-349.

Wandersman, A., & Giamartino, G. A. (1980). Community and Individual Difference Characteristics as Influences on Initial Participation. *American Journal of Community Psychology*, 8, 217-228.

White, M. and Kaufman, G. (1997). Language Usage, Social Capital, and School Completion among Immigrants and Native-born Ethnic Groups. *Social Science Quarterly*, 78 (2), 385-398.

White, J., & Wyn, J. (1998). Youth agency and social context. *Journal of Sociology*, 34, 314-327.

Williams, D. R. (1999). Race, socioeconomic status, and health: The added effects of racism and discrimination. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 896, 173–188.

Williams, D. R., Neighbors, H. W., & Jackson, J. S. (2003). Racial/ethnic discrimination and health: Findings from community studies. *American Journal of Public Health*, 93(2), 200–208.

Wilkinson, R. (1996). *Unhealthy Societies: the afflictions of inequality*. London: Routledge.

Willms, D. (1985). Catholic-school Effects on Academic Achievement: new evidence from the high school and beyond follow-up study', *Sociology of Education* , 58, 98-114.

Wilson & William, J. (1996). *When Work Disappears*. Alfred A. Knopf.

World Bank social capital web site:
<http://www.worldbank.org/poverty/scapital/index.htm>.

Woolcock, M.. (2001). The place of social capital in Understanding Social and Economic Outcomes. *ISUMA Canadian Journal of Policy Research*, 2, (1), 11-17. Yabiku, S.,

Axxin, S., & Thornton, A. (1999). Family Integration and Children's Self-Esteem.

American Journal of Sociology, 104, 1494-1524.

Youniss, J., McLellan, J.A. & Yates, M. (1997). What we know about engendering civic identity. *American Behavioral Scientist*, 40 (5), 620-631.

Zeldin, S., McDaniel, A. K., Topitzes, D., & Calvert, M. (2000). *Youth in Decision-Making: A study on the impacts of youth on adults and organizations*. Chevy Chase, MD: National 4-H Council (www.atthetable.org).

Zeldin, S., & Topitzes, D. (2002). Neighborhood experiences, community connection, and positive beliefs about adolescents among urban adults and youth. *Journal of Community Psychology*, 30, 647-670.

Zeldin, S., Camino, L., & Calvert, M. (2002). *Youth development: A policy framework for program and funding priorities in Greater Milwaukee*. Milwaukee: United Way of Greater Milwaukee.

Zeldin, R., Camino, L., Calvert, M. (2003). Toward an understanding of youth in community governance. Policy Priorities and research directions. *Social Policy Report*, 17, 3.

Zeldin, S. (2004). Preventing youth violence through the promotion of community engagement and membership. *Journal of Community Psychology*, 32 (5), 623-641.

Zeldin, S., Camino, L., & Calvert, M. (2003). Toward an understanding of youth in community governance: Policy priorities and research directions. *Social Policy Report*, 17, (3).

Zeldin, Camino & Calvert (2007). Toward an Understanding of Youth in Community Governance: Policy Priorities and Research Directions. *Análise Psicológica*, 25 (1), 77-95.

ANEXO A

Consistências Internas das Várias Dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000)

Valor da Vida

Cronbach's Alpha	N of Items
,735	2

Confiança

Cronbach's Alpha	N of Items
,671	5

Ligações Família e Amigos

Cronbach's Alpha	N of Items
,653	4

Tolerância da Diversidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,682	2

Ligações na Escola

Cronbach's Alpha	N of Items
,781	3

Participação

Cronbach's Alpha	N of Items
,884	5

Pró-Actividade

Cronbach's Alpha	N of Items
,728	9

Ligações na Vizinhança

Cronbach's Alpha	N of Items
,810	3

ANEXO B

Estadística Descritiva das Variáveis Independentes

Idade

Statistics

Idade

N	Valid	405
	Missing	1
Mean		17,6790
Mode		17,00
Std. Deviation		1,00034
Minimum		15,00
Maximum		23,00

Género

Genero

		Frequency	Percent
Valid	Feminino	251	62,0
	Masculino	154	38,0
	Total	405	100,0

Exercício Físico

Exer_Físico

	Frequency	Percent
Valid Não	102	25,2
Sim	303	74,8
Total	405	100,0

Votar

Statistics

Votar

N	Valid	405
	Missing	0
Mean		2,7457
Median		3,0000
Mode		4,00

Confiança nos Políticos

Statistics

Confia_Políticos

N	Valid	405
	Missing	0
Mean		1,8765
Median		2,0000
Mode		2,00

Interesse pela Política

Statistics

Int_Politica

N	Valid	405
	Missing	0
Mean		2,5630
Median		3,0000
Mode		3,00

Felicidade

Statistics

Felicidade

N	Valid	405
	Missing	0
Mean		3,2889
Median		3,0000
Mode		3,00

Televisão

Statistics

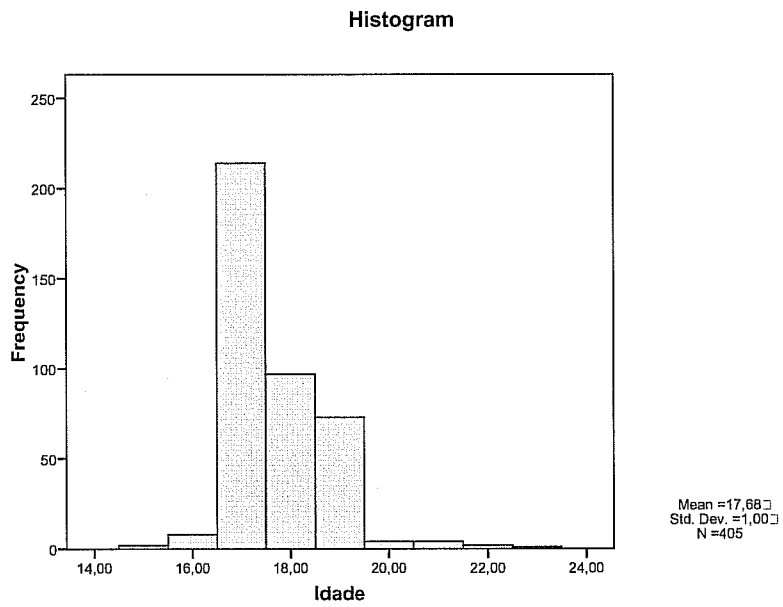
TV

N	Valid	405
	Missing	0
Mean		3,0568
Median		3,0000
Mode		3,00

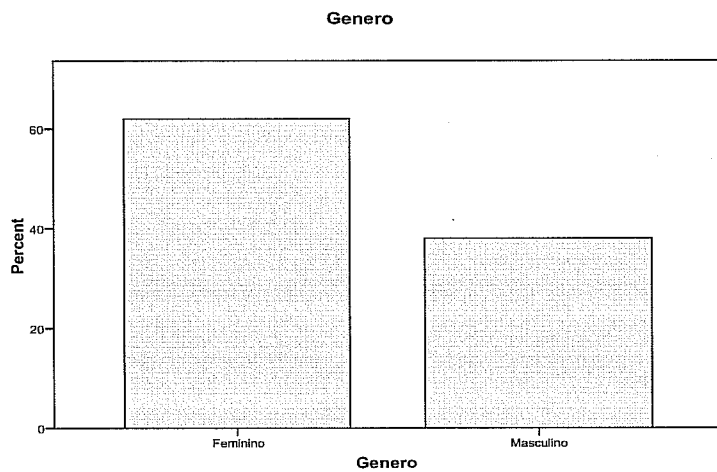
ANEXO C

Frequências relativas das Variáveis Independentes

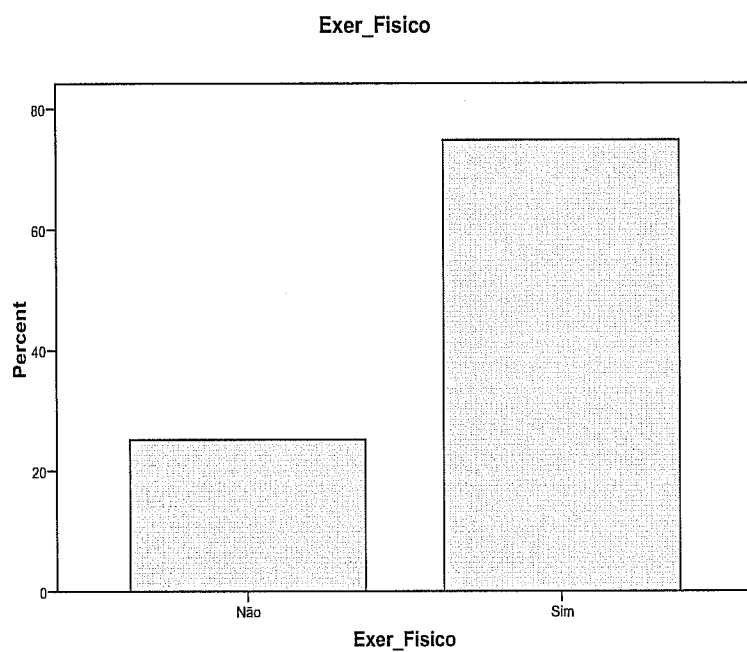
Idade



Género



Exercício Físico



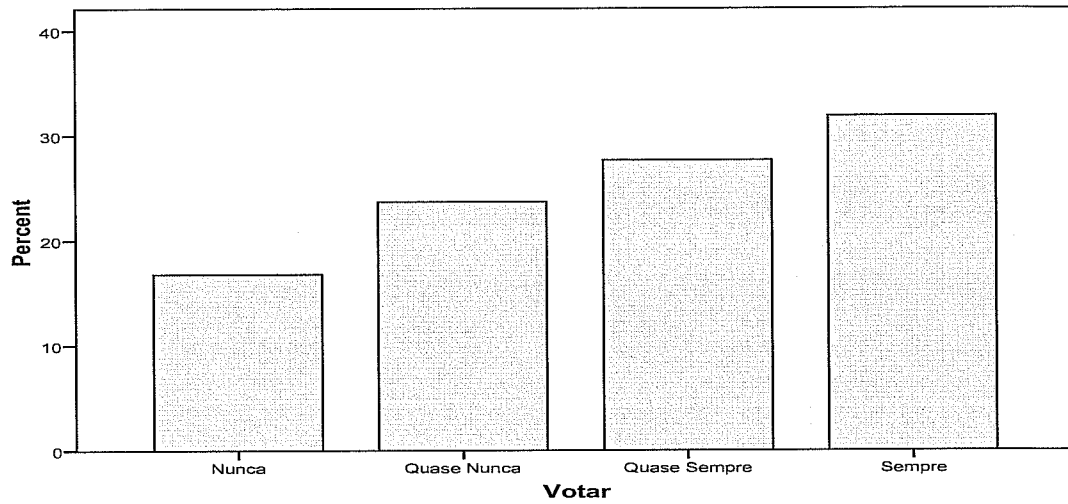
Votar

Tabela de frequências:

Votar

	Frequency	Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	68	16,8	16,8
Quase Nunca	96	23,7	40,5
Quase Sempre	112	27,7	68,1
Sempre	129	31,9	100,0
Total	405	100,0	

Votar



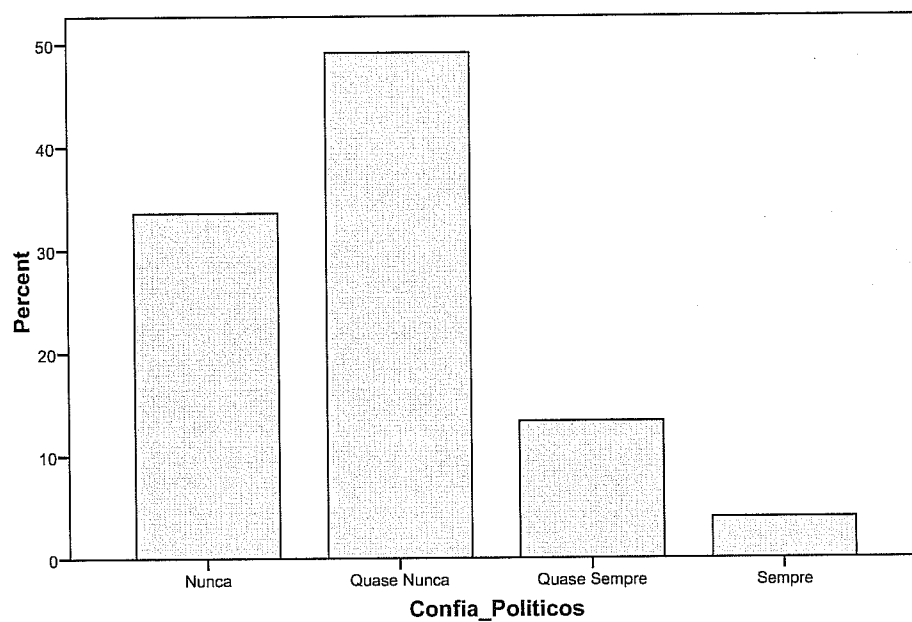
Confiança nos Políticos

Tabela de frequências:

Confia_Políticos

	Frequency	Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	136	33,6	33,6
Quase Nunca	199	49,1	82,7
Quase Sempre	54	13,3	96,0
Sempre	16	4,0	100,0
Total	405	100,0	

Confia_Políticos



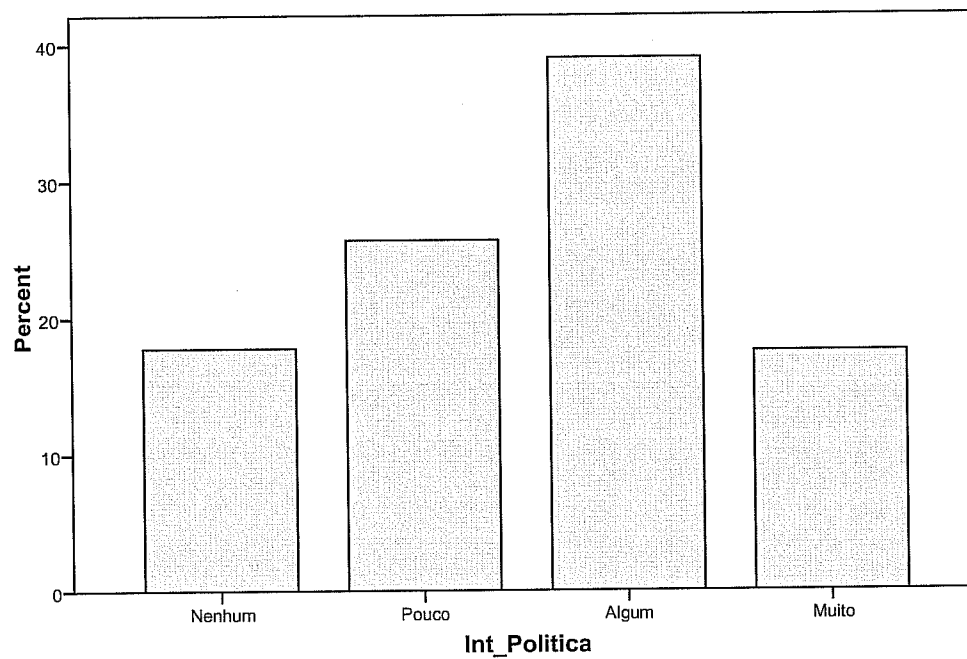
Interesse pela Política

Tabela de frequências:

Int_Politica

	Frequency	Percent	Cumulative Percent
Valid Nenhum	72	17,8	17,8
Pouco	104	25,7	43,5
Algum	158	39,0	82,5
Muito	71	17,5	100,0
Total	405	100,0	

Int_Politica



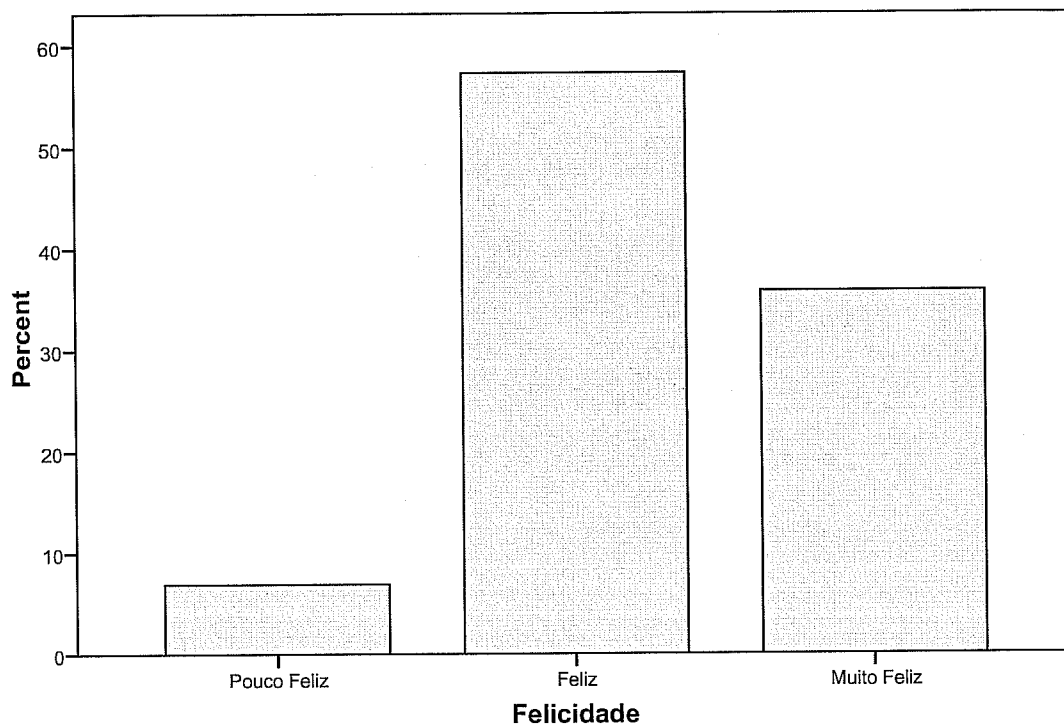
Felicidade

Tabela de frequências:

Felicidade

	Frequency	Percent	Cumulative Percent
Valid Pouco Feliz	28	6,9	6,9
Feliz	232	57,3	64,2
Muito Feliz	145	35,8	100,0
Total	405	100,0	

Felicidade



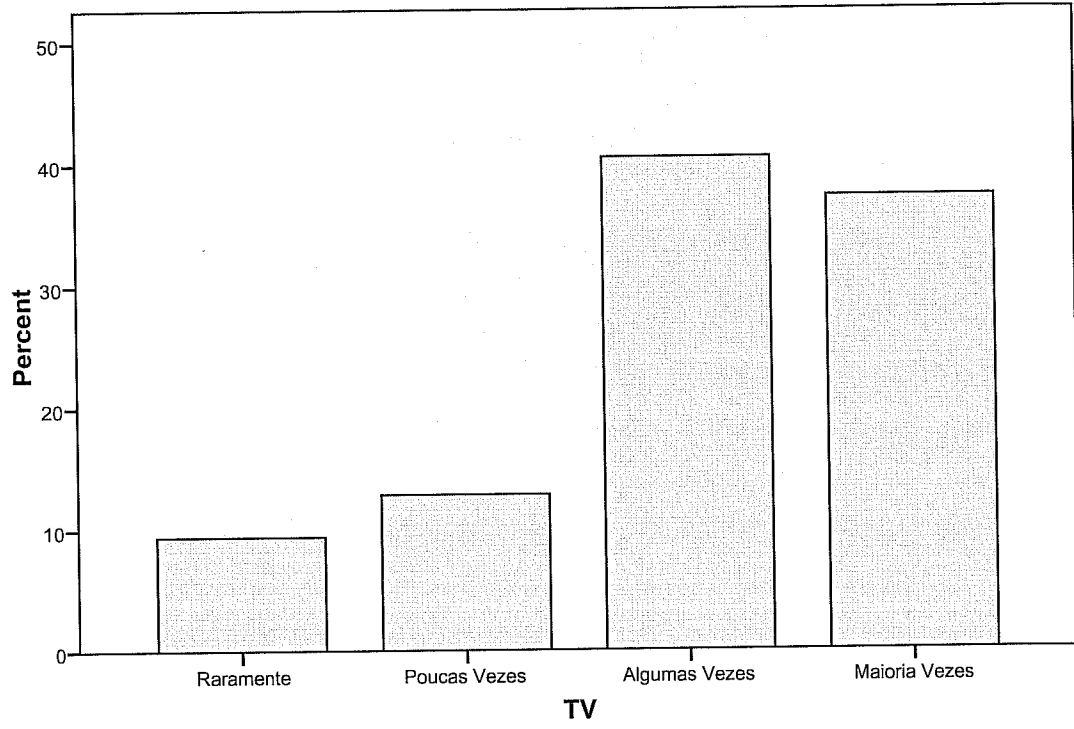
Televisão

Tabela de frequências:

TV

		Frequency	Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	38	9,4	9,4
	Poucas Vezes	52	12,8	22,2
	Algumas Vezes	164	40,5	62,7
	Maioria Vezes	151	37,3	100,0
	Total	405	100,0	

TV



ANEXO D

**ANÁLISE DE VARIÂNCIAS DAS VÁRIAS DIMENSÕES DO
QUESTIONÁRIO DE CAPITAL SOCIAL COMUNITÁRIO**

ANOVA

Votar

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	,187	3	,062	,183	,908
	Within Groups	136,449	401	,340		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	12,064	3	4,021	19,002	,000
	Within Groups	84,860	401	,212		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	11,896	3	3,965	9,221	,000
	Within Groups	172,437	401	,430		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	24,304	3	8,101	30,350	,000
	Within Groups	107,038	401	,267		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	33,190	3	11,063	19,256	,000
	Within Groups	230,382	401	,575		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Between Groups	5,495	3	1,832	2,965	,032
	Within Groups	247,688	401	,618		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	13,122	3	4,374	5,667	,001
	Within Groups	309,505	401	,772		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	34,087	3	11,362	21,432	,000
	Within Groups	212,591	401	,530		
	Total	246,679	404			

Confiança nos Políticos

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	5,956	3	1,985	6,093	,000
	Within Groups	130,680	401	,326		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	5,131	3	1,710	7,471	,000
	Within Groups	91,793	401	,229		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	22,260	3	7,420	18,359	,000
	Within Groups	162,072	401	,404		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	4,578	3	1,526	4,827	,003
	Within Groups	126,764	401	,316		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	3,956	3	1,319	2,037	,108
	Within Groups	259,616	401	,647		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Between Groups	5,385	3	1,795	2,905	,035
	Within Groups	247,798	401	,618		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	14,972	3	4,991	6,505	,000
	Within Groups	307,655	401	,767		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	5,601	3	1,867	3,106	,026
	Within Groups	241,077	401	,601		
	Total	246,679	404			

Interesse pela Política

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	4,473	3	1,491	4,524	,004
	Within Groups	132,164	401	,330		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	7,201	3	2,400	10,728	,000
	Within Groups	89,723	401	,224		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	5,687	3	1,896	4,255	,006
	Within Groups	178,646	401	,446		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	9,890	3	3,297	10,885	,000
	Within Groups	121,452	401	,303		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	10,268	3	3,423	5,418	,001
	Within Groups	253,304	401	,632		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSID ADE	Between Groups	4,290	3	1,430	2,304	,076
	Within Groups	248,892	401	,621		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	18,385	3	6,128	8,077	,000
	Within Groups	304,242	401	,759		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	16,360	3	5,453	9,494	,000
	Within Groups	230,319	401	,574		
	Total	246,679	404			

Felicidade

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	3,157	2	1,578	4,754	,009
	Within Groups	133,480	402	,332		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	5,248	2	2,624	11,506	,000
	Within Groups	91,676	402	,228		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	5,476	2	2,738	6,153	,002
	Within Groups	178,857	402	,445		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	11,637	2	5,818	19,540	,000
	Within Groups	119,705	402	,298		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	89,602	2	44,801	103,523	,000
	Within Groups	173,970	402	,433		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Between Groups	2,564	2	1,282	2,056	,129
	Within Groups	250,619	402	,623		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	1,626	2	,813	1,018	,362
	Within Groups	321,001	402	,799		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	62,461	2	31,230	68,151	,000
	Within Groups	184,218	402	,458		
	Total	246,679	404			

Televisão

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	2,510	3	,837	2,501	,059
	Within Groups	134,127	401	,334		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	3,317	3	1,106	4,737	,003
	Within Groups	93,606	401	,233		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	7,392	3	2,464	5,585	,001
	Within Groups	176,940	401	,441		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	1,723	3	,574	1,776	,151
	Within Groups	129,619	401	,323		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	18,383	3	6,128	10,021	,000
	Within Groups	245,189	401	,611		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDA DE	Between Groups	2,949	3	,983	1,575	,195
	Within Groups	250,234	401	,624		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	6,183	3	2,061	2,612	,051
	Within Groups	316,444	401	,789		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	26,848	3	8,949	16,325	,000
	Within Groups	219,831	401	,548		
	Total	246,679	404			

Género

ANOVA

		um of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	4,029	1	4,029	12,245	,001
	Within Groups	132,607	403	,329		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	,121	1	,121	,504	,478
	Within Groups	96,803	403	,240		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	,460	1	,460	1,008	,316
	Within Groups	183,873	403	,456		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	,351	1	,351	1,081	,299
	Within Groups	130,990	403	,325		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	1,126	1	1,126	1,729	,189
	Within Groups	262,445	403	,651		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Between Groups	,895	1	,895	1,430	,232
	Within Groups	252,288	403	,626		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	3,796	1	3,796	4,798	,029
	Within Groups	318,831	403	,791		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	1,131	1	1,131	1,857	,174
	Within Groups	245,547	403	,609		
	Total	246,679	404			

Exercício Físico

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CONFIANÇA	Between Groups	,314	1	,314	,929	,336
	Within Groups	136,322	403	,338		
	Total	136,636	404			
PRÓ_ACTIVIDADE	Between Groups	2,281	1	2,281	9,712	,002
	Within Groups	94,643	403	,235		
	Total	96,923	404			
PARTICIPAÇÃO	Between Groups	1,076	1	1,076	2,367	,125
	Within Groups	183,256	403	,455		
	Total	184,332	404			
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Between Groups	5,787	1	5,787	18,575	,000
	Within Groups	125,555	403	,312		
	Total	131,342	404			
VALOR_VIDA	Between Groups	4,652	1	4,652	7,240	,007
	Within Groups	258,920	403	,642		
	Total	263,572	404			
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Between Groups	6,828	1	6,828	11,169	,001
	Within Groups	246,355	403	,611		
	Total	253,183	404			
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Between Groups	1,063	1	1,063	1,332	,249
	Within Groups	321,564	403	,798		
	Total	322,627	404			
LIGAÇÕES_ESCOLA	Between Groups	28,777	1	28,777	53,222	,000
	Within Groups	217,902	403	,541		
	Total	246,679	404			

ANEXO E

Correlações entre as Várias Dimensões do Questionário de Capital Social Comunitário (Onyx & Bullen, 2000)

		CONFIANÇA	PRÓ_ACTIVIDADE	PARTICIPAÇÃO	LIGAÇÕES_FAMILIA	VALOR_VIDA	TOLERÂNCIA_DIVERSID	LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	LIGAÇÕES_ESCOLA
CONFIANÇA	Pearson	1	,127(*)	,172(*)	,171(**)	,104(*)	,225(**)	,206(**)	,177(**)
	Correlation Sig. (2-tailed)		,011	,001	,001	,036	,000	,000	,000
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
PRÓ_ACTIVIDADE	Pearson	,127(*)	*	,675(*)	,480(**)	,292(**)	,278(**)	,937(**)	,298(**)
	Correlation Sig. (2-tailed)	,011	Correlati	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
PARTICIPAÇÃO	Pearson	,172(**)	,675(**)	1	,263(**)	,110(*)	,181(**)	,188(**)	,184(**)
	Correlation Sig. (2-tailed)	,001	,000		,000	,027	,000	,000	,000
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
LIGAÇÕES_FAMILIA	Pearson	,171(**)	,480(**)	,263(*)	1	,288(**)	,169(**)	,271(**)	,393(**)
	Correlation Sig. (2-tailed)	,001	,000	,000		,000	,001	,000	,000
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
VALOR_VIDA	Pearson	,104(*)	,292(**)	,110(*)	,288(**)	1	,116(*)	,092	,447(**)
	Correlation Sig. (2-tailed)	,036	,000	,027	,000		,020	,064	,000
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
TOLERÂNCIA_DIVERSID	Pearson	,225(**)	,278(**)	,181(*)	,169(**)	,116(*)	1	,207(**)	,081
	Correlation Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,001	,020		,000	,105
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Pearson	,206(**)	,221(**)	,188(*)	,271(**)	,092	,207(**)	1	,094
	Correlation Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,064	,000		,058
	N	405	405	405	405	405	405	405	405
LIGAÇÕES_ESCOLA	Pearson	,177(**)	,937(**)	,184(*)	,393(**)	,447(**)	,081	,094	1
	Correlation Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,105	,058	
	N	405	405	405	405	405	405	405	405

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

ANEXO F

Comparação Múltipla de Médias

Votar

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Votar	(J) Votar	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
CONFIANÇA	Nunca	Quase Nunca	,04424	,09246	,964	-,1943	,2828
		Quase Sempre	,04275	,08968	,964	-,1886	,2741
		Sempre	,00068	,08742	1,000	-,2248	,2262
	Quase Nunca	Nunca	-,04424	,09246	,964	-,2828	,1943
		Quase Sempre	-,00149	,08113	1,000	-,2108	,2078
		Sempre	-,04356	,07863	,945	-,2464	,1593
	Quase Sempre	Nunca	-,04275	,08968	,964	-,2741	,1886
		Quase Nunca	,00149	,08113	1,000	-,2078	,2108
		Sempre	-,04207	,07534	,944	-,2364	,1523
	Sempre	Nunca	-,00068	,08742	1,000	-,2262	,2248
		Quase Nunca	,04356	,07863	,945	-,1593	,2464
		Quase Sempre	,04207	,07534	,944	-,1523	,2364
PRÓ_ACTIVIDADE	Nunca	Quase Nunca	,01246	,07291	,998	-,1756	,2006
		Quase Sempre	-,28367(*)	,07072	,000	-,4661	-,1012
		Sempre	-,38109(*)	,06894	,000	-,5589	-,2032

PARTICIPAÇÃO	Quase Nunca	Nunca	-,01246	,07291	,998	-,2006	,1756
		Quase Sempre	-,29613(*)	,06398	,000	-,4612	-,1311
		Sempre	-,39355(*)	,06201	,000	-,5535	-,2336
	Quase Sempre	Nunca	,28367(*)	,07072	,000	,1012	,4661
		Quase Nunca	,29613(*)	,06398	,000	,1311	,4612
		Sempre	-,09741	,05941	,358	-,2507	,0559
	Sempre	Nunca	,38109(*)	,06894	,000	,2032	,5589
		Quase Nunca	,39355(*)	,06201	,000	,2336	,5535
		Quase Sempre	,09741	,05941	,358	-,0559	,2507
	Nunca	Quase Nunca	,06765	,10394	,915	-,2005	,3358
		Quase Sempre	-,27878(*)	,10081	,030	-,5389	-,0187
		Sempre	-,32731(*)	,09827	,005	-,5808	-,0738
	Quase Nunca	Nunca	-,06765	,10394	,915	-,3358	,2005
		Quase Sempre	-,34643(*)	,09121	,001	-,5817	-,1111
		Sempre	-,39496(*)	,08839	,000	-,6230	-,1669
Quase Sempre	Nunca	,27878(*)	,10081	,030	,0187	,5389	
	Quase Nunca	,34643(*)	,09121	,001	,1111	,5817	
	Sempre	-,04853	,08469	,940	-,2670	,1700	
Sempre	Nunca	,32731(*)	,09827	,005	,0738	,5808	
	Quase Nunca	,39496(*)	,08839	,000	,1669	,6230	
	Quase Sempre	,04853	,08469	,940	-,1700	,2670	
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Nunca	Quase Nunca	-,30208(*)	,08189	,001	-,5133	-,0908
	Quase Sempre	-,35268(*)	,07943	,000	-,5576	-,1478	
	Sempre	-,70833(*)	,07742	,000	-,9081	-,5086	

VALOR_VIDA	Quase Nunca	Nunca	,30208(*)	,08189	,001	,0908	,5133
		Quase Sempre	-,05060	,07186	,895	-,2360	,1348
		Sempre	-,40625(*)	,06964	,000	-,5859	-,2266
	Quase Sempre	Nunca	,35268(*)	,07943	,000	,1478	,5576
		Quase Nunca	,05060	,07186	,895	-,1348	,2360
		Sempre	-,35565(*)	,06673	,000	-,5278	-,1835
	Sempre	Nunca	,70833(*)	,07742	,000	,5086	,9081
		Quase Nunca	,40625(*)	,06964	,000	,2266	,5859
		Quase Sempre	,35565(*)	,06673	,000	,1835	,5278
	Nunca	Quase Nunca	,10723	,12014	,809	-,2027	,4172
		Quase Sempre	-,31092(*)	,11653	,039	-,6115	-,0103
		Sempre	-,60522(*)	,11359	,000	-,8983	-,3122
	Quase Nunca	Nunca	-,10723	,12014	,809	-,4172	,2027
		Quase Sempre	-,41815(*)	,10542	,000	-,6901	-,1462
		Sempre	-,71245(*)	,10217	,000	-,9760	-,4489
	Quase Sempre	Nunca	,31092(*)	,11653	,039	,0103	,6115
		Quase Nunca	,41815(*)	,10542	,000	,1462	,6901
		Sempre	-,29430(*)	,09789	,015	-,5468	-,0417
Sempre	Nunca	,60522(*)	,11359	,000	,3122	,8983	
	Quase Nunca	,71245(*)	,10217	,000	,4489	,9760	
	Quase Sempre	,29430(*)	,09789	,015	,0417	,5468	
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Nunca	Quase Nunca	,10600	,12457	,830	-,2154	,4274
		Quase Sempre	,06880	,12082	,941	-,2429	,3805
		Sempre	-,17476	,11778	,448	-,4786	,1291

LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Quase Nunca	Nunca	-,10600	,12457	,830	-,4274	,2154
		Quase Sempre	-,03720	,10931	,986	-,3192	,2448
		Sempre	-,28077(*)	,10594	,041	-,5541	-,0075
	Quase Sempre	Nunca	-,06880	,12082	,941	-,3805	,2429
		Quase Nunca	,03720	,10931	,986	-,2448	,3192
		Sempre	-,24356	,10150	,079	-,5054	,0183
	Sempre	Nunca	,17476	,11778	,448	-,1291	,4786
		Quase Nunca	,28077(*)	,10594	,041	,0075	,5541
		Quase Sempre	,24356	,10150	,079	-,0183	,5054
	Nunca	Quase Nunca	,16013	,13925	,659	-,1991	,5194
		Quase Sempre	-,33193	,13506	,068	-,6804	,0165
		Sempre	-,05692	,13166	,973	-,3966	,2827
	Quase Nunca	Nunca	-,16013	,13925	,659	-,5194	,1991
		Quase Sempre	-,49206(*)	,12219	,000	-,8073	-,1768
		Sempre	-,21705	,11842	,259	-,5226	,0884
Quase Sempre	Nunca	,33193	,13506	,068	-,0165	,6804	
	Quase Nunca	,49206(*)	,12219	,000	,1768	,8073	
	Sempre	,27501	,11347	,074	-,0177	,5677	
Sempre	Nunca	,05692	,13166	,973	-,2827	,3966	
	Quase Nunca	,21705	,11842	,259	-,0884	,5226	
	Quase Sempre	-,27501	,11347	,074	-,5677	,0177	
LIGAÇÕES_ESCOLA	Nunca	Quase Nunca	-,25368	,11541	,125	-,5514	,0441
		Quase Sempre	-,38463(*)	,11194	,004	-,6734	-,0958
		Sempre	-,80681(*)	,10912	,000	- 1,0883	-,5253

Quase Nunca	Nunca	,25368	,11541	,125	-,0441	,5514
	Quase Sempre	-,13095	,10127	,568	-,3922	,1303
	Sempre	-,55313(*)	,09814	,000	-,8063	-,2999
Quase Sempre	Nunca	,38463(*)	,11194	,004	,0958	,6734
	Quase Nunca	,13095	,10127	,568	-,1303	,3922
	Sempre	-,42218(*)	,09404	,000	-,6648	-,1796
Sempre	Nunca	,80681(*)	,10912	,000	,5253	1,0883
	Quase Nunca	,55313(*)	,09814	,000	,2999	,8063
	Quase Sempre	,42218(*)	,09404	,000	,1796	,6648

* The mean difference is significant at the .05 level.

Confiança nos Políticos

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Confia_Politi cos	(J) Confia_Politi cos	Mean Differenc e (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Boun	Upper Boun
CONFIANÇA	Nunca	Quase Nunca	-,22993(*)	,0635 1	,002	-,3938	,0661
		Quase Sempre	-,10512	,0918 2	,662	-,3420	,1318
		Sempre	-,45882(*)	,1508 8	,013	-,8481	,0696
	Quase Nunca	Nunca	,22993(*)	,0635 1	,002	,0661	,3938
		Quase Sempre	,12481	,0875 9	,485	-,1012	,3508
		Sempre	-,22889	,1483 4	,413	-,6116	,1538
	Quase Sempre	Nunca	,10512	,0918 2	,662	-,1318	,3420
		Quase Nunca	-,12481	,0875 9	,485	-,3508	,1012
		Sempre	-,35370	,1624 9	,131	-,7729	,0655

PRÓ_ACTIVIDADE	Sempre	Nunca	,45882(*)	,15088	,013	,0696	,8481
		Quase Nunca	,22889	,14834	,413	-	,6116
		Quase Sempre	,35370	,16249	,131	,0655	,7729
	Nunca	Quase Nunca	-,15744(*)	,05323	,017	-,2948	-,0201
		Quase Sempre	-,27596(*)	,07696	,002	-,4745	-,0774
		Sempre	-,43954(*)	,12645	,003	-,7658	-,1133
	Quase Nunca	Nunca	,15744(*)	,05323	,017	,0201	,2948
		Quase Sempre	-,11852	,07341	,372	-,3079	-,0709
		Sempre	-,28210	,12433	,107	-,6028	-,0386
	Quase Sempre	Nunca	,27596(*)	,07696	,002	,0774	,4745
		Quase Nunca	,11852	,07341	,372	-,0709	-,3079
		Sempre	-,16358	,13618	,626	-,5149	-,1878
PARTICIPAÇÃO	Sempre	Nunca	,43954(*)	,12645	,003	,1133	,7658
		Quase Nunca	,28210	,12433	,107	-,0386	-,6028
		Quase Sempre	,16358	,13618	,626	-,1878	-,5149
	Nunca	Quase Nunca	-,27185(*)	,07073	,001	-,4543	-,0894
		Quase Sempre	-,51585(*)	,10226	,000	-,7797	-,2520
		Sempre	1,03529(*)	,16803	,000	1,4680	,6018
	Quase Nunca	Nunca	,27185(*)	,07073	,001	,0894	,4543
		Quase Sempre	-,24400	,09755	,061	-,4957	-,0077
		Sempre	-,76344(*)	,16520	,000	1,1890	,3372
	Quase Sempre	Nunca	,51585(*)	,10226	,000	,2520	,7797
		Quase Nunca	,24400	,09755	,061	-,0077	-,4957
		Sempre	-,51944(*)	,18096	,022	-,9863	-,0526

LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Sempre	Nunca	1,03529(*)	,16803	,000	,6018	1,4688	
		Quase Nunca	,76344(*)	,16520	,000	,3372	1,1896	
	Nunca	Quase Sempre	,51944(*)	,18096	,022	,0526	,9863	
		Quase Nunca	-,09623	,06255	,415	-,2576	,0651	
	Sempre	Quase Sempre	-,15782	,09044	,302	-,3911	,0755	
		Sempre	-,53860(*)	,14860	,002	-,9220	-,1552	
	Quase Nunca	Nunca	,09623	,06255	,415	-,0651	-,2576	
		Quase Sempre	-,06158	,08627	,892	-,2841	-,1610	
	Sempre	Quase Nunca	-,44237(*)	,14610	,014	-,8193	-,0654	
		Nunca	,15782	,09044	,302	-,0755	-,3911	
	VALOR_VIDA	Quase Sempre	Quase Nunca	,06158	,08627	,892	-,1610	-,2841
			Sempre	-,38079	,16004	,083	-,7937	-,0321
Sempre		Nunca	,53860(*)	,14860	,002	,1552	,9220	
		Quase Nunca	,44237(*)	,14610	,014	,0654	,8193	
Nunca		Quase Sempre	,38079	,16004	,083	-,0321	-,7937	
		Quase Nunca	-,02293	,08952	,994	-,2539	-,2080	
Sempre		Quase Sempre	-,28009	,12942	,135	-,6140	-,0538	
		Sempre	-,25000	,21266	,643	-,7986	-,2986	
Quase Nunca		Nunca	,02293	,08952	,994	-,2080	-,2539	
		Quase Sempre	-,25717	,12346	,160	-,5757	-,0613	
Sempre		Quase Sempre	-,22707	,20909	,698	-,7665	-,3123	
		Nunca	,28009	,12942	,135	-,0538	-,6140	
Quase Sempre	Quase Nunca	,25717	,12346	,160	-,0613	-,5757		
	Sempre	,03009	,22903	,999	-,5608	-,6209		

TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Sempre	Nunca	,25000	,21266	,643	-	,7986
		Quase Nunca	,22707	,20909	,698	-	,7665
	Nunca	Quase Sempre	-,03009	,22903	,999	-	,5608
		Quase Nunca	-,10555	,08746	,623	-	,1201
	Sempre	Quase Sempre	-,04371	,12644	,986	-	,2825
		Quase Nunca	-,59926(*)	,20776	,021	-	-
	Quase Nunca	Nunca	,10555	,08746	,623	1,135	,0633
		Quase Sempre	,06184	,12062	,956	-	,3730
	Sempre	Quase Nunca	-,49372	,20427	,076	-	,0333
		Quase Sempre	,04371	,12644	,986	1,020	,3699
	Quase Nunca	Quase Nunca	-,06184	,12062	,956	-	,2493
		Quase Sempre	-,55556	,22375	,064	-	,0217
	Sempre	Nunca	,59926(*)	,20776	,021	1,132	,0633
		Quase Nunca	,49372	,20427	,076	-	1,135
Quase Nunca	Quase Sempre	,55556	,22375	,064	-	1,020	
	Quase Nunca	-,26297(*)	,09745	,036	-	1,132	
Sempre	Quase Nunca	-,46469(*)	,14089	,006	-	1,132	
	Quase Sempre	-,76716(*)	,23150	,006	-	-	
Quase Nunca	Nunca	,26297(*)	,09745	,036	1,364	,1699	
	Quase Sempre	-,20172	,13440	,438	-	,5144	
Sempre	Quase Nunca	-,50419	,22761	,121	-	,1450	
	Quase Sempre	,46469(*)	,14089	,006	1,091	,0830	
Quase Nunca	Quase Nunca	,20172	,13440	,438	-	,5484	
	Quase Sempre	-,30247	,24932	,619	-	,3407	
Sempre	Quase Nunca				1,450		
	Quase Sempre				1,450		

LIGAÇÕES_ESCOLA	Sempre	Nunca	,76716(*)	,2315 0	,006	,1699	1,364 4
		Quase Nunca	,50419	,2276 1	,121	- ,0830	1,091 4
		Quase Sempre	,30247	,2493 2	,619	- ,3407	,9457
	Nunca	Quase Nunca	-,06240	,0862 6	,888	- ,2849	,1602
		Quase Sempre	-,07716	,1247 1	,926	- ,3989	,2446
		Sempre	-,62500(*)	,2049 3	,013	- 1,153	- ,0963
	Quase Nunca	Nunca	,06240	,0862 6	,888	- ,1602	,2849
		Quase Sempre	-,01477	,1189 7	,999	- ,3217	,2922
		Sempre	-,56260(*)	,2014 8	,028	- 1,082	- ,0428
	Quase Sempre	Nunca	,07716	,1247 1	,926	- ,2446	,3989
		Quase Nunca	,01477	,1189 7	,999	- ,2922	,3217
		Sempre	-,54784	,2207 0	,064	- 1,117	,0215
	Sempre	Nunca	,62500(*)	,2049 3	,013	,0963	1,153 7
		Quase Nunca	,56260(*)	,2014 8	,028	,0428	1,082 4
Quase Sempre		,54784	,2207 0	,064	- ,0215	1,117 2	

* The mean difference is significant at the .05 level.

Interesse pela Política

Dependent Variable	(I) Int_Politica	(J) Int_Politica	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
CONFIANÇA	Nenhum	Pouco	,27991(*)	,08802	,009	,0529	,5070
		Algum	,04849	,08163	,934	-,1621	,2591
		Muito	,11483	,09602	,630	-,1329	,3625
	Pouco	Nenhum	-,27991(*)	,08802	,009	-,5070	-,0529

		Algum	-,23143(*)	,07249	,008	-,4184	-,0444
		Muito	-,16509	,08838	,244	-,3931	,0629
	Algum	Nenhum	-,04849	,08163	,934	-,2591	,1621
		Pouco	,23143(*)	,07249	,008	,0444	,4184
		Muito	,06634	,08202	,850	-,1453	,2779
	Muito	Nenhum	-,11483	,09602	,630	-,3625	,1329
		Pouco	,16509	,08838	,244	-,0629	,3931
		Algum	-,06634	,08202	,850	-,2779	,1453
PRÓ_ACTIVIDADE	Nenhum	Pouco	,11942	,07252	,354	-,0677	,3065
		Algum	-,17913(*)	,06726	,040	-,3526	-,0056
		Muito	-,20236	,07911	,043	-,4065	,0017
	Pouco	Nenhum	-,11942	,07252	,354	-,3065	,0677
		Algum	-,29855(*)	,05973	,000	-,4526	-,1445
		Muito	-,32178(*)	,07282	,000	-,5096	-,1339
	Algum	Nenhum	,17913(*)	,06726	,040	,0056	,3526
		Pouco	,29855(*)	,05973	,000	,1445	,4526
		Muito	-,02323	,06758	,986	-,1976	,1511
	Muito	Nenhum	,20236	,07911	,053	-,0017	,4065
		Pouco	,32178(*)	,07282	,000	,1339	,5096
		Algum	,02323	,06758	,986	-,1511	,1976
PARTICIPAÇÃO	Nenhum	Pouco	,09850	,10233	,771	-,1655	,3625
		Algum	-,14560	,09491	,418	-,3904	,0992
		Muito	-,21428	,11163	,221	-,5023	,0737
	Pouco	Nenhum	-,09850	,10233	,771	-,3625	,1655

		Algum	-,24411(*)	,08428	,021	-,4615	-,0267
		Muito	-,31278(*)	,10275	,013	-,5779	-,0477
	Algum	Nenhum	,14560	,09491	,418	-,0992	,3904
		Pouco	,24411(*)	,08428	,021	,0267	,4615
		Muito	-,06868	,09536	,889	-,3147	,1773
	Muito	Nenhum	,21428	,11163	,221	-,0737	,5023
		Pouco	,31278(*)	,10275	,013	,0477	,5779
		Algum	,06868	,09536	,889	-,1773	,3147
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Nenhum	Pouco	,16987	,08437	,185	-,0478	,3875
		Algum	-,15401	,07825	,202	-,3559	,0479
		Muito	-,25646(*)	,09205	,028	-,4939	-,0190
	Pouco	Nenhum	-,16987	,08437	,185	-,3875	,0478
		Algum	-,32388(*)	,06949	,000	-,5032	-,1446
		Muito	-,42633(*)	,08472	,000	-,6449	-,2078
	Algum	Nenhum	,15401	,07825	,202	-,0479	,3559
		Pouco	,32388(*)	,06949	,000	,1446	,5032
		Muito	-,10245	,07863	,562	-,3053	,1004
	Muito	Nenhum	,25646(*)	,09205	,028	,0190	,4939
		Pouco	,42633(*)	,08472	,000	,2078	,6449
		Algum	,10245	,07863	,562	-,1004	,3053
VALOR_VIDA	Nenhum	Pouco	-,03098	,12185	,994	-,3453	,2834
		Algum	-,27831	,11301	,067	-,5699	,0132
		Muito	-,42156(*)	,13293	,009	-,7645	-,0786
	Pouco	Nenhum	,03098	,12185	,994	-,2834	,3453

		Algun		-,24732	,10036	,067	-,5062	,0116
		Muito		-,39057(*)	,12236	,008	-,7062	-,0749
	Algun	Nenhum		,27831	,11301	,067	-,0132	,5699
		Pouco		,24732	,10036	,067	-,0116	,5062
		Muito		-,14325	,11356	,588	-,4362	,1497
	Muito	Nenhum		,42156(*)	,13293	,009	,0786	,7645
		Pouco		,39057(*)	,12236	,008	,0749	,7062
		Algun		,14325	,11356	,588	-,1497	,4362
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Nenhum	Pouco		-,14583	,12078	,623	-,4574	,1658
		Algun		-,26846	,11202	,079	-,5575	,0205
		Muito		-,27523	,13177	,158	-,6152	,0647
	Pouco	Nenhum		,14583	,12078	,623	-,1658	,4574
		Algun		-,12263	,09948	,606	-,3793	,1340
		Muito		-,12940	,12128	,710	-,4423	,1835
	Algun	Nenhum		,26846	,11202	,079	-,0205	,5575
		Pouco		,12263	,09948	,606	-,1340	,3793
		Muito		-,00677	,11256	1,000	-,2972	,2836
	Muito	Nenhum		,27523	,13177	,158	-,0647	,6152
		Pouco		,12940	,12128	,710	-,1835	,4423
		Algun		,00677	,11256	1,000	-,2836	,2972
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Nenhum	Pouco		,22365	,13354	,338	-,1209	,5682
		Algun		,09500	,12385	,869	-,2245	,4145
		Muito		-,41047(*)	,14568	,026	-,7863	-,0346
	Pouco	Nenhum		-,22365	,13354	,338	-,5682	,1209

		Algum	-,12865	,10999	,646	-,4124	,1551
		Muito	-,63412(*)	,13409	,000	-,9801	-,2882
	Algum	Nenhum	-,09500	,12385	,869	-,4145	,2245
		Pouco	,12865	,10999	,646	-,1551	,4124
		Muito	-,50547(*)	,12445	,000	-,8265	-,1844
	Muito	Nenhum	,41047(*)	,14568	,026	,0346	,7863
		Pouco	,63412(*)	,13409	,000	,2882	,9801
		Algum	,50547(*)	,12445	,000	,1844	,8265
LIGAÇÕES_ESCOLA	Nenhum	Pouco	,32906(*)	,11619	,025	,0293	,6288
		Algum	-,17212	,10776	,381	-,4501	,1059
		Muito	-,07727	,12676	,929	-,4043	,2497
	Pouco	Nenhum	-,32906(*)	,11619	,025	-,6288	-,0293
		Algum	-,50118(*)	,09570	,000	-,7481	-,2543
		Muito	-,40633(*)	,11667	,003	-,7073	-,1053
	Algum	Nenhum	,17212	,10776	,381	-,1059	,4501
		Pouco	,50118(*)	,09570	,000	,2543	,7481
		Muito	,09485	,10828	,817	-,1845	,3742
	Muito	Nenhum	,07727	,12676	,929	-,2497	,4043
		Pouco	,40633(*)	,11667	,003	,1053	,7073
		Algum	-,09485	,10828	,817	-,3742	,1845

Felicidade

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) Felicidade	(J) Felicidade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
CONFIANÇA	Pouco Feliz	Feliz	-,03929	,11528	,938	-,3105	,2319
		Muito Feliz	-,21808	,11895	,160	-,4979	,0617
	Feliz	Pouco Feliz	,03929	,11528	,938	-,2319	,3105
		Muito Feliz	-,17879(*)	,06100	,010	-,3223	-,0353
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,21808	,11895	,160	-,0617	,4979
		Feliz	,17879(*)	,06100	,010	,0353	,3223
PRÓ_ACTIVIDADE	Pouco Feliz	Feliz	-,39984(*)	,09554	,000	-,6246	-,1751
		Muito Feliz	-,47282(*)	,09858	,000	-,7047	-,2409
	Feliz	Pouco Feliz	,39984(*)	,09554	,000	,1751	,6246
		Muito Feliz	-,07299	,05055	,319	-,1919	,0459
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,47282(*)	,09858	,000	,2409	,7047
		Feliz	,07299	,05055	,319	-,0459	,1919
PARTICIPAÇÃO	Pouco Feliz	Feliz	-,45148(*)	,13345	,002	-,7654	-,1376
		Muito Feliz	-,46700(*)	,13769	,002	-,7909	-,1431
	Feliz	Pouco Feliz	,45148(*)	,13345	,002	,1376	,7654
		Muito Feliz	-,01552	,07061	,974	-,1816	,1506
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,46700(*)	,13769	,002	,1431	,7909

		Feliz	,01552	,07061	,974	-,1506	,1816
LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Pouco Feliz	Feliz	-,46952(*)	,10917	,000	-,7263	-,2127
		Muito Feliz	-,67555(*)	,11264	,000	-,9405	-,4106
	Feliz	Pouco Feliz	,46952(*)	,10917	,000	,2127	,7263
		Muito Feliz	-,20603(*)	,05777	,001	-,3419	-,0701
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,67555(*)	,11264	,000	,4106	,9405
		Feliz	,20603(*)	,05777	,001	,0701	,3419
VALOR_VIDA	Pouco Feliz	Feliz	-	,13161	,000	-	-,9783
		Muito Feliz	1,28787(*)	,13580	,000	1,5975	-1,5490
	Feliz	Pouco Feliz	1,28787(*)	,13161	,000	,9783	1,5975
		Muito Feliz	-,58060(*)	,06964	,000	-,7444	-,4168
	Muito Feliz	Pouco Feliz	1,86847(*)	,13580	,000	1,5490	2,1879
		Feliz	,58060(*)	,06964	,000	,4168	,7444
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Pouco Feliz	Feliz	-,21028	,15796	,379	-,5819	,1613
		Muito Feliz	-,06244	,16299	,922	-,4459	,3210
	Feliz	Pouco Feliz	,21028	,15796	,379	-,1613	,5819
		Muito Feliz	,14784	,08359	,181	-,0488	,3445
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,06244	,16299	,922	-,3210	,4459
		Feliz	-,14784	,08359	,181	-,3445	,0488
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Pouco Feliz	Feliz	-,23502	,17877	,388	-,6556	,1855
		Muito Feliz	-,26117	,18446	,334	-,6951	,1728
	Feliz	Pouco Feliz	,23502	,17877	,388	-,1855	,6556
		Muito Feliz	-,02615	,09460	,959	-,2487	,1964
	Muito Feliz	Pouco Feliz	,26117	,18446	,334	-,1728	,6951

LIGAÇÕES_ESCOLA		Feliz	,02615	,09460	,959	-,1964	,2487	
	Pouco	Feliz	-	,13543	,000	-	-,7379	
	Feliz	Feliz	1,05644(*)			1,3750		
		Muito	Feliz	-	,13974	,000	-	-1,2234
		Feliz	Feliz	1,55213(*)			1,8809	
		Feliz	Pouco	1,05644(*)	,13543	,000	,7379	1,3750
		Feliz	Feliz					
		Muito	Feliz	-,49569(*)	,07166	,000	-,6643	-,3271
	Muito	Pouco	1,55213(*)	,13974	,000	1,2234	1,8809	
	Feliz	Feliz						
		Feliz	,49569(*)	,07166	,000	,3271	,6643	

* The mean difference is significant at the .05 level.

Televisão

Multiple Comparisons

Tukey HSD

Dependent Variable	(I) TV	(J) TV	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence	
						Lower Bound	Upper Bound
CONFIANÇA	Raramente	Poucas Vezes	,25486	,12343	,167	-,0636	,5733
		Algumas Vezes	,03947	,10412	,981	-,2291	,3081
		Maioria Vezes	,01199	,10496	,999	-,2588	,2828
	Poucas Vezes	Raramente	-,25486	,12343	,167	-,5733	,0636
		Algumas Vezes	-,21538	,09204	,091	-,4528	,0221
		Maioria Vezes	-,24287(*)	,09299	,046	-,4828	-,0030

PRÓ_ACTIVIDADE	Algumas Vezes	Raramente	-,03947	,10412	,981	-,3081	,2291
		Poucas Vezes	,21538	,09204	,091	-,0221	,4528
		Maioria Vezes	-,02748	,06523	,975	-,1958	,1408
	Maioria Vezes	Raramente	-,01199	,10496	,999	-,2828	,2588
		Poucas Vezes	,24287(*)	,09299	,046	,0030	,4828
		Algumas Vezes	,02748	,06523	,975	-,1408	,1958
	Raramente	Poucas Vezes	-,07973	,10311	,867	-,3457	,1863
		Algumas Vezes	-,27903(*)	,08698	,008	-,5034	-,0546
		Maioria Vezes	-,18047	,08769	,169	-,4067	,0457
	Poucas Vezes	Raramente	,07973	,10311	,867	-,1863	,3457
		Algumas Vezes	-,19929(*)	,07689	,048	-,3977	-,0009
		Maioria Vezes	-,10074	,07769	,566	-,3012	,0997
	Algumas Vezes	Raramente	,27903(*)	,08698	,008	,0546	,5034
		Poucas Vezes	,19929(*)	,07689	,048	,0009	,3977
		Maioria Vezes	,09855	,05449	,271	-,0420	,2391
PARTICIPAÇÃO	Maioria Vezes	Raramente	,18047	,08769	,169	-,0457	,4067
		Poucas Vezes	,10074	,07769	,566	-,0997	,3012
		Algumas Vezes	-,09855	,05449	,271	-,2391	,0420
	Raramente	Poucas Vezes	,26478	,14176	,244	-,1010	,6305
		Algumas Vezes	-,16393	,11959	,518	-,4725	,1446
		Maioria Vezes	-,06507	,12056	,949	-,3761	,2459
	Poucas Vezes	Raramente	-,26478	,14176	,244	-,6305	,1010
		Algumas Vezes	-,42871(*)	,10572	,000	-,7014	-,1560
		Maioria Vezes	-,32985(*)	,10681	,012	-,6054	-,0543

LIGAÇÕES_FAMÍLIA	Algumas Vezes	Raramente	,16393	,11959	,518	-,1446	,4725	
		Poucas Vezes	,42871(*)	,10572	,000	,1560	,7014	
		Maioria Vezes	,09885	,07492	,551	-,0944	,2921	
	Maioria Vezes	Raramente	,06507	,12056	,949	-,2459	,3761	
		Poucas Vezes	,32985(*)	,10681	,012	,0543	,6054	
		Algumas Vezes	-,09885	,07492	,551	-,2921	,0944	
		Raramente	Poucas Vezes	-,17055	,12134	,497	-,4836	,1425
			Algumas Vezes	-,22906	,10236	,115	-,4931	,0350
			Maioria Vezes	-,15132	,10318	,459	-,4175	,1149
		Poucas Vezes	Raramente	,17055	,12134	,497	-,1425	,4836
			Algumas Vezes	-,05851	,09048	,917	-,2919	,1749
			Maioria Vezes	,01923	,09142	,997	-,2166	,2551
VALOR_VIDA	Algumas Vezes	Raramente	,22906	,10236	,115	-,0350	,4931	
		Poucas Vezes	,05851	,09048	,917	-,1749	,2919	
		Maioria Vezes	,07774	,06412	,619	-,0877	,2432	
	Maioria Vezes	Raramente	,15132	,10318	,459	-,1149	,4175	
		Poucas Vezes	-,01923	,09142	,997	-,2551	,2166	
		Algumas Vezes	-,07774	,06412	,619	-,2432	,0877	
		Raramente	Poucas Vezes	-,49190(*)	,16688	,018	-,9224	-,0614
			Algumas Vezes	-,74823(*)	,14078	,000	- 1,1114	-,3850
			Maioria Vezes	-,50706(*)	,14192	,002	-,8732	-,1409
		Poucas Vezes	Raramente	,49190(*)	,16688	,018	,0614	,9224
			Algumas Vezes	-,25633	,12445	,168	-,5774	,0647
			Maioria Vezes	-,01516	,12573	,999	-,3395	,3092

	Algumas Vezes	Raramente	,74823(*)	,14078	,000	,3850	1,1114
		Poucas Vezes	,25633	,12445	,168	-,0647	,5774
		Maioria Vezes	,24118(*)	,08819	,033	,0137	,4687
	Maioria Vezes	Raramente	,50706(*)	,14192	,002	,1409	,8732
		Poucas Vezes	,01516	,12573	,999	-,3092	,3395
		Algumas Vezes	-,24118(*)	,08819	,033	-,4687	-,0137
TOLERÂNCIA_DIVERSIDADE	Raramente	Poucas Vezes	-,03745	,16859	,996	-,4724	,3975
		Algumas Vezes	-,00016	,14222	1,000	-,3671	,3667
		Maioria Vezes	,16696	,14337	,650	-,2029	,5368
	Poucas Vezes	Raramente	,03745	,16859	,996	-,3975	,4724
		Algumas Vezes	,03729	,12572	,991	-,2870	,3616
		Maioria Vezes	,20441	,12702	,374	-,1233	,5321
	Algumas Vezes	Raramente	,00016	,14222	1,000	-,3667	,3671
		Poucas Vezes	-,03729	,12572	,991	-,3616	,2870
		Maioria Vezes	,16712	,08909	,240	-,0627	,3970
	Maioria Vezes	Raramente	-,16696	,14337	,650	-,5368	,2029
		Poucas Vezes	-,20441	,12702	,374	-,5321	,1233
		Algumas Vezes	-,16712	,08909	,240	-,3970	,0627
LIGAÇÕES_VIZINHANÇA	Raramente	Poucas Vezes	,12955	,18959	,903	-,3595	,6187
		Algumas Vezes	-,20956	,15993	,557	-,6222	,2030
		Maioria Vezes	-,00035	,16122	1,000	-,4163	,4156
	Poucas Vezes	Raramente	-,12955	,18959	,903	-,6187	,3595
		Algumas Vezes	-,33912	,14138	,079	-,7038	,0256
		Maioria Vezes	-,12990	,14283	,800	-,4984	,2386

LIGAÇÕES_ESCOLA	Algumas Vezes	Raramente	,20956	,15993	,557	-,2030	,6222	
		Poucas Vezes	,33912	,14138	,079	-,0256	,7038	
		Maioria Vezes	,20921	,10019	,159	-,0493	,4677	
	Maioria Vezes	Raramente	,00035	,16122	1,000	-,4156	,4163	
		Poucas Vezes	,12990	,14283	,800	-,2386	,4984	
		Algumas Vezes	-,20921	,10019	,159	-,4677	,0493	
		Raramente	Poucas Vezes	-,74055(*)	,15802	,000	- 1,1482	-,3329
			Algumas Vezes	-,91613(*)	,13330	,000	- 1,2600	-,5722
			Maioria Vezes	-,84350(*)	,13438	,000	- 1,1902	-,4968
		Poucas Vezes	Raramente	,74055(*)	,15802	,000	,3329	1,1482
			Algumas Vezes	-,17558	,11784	,444	-,4796	,1284
			Maioria Vezes	-,10295	,11905	,823	-,4101	,2042
		Algumas Vezes	Raramente	,91613(*)	,13330	,000	,5722	1,2600
			Poucas Vezes	,17558	,11784	,444	-,1284	,4796
			Maioria Vezes	,07263	,08351	,820	-,1428	,2881
		Maioria Vezes	Raramente	,84350(*)	,13438	,000	,4968	1,1902
			Poucas Vezes	,10295	,11905	,823	-,2042	,4101
			Algumas Vezes	-,07263	,08351	,820	-,2881	,1428

* The mean difference is significant at the .05 level.

**ANEXO G -- ANÁLISE DE VARIÂNCIAS DAS VARIÁVEIS “VOTAR”;
 “CONFIANÇA NOS POLÍTICOS”; “INTERESSE PELA POLÍTICA”;
 “FELICIDADE”; “TELEVISÃO”, TENDO EM CONTA O FACTOR GÉNERO**

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Votar	Between Groups	2,738	1	2,738	2,357	,125
	Within Groups	468,067	403	1,161		
	Total	470,805	404			
Confia_Políticos	Between Groups	29,445	1	29,445	54,338	,000
	Within Groups	218,382	403	,542		
	Total	247,827	404			
Int_Politica	Between Groups	10,934	1	10,934	11,759	,001
	Within Groups	374,711	403	,930		
	Total	385,644	404			
Felicidade	Between Groups	,066	1	,066	,191	,662
	Within Groups	139,134	403	,345		
	Total	139,200	404			
TV	Between Groups	18,259	1	18,259	21,937	,000
	Within Groups	335,435	403	,832		
	Total	353,694	404			

**ANEXO H -- ANÁLISE DE VARIÂNCIAS DAS VARIÁVEIS “VOTAR”;
“CONFIANÇA NOS POLÍTICOS”; “INTERESSE PELA POLÍTICA”;
“FELICIDADE”; “TELEVISÃO”, TENDO EM CONTA O FACTOR
EXERCÍCIO FÍSICO**

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Votar	Between Groups	14,322	1	14,322	12,644	,000
	Within Groups	456,483	403	1,133		
	Total	470,805	404			
Confia_Políticos	Between Groups	,002	1	,002	,004	,953
	Within Groups	247,825	403	,615		
	Total	247,827	404			
Int_Politica	Between Groups	3,601	1	3,601	3,799	,052
	Within Groups	382,043	403	,948		
	Total	385,644	404			
Felicidade	Between Groups	3,998	1	3,998	11,917	,001
	Within Groups	135,202	403	,335		
	Total	139,200	404			
TV	Between Groups	10,122	1	10,122	11,873	,001
	Within Groups	343,572	403	,853		
	Total	353,694	404			

ANEXO I

Estamos a fazer um trabalho de investigação na área da Psicologia Comunitária, no **Instituto Superior de Psicologia Aplicada**, sobre Capital Social e pretendemos avaliar a qualidade das ligações e a confiança que temos uns com os outros.

Este questionário é totalmente **confidencial** e **anónimo**. Não há respostas certas ou erradas, pretendendo-se apenas, a sua opinião pessoal e sincera. É muito importante que responda com **espontaneidade** e **honestidade**. É utilizada uma escala de 4 pontos para que possa escolher a intensidade das suas respostas.

Os nossos profundos agradecimentos pela colaboração!

1. *Alguma vez apanhou o lixo de outras pessoas num espaço público?*

Não, nunca

Sim, frequentemente

1

2

3

4

2. *Gosta de viver entre pessoas com diferentes estilos de vida (ex., orientações religiosas)?*

Não, nem por isso

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

3. *Ajuda um grupo local, como voluntário?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, frequentemente (pelo menos 1 vez por semana)

1

2

3

4

4. *Sente-se seguro ao andar pela sua rua depois de escurecer?*

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

5. *Concorda que a maioria das pessoas são de confiança?*

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

6. *Se alguém avariasse o carro à porta da sua casa, convidava-o a entrar para usar o telefone?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

7. *Quando precisa pode contar com a ajuda de amigos?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

8. *A sua área de residência tem reputação de ser um lugar seguro?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

9. *Se estivesse a tomar conta de uma criança e precisasse de sair por alguns instantes, pediria ajuda a um vizinho?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

10. *Visitou algum vizinho na semana passada?*

Não, de maneira nenhuma

Sim, frequentemente

1

2

3

4

11. Sente-se valorizado pela sociedade?

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

12. Participou em algum evento da sua comunidade local nos últimos 6 meses (ex: encontro na igreja, concerto numa escola, exposições, etc.)?

Não, de maneira nenhuma

Sim, varios (pelo menos 3)

1

2

3

4

13. Algumas pessoas acreditam que ajudando os outros estão a ajudar-se a si próprias a longo prazo. Concorda?

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

14. É um membro activo duma organização ou clube local (ex., de desporto, clube social, etc.)?

Não, de maneira nenhuma

Sim, muito activo

1

2

3

4

15. Sente-se em casa na sua comunidade local?

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

16. Na passada semana, quantas conversas por telefone teve com amigos?

Nenhuma
6)

Muitas (pelo menos

1

2

3

4

17. Com quantas pessoas falou ontem?

Nenhuma
6)

Muitas (pelo menos

1

2

3

4

18. Durante o fim-de-semana almoça ou janta com outras pessoas fora do seu agregado familiar?

Não, nem por isso

Sim, quase sempre

1

2

3

4

19. Sai da sua área local para visitar família que reside longe?

Não, nem por isso

Sim, quase sempre

1

2

3

4

20. Sente que a sua vida tem tido objectivos e sentido?

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

21. Quando vai às compras na sua área local é provável que se cruze com amigos e conhecidos?

Não, nem por isso

Sim, quase sempre

1

2

3

4

22. Se precisar de informação para tomar uma decisão na sua vida, sabe onde encontrá-la?

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

23. Nos últimos 6 meses, fez algum favor a um vizinho?

Não, nunca

Sim, frequentemente

(pelo menos 5
vezes)

1

2

3

4

24. Faz parte ou colabora nas decisões de algum grupo ou organização local?

Não, de maneira nenhuma
3)

Sim, vários (pelo menos

1

2

3

4

25. Nos últimos 3 anos, alguma vez se juntou a uma acção de uma comunidade local para lidar com uma emergência?

Não, nunca

Sim, frequentemente

(pelo menos 5
vezes)

1

2

3

4

26. Nos últimos 3 anos fez parte de algum projecto de uma comunidade local?

Não, nenhum

Sim, muitos

1

2

3

4

27. Já alguma vez fez parte da organização de um projecto ou serviço na sua área (ex., clube juvenil, escuteiros, cuidar de crianças, recreação para deficientes)?

Não, nem por isso
3)

Sim, várias (pelo menos

1

2

3

4

28. Se discordar com tudo o que os outros concordam, sentir-se-ia livre para dizê-lo em público?

Não, nem por isso

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

29. Acha que a existência de pessoas com culturas diferentes na sua área local, torna a sua vida melhor?

Não, nem por isso

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

30. Se um desconhecido, alguém diferente, mudasse para a sua rua, seria aceite pelos vizinhos?

Não, dificilmente

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

31. Hoje, sente-se satisfeito com o significado da sua vida?

Não, nem por isso

Sim, muito

1

2

3

4

32. Os seus colegas de escola são também seus amigos?

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

33. Sente-se parte de uma equipa na escola?

Não, de maneira nenhuma

Sim, sem dúvida

1

2

3

4

34. Na passada semana, na escola, ajudou alguém?

Não, de maneira nenhuma

Sim, varias vezes

1

2

3

4

35. Costuma votar nas eleições da escola?

Nunca

Quase nunca

Quase sempre

Sempre

1

2

3

4

36. Confiar nos políticos para tomar decisões que nos afectam?

Nunca

Quase nunca

Quase sempre

Sempre

1

2

3

4

37. Que interesse tem pela política e assuntos nacionais?

Nenhum

Pouco

Algum

Muito

1

2

3

4

38. Tendo em conta todas as coisas diria que é...

*Nada feliz
feliz*

Pouco feliz

Feliz

Muito

1

2

3

4

39. Vê TV nas suas horas vagas?

*Raramente
vezes*

Poucas vezes

Algumas vezes

A maioria das

1

2

3

4

40. Qual é o seu sexo?

1 - Feminino

2 - Masculino

41. Qual é a sua idade?

_____ Anos

42. Pratica exercício físico regularmente?

1 - Não

2 - Sim

43. Em que distrito nasceu?

_____ (ex: Lisboa, Porto, Faro, etc)